

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL
MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL

ERICK CARVALHO DE MELLO

A MEMÓRIA CULTURAL CELTA:

Celticidade, celtitude e resistência identitária na Irlanda e Galiza.

Rio de Janeiro

2014

ERICK CARVALHO DE MELLO

A MEMÓRIA CULTURAL CELTA:

Celticidade, celtitude e resistência identitária na Irlanda e Galiza.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Linha: Memória e Espaço.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Pereira da Silva.

Rio de Janeiro
2014

ERICK CARVALHO DE MELLO

A MEMÓRIA CULTURAL CELTA:

Celticidade, celtitude e resistência identitária na Irlanda e Galiza.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Sérgio Luiz Pereira da Silva (Orientador)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Doyle louzadaDodebei

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr XoánCarlos Lagares Diez

Universidade Federal Flumnense (UFF)

M527 Mello, Erick Carvalho de.
A memória cultural celta : celticidade, celtitude e resistência identitária na Irlanda e Galiza / Erick Carvalho de Mello, 2014.
136 f. ; 30 cm

Orientador: Sérgio Luiz Pereira da Silva.
Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

1. Celtas - Civilização. 2. Irlanda. 3. Galiza (Espanha : Região).
4. Memória – Aspectos sociais. I. Silva, Sérgio Luiz Pereira da.
II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Memória Social.
III. Título.

CDD – 936.4

*“When Pearse summoned Cuchulainn to his side,
What stalked through the Post Office? What Intellect,
What calculation, number, measurement, replied?*

*We Irish, born into that ancient sect
But thrown upon this filthy modern tide
And by its formless spawning fury wrecked,
Climb to our proper dark, that we may trace
The lineaments of a plummet-measured face.”*

- W.B.Yeats. The Statues.

*“Hoxe, a estrela inmorrente do celtismo,
vólves’ alcender pra alumear ó mundo...*

Él brilhará logo pra Eirin do Sur?”

- Vicente Risco, Revista Nós, nº 8, 1921.

*Aos meus pais e a todos aqueles
que nesses anos todos ao meu lado
viveram o 'sonho' celta.*

Agradecimentos

Um trabalho deste tipo deve muitos agradecimentos. Afinal, o processo de criação deste texto se assemelhou em muitos momentos a um sonho céltico dos mais tradicionais, uma ‘aisling’ repleta de figuras incríveis que me ajudaram em momentos dos mais variados nesta pequena jornada.

Muitos são os grupos pelos quais transitei e muitas foram as contribuições. Primeiro e antes de qualquer menção, eu devo agradecer aos meus pais Sergio e Angelina não apenas por serem os meus pais, mas por me darem todo o suporte e carinho necessários para eu prosseguir em momentos de dúvida e onde eu poderia ter fraquejado. Mesmo sem entender o que são celtas, vocês aprenderam a conviver com esses estranhos na casa de vocês e souberam como ninguém lutar o bom combate ao meu lado. Vocês foram e sempre serão meus guerreiros celtas.

Em todos esses anos ganhei força de muitos amigos. Em especial eu tenho de agradecer e muito ao Renato dos Santos Cerqueira, Natalia Veiga e Tiago Queiroz por serem meus grandes companheiros em todos esses anos e por me acolherem em seus corações e em suas vidas.

Na Unirio aprendi como a transversalidade promove amizades incríveis e profícuas academicamente. Agradeço a Renee Maia, Marcos Barreto, Sonia Cavallini e Lucas Alvares pelas conversas e convivência em tantos momentos. Obviamente não poderia deixar de agradecer ao Professor Sérgio, meu orientador nesse trabalho e que sempre me acolheu imensamente bem e sempre me apontou o melhor caminho a seguir. Trouxe-me seriedade acadêmica e soube ser além de um orientador um grande exemplo.

Voltando um pouco mais atrás, eu não poderia também deixar de agradecer aos amigos que minha formação inicial em História me trouxe. Da UFF e dos congressos em História ganhei grandes amigos que me ajudaram tanto na pesquisa como também fora dela. Não posso deixar de citar aqui meus amigos da época de C.E.I.A. Sandro Teixeira, Gustavo e Renato Silva. Grandes amigos que muito me ensinaram não apenas na vida acadêmica, mas com o valor da amizade dentro desse mundo universitário. Algo tão raro e que sempre guardarei com carinho.

Ainda da UFF não posso deixar de agradecer a existência da Bárbara Araújo, grande amiga e confidente que me escutou tanto. Sou eternamente grato pela grande amizade. Também gostaria de agradecer a Gabriela Cavalheiro por todas as conversas e cafés mesmo por *skype* em ligação Londres-Rio de Janeiro. Agradeço também a Eliza pelas conversas sobre a vida e pelas investidas teatrais em nossa cidade. Obrigado também Carolina Walliter por dividir dúvidas e risadas e ser essa companheira de aventuras cariocas e pela América latina.

Para fora de nossas fronteiras locais eu tenho de agradecer a professora Luciana por ter acreditado em mim desde 2006 e por me ensinar o que é ser um celta resistente. Nesta luta diária também não posso esquecer meu amigo Pablo Miranda, o ‘viking do sertão’ que partilha de muitas das minhas visões sobre academia e sobre a vida.

Também sou grato aos amigos do ‘clã Oenach’ que me mostraram como as celticidades podem criar um estilo de vida todo especial e repleto de vitalidade resistente.

Também sou grato aos professores e amigos membros da Associação brasileira de estudos irlandeses, a ABEI que nestes anos de mestrado muito me ajudaram no refinamento deste trabalho. Agradeço também ao professor Xoán Lagares do Núcleo de Estudos Galegos da UFF pelas conversas e participação direta no meu aprofundamento acadêmico sobre a Galiza. Igualmente importantes foram os debates de todos os envolvidos no GT de estudos célticos de Uberlândia com boas informações e críticas que em muito me ajudaram a pensar certos pontos desta pesquisa.

Além disso, não posso deixar de agradecer a imensa ajuda de professores e pesquisadores fora das terras brasileiras. Em especial ao professor Xoán Paredes que tanto me ajudou durante o tempo que fiquei na Galiza. Também importantes foram os contatos com o trabalho e indicações feitas pelo professor André Pena Granha e Raimund Karl que me ajudaram dar forma a muitas de minhas posições sobre o celtismo na franja céltica direta ou indiretamente.

Enfim, desculpe se nestes breves agradecimentos alguém ficou faltando. Foi uma jornada interessante e repleta de descobertas. Incontáveis foram as noites passadas em claro, lendo, escrevendo e pensando mantidas por energético, café e música ambiente. Obrigado a todos os irlandeses e galegos que fizeram parte desta pesquisa e que me ensinaram muito em nosso convívio. Esta dissertação agradece a todos vocês que partilharam deste sonho celta.

RESUMO

Este trabalho analisa a formação identitária celta que se apoia em elementos culturais célticos da antiguidade e medievo para legitimar-se como uma identidade de resistência (Manuel Castells) em sua estruturação enquanto uma identidade étnica céltica (Fredrik Barth).

Nossa proposta utiliza a análise de representações iconográficas que nos permitem dialogar com as definições de celticidade e celtitude (Michael Dietler) e como isso incide na construção de uma comunidade imaginada (Benedict Anderson) que dialogue com elementos de legitimação de uma memória social céltica por meio das noções de etnicidade e suas fronteiras (Fredrik Barth) dentro da construção de uma identidade céltica galega e irlandesa de uso contemporâneo dos mais variados, seja no campo político, cultural ou mesmo enquanto commodity (David Harvey).

Palavras chaves: Memória, Celtas, Irlanda, Galiza.

ABSTRACT

This work analyzes the Celtic identity formation which is based on Celtic cultural elements of antiquity and medievalism to legitimize itself as a resistance identity (Manuel Castells) structured within an ethnic Celtic identity (Fredrik Barth).

Our proposal uses the analysis of iconographic representations that allow us to understand this subject through the concepts of Celticity and Celtitude (Michael Dietler) and how it goes within an imagined community (Benedict Anderson) that dialogues with elements of a Celtic social memory legitimized through the notions of ethnicity and its boundaries (Fredrik Barth) within the construction of a Galician and Irish Celtic identity with different contemporary usages, whether in the political field, cultural, or even as a commodity (David Harvey).

Key words: Memory, Celts, Ireland, Galiza.

Sumário:

1- Introdução	12
1.1 Uma Busca pelos celtas	15
1.2 Memória Social e celtismo	17
2- De Breogan a Cuchulainn: Mito, construção e aportes culturais.	
2.1 A construção Histórica céltica: entre o rigor acadêmico e as invenções das tradições.	24
2.2 Mitos de uma Irlanda ancestral: O Tain e o Colóquio dos Anciãos na tradição nacional	27
2.3 O Livro das invasões da Irlanda: manuscrito irlandês, leitura galega.	32
2.4 ícones e Símbolos celtas: a visualização da identidade celta moderna.	35
2.5 Imagens de um passado vivo: Registros visuais e representação mítica na espacialidade irlandesa e galega.	39
3- O que é “ser celta”? Entre a comunidade imaginada e a identidade de resistência.	
3.1 A Flexibilidade da identidade celta contemporânea.	65
3.2 Celticidade e Celtitude: Fatores estruturadores de um celticismo moderno?	66
3.3 Da comunidade imaginada a identidade de resistência: O discurso da outridade e as fronteiras simbólicas em disputa.	74
3.4 A Identidade étnica dos celtas: fronteiras étnicas e resistência política.	78
3.5 O Ativismo céltico irlandês: a valorização política da ‘raça celta’.	82
3.6 Visões da celtitude irlandesa e galega	87
3.7 Desafios do celtismo galego: Celtitude e conflitos políticos do galeguismo.	96
4 - A ‘Commodityzação’ céltica: Sociedade de consumo e valorização contemporânea.	
4.1 A Pluralidade de celticidades do mundo celta.	99
4.2 Espaços tradicionais e alternativos da representatividade céltica	109
4.3 A Cultura celta é homogênea ou heterogênea?	115
4.4 Da economia da celticidade a possibilidade de integração pela Memória.	119

Introdução

A designação celta é um conceito dentro da identidade política e da memória coletiva da história ocidental recente. Entre as diversas representações e tonalidades da cor verde, de músicas folk, signos e significados, algo de misterioso e de definição complexa paira sobre as diversas representações da celticidade e da celtitude.

Mas como se caracteriza este movimento identitário celta e como isso ganha contornos sociais dos mais diversos em nossa cultura ocidental? Seriam estes celtas modernos, bárbaros de festivais, herdeiros de uma cultura ancestral ou o termo celta não passaria de uma invenção moderna que em nada tem relação com os antigos celtas?

Essa identidade celta, mesmo com toda a sua flexibilidade, se forma em oposição a uma outra identidade dominante e se afirma bipolarmente resistente ¹por meio da construção da memória coletiva de celticidade mesclando signos e sentimentos identitários diversos. Mas como demonstrar estas formas de afirmação, atribuição e representação formadoras desta identidade celta?

De que forma este termo celta consegue mesclar sentimentos de identidade dos mais variados como em regiões que usam de suas representações para fins políticos? Geralmente, a sedução da identidade celta no século XXI é atribuída a ideia de que os celtas são espíritos livres, rebeldes, poéticos e adoradores da natureza. Os “magníficos perdedores” ²deslocados e fragmentados em um mundo de opressão. Esta é, inclusive, a premissa básica e inicial dessa identidade e do encantamento.

No entanto, essas caracterizações não respondem a dúvida que paira sobre essas diversas formas de representação, atribuição e reconhecimento que unem aspectos dos mais variados como idioma, território, formações históricas e sentimentos de pertencimento emocional a demandas políticas muitas vezes antagônicas que por meio de vivências diferentes de uma

¹CONSIDÈRE-CHARON, Marie-Claire. Irlande: Une singulière intégration européenne. Paris: Economica, 2002. Pp 190-191.

²O'NEILL, Tom. “Os doces barbaros: A cultura e o espírito indômito dos celtas ainda pulsam ao longo do litoral atlântico da Europa.” In: *National Geographic Brasil*, São Paulo: Abril, Ano 6; n° 72, março 2006.

mesma celticidade formam a base de uma memória coletiva existente em diversos grupos ao redor do mundo.

A perspectiva de uma Memória Coletiva aqui apresentada surge a partir dos debates feitos sobre o conceito desenvolvido por Maurice Halbwachs, desenvolvendo-se por meio da articulação entre grupos de lembranças partilhadas por vivências diferentes, mas que se comunicam em uma balança de interesses.

Esses interesses são melhor compreendidos dentro da pesquisa em Memória Social. Neste campo, associamos o celtismo junto ao enfrentamento de questões ligadas a grupos e identidades oriundos de Halbwachs e da escola de Durkheim em seu enfoque inicial, mas problematizados por outros autores como Astrid Erll, Michael Pollak etc. Isso sem mencionar a própria transversalidade inerente ao campo da Memória Social que chega a dialogar com Freud na psicanálise e Bergson na filosofia, por exemplo.

Neste sentido, as memórias coletivas inicialmente definidas por Halbwachs são compreendidas por nós enquanto coletivas, pois é constituída de imagens e esquemas do passado diretamente ligados aos grupos. Indivíduos não recordam sozinhos, pois são fruto dos quadros mnemônicos socialmente adquiridos na dinâmica social.

É justamente por isso que não caímos na total subjetividade do estudo dos ícones celtas e entendemos que as respostas para nossos questionamentos encontram-se na Memória Social e na melhor definição destes quadros sociais da memória em grupos célticos galegos e irlandeses.

As três classificações gerais propostas por Astrid Erll para um melhor entendimento da pluralidade analítica do campo da Memória devem ser levadas em consideração a todo o momento nesta dinâmica, por exemplo. Afinal, as dimensões materiais, sociais e mentais da cultura mnemônica estão presentes a cada análise dos signos celtas que pretendemos compreender. Isto sem falar da articulação existente entre os níveis de e memória individual e coletiva que visa um melhor entendimento da construção social ao redor destas memórias coletivas célticas.

Junto destas duas classificações propostas por Erll, temos também os modos de memória. Acreditamos inclusive que esta terceira classificação é basilar em nossa abordagem comparativa entre o celtismo existente na Galícia e Irlanda.

O Modo de memória proposta por Erll rompe a dicotomia existente entre a História e Memória e nos leva a pensar o celtismo para além do campo da oficialidade histórica versus a memória fluida e popular que permeiam não apenas o campo de memória a partir de Halbwachs, mas mesmo os estudos célticos.

Essa diferença de visão sobre o modo de lembrar e sua problematização a partir das diversas culturas configura-se a partir da ideia de que o passado não é algo dado e está continuamente sendo modificado. Esta concepção diferenciada do ‘como’ lembrar é vital no entendimento do celtismo contemporâneo, pois indica um caminho de entendimento transdisciplinar extremamente necessário para um campo de estudo lacunar como os estudos célticos.

É com esta proposta que norteamos nossa pesquisa céltica em meio a Memória Social. Estamos falando de diferentes percepções de uma mesma temática que formam com suas disputas algo que podemos chamar de céltico. Afinal, a cultura celta ou pelo menos aquilo que se credita algum elemento moderno de celticidade é consumida de diferentes formas e por diferentes grupos, alguns deles com discursos ambivalentes como no caso das querelas políticas entre republicanos e loyalistas³ irlandeses.

Como definir estas práticas e como relacioná-las com um conceito céltico reconhecido no mundo todo é dúvida recorrente. Até mesmo porque, a estruturação destes elementos quase sempre utilizam de elementos próprios de um projeto que busca a ruptura e a resistência de seus elementos célticos frente a outros hegemônicos. Como se estrutura essa resistência junto a esses elementos representacionais célticos?

³ Entendemos por ‘loyalista do Ulster’ aqui todo aquele ligado a ideologia pró-monarquia britânica e contrário a unificação das duas Irlandas. O ‘Loyalista do Ulster’ é uma variação do nacionalismo britânico, mas com um caráter étnico específico ligado a identidade do Ulster que busca uma rememoração de valores culturais locais do norte da Irlanda, muitos deles célticos.

Os caminhos para encontrarmos as respostas necessárias estão em estudarmos as diversas representações do termo celta na cultura ocidental, bem como suas formas de atribuição e reconhecimento que consomem este conceito identitário, buscando uma afirmação social por meio de práticas políticas e culturais próprias que os distinguem dos demais, relativamente nítidas no registro visual.

Uma busca pelos celtas

Na Europa, mesmo em pleno século XXI, não é difícil encontrar aqueles que busquem na antiguidade suas raízes. As causas são muitas. Os sentimentos de pertença encontram-se em ebulição pelos mais diversos fatores políticos, culturais e econômicos. Entre eles, o espectro do celtismo volta a rondar o velho continente. Pouco importa que os antigos celtas há muito desapareceram enquanto civilização. Ao longo do litoral atlântico europeu é relativamente fácil encontrar um “celta” com seus elementos simbólicos de celticidade a vagar pelos pubs com suas canções e deslocado, para não dizer perdido, entre sua pertença local, seu sentimento nacional oficial e até mesmo em escala mais ampla, europeu.

No entanto, buscar entender esse sentimento céltico nesta parte do mundo já não é tão fácil. As dúvidas são muitas e as formas como esta identidade se apresenta são tão variadas quanto antagônicas. Seguir o caminho dos antigos, por onde estes celtas modernos vivem, requer disposição para se embrenhar nos confins mais remotos do oeste europeu, terras que já na época dos antigos celtas os romanos chamavam de *Finisterrae*, o fim do mundo conhecido.

É nesta franja céltica atlântica que residem estes herdeiros dos chamados “gloriosos perdedores”, partilhando de valores e visões de mundo muitas vezes distintas dos grupos nacionais majoritários dos quais fazem parte. Não é por menos que David Harvey diz que ao buscarmos um melhor entendimento da celticidade moderna enquanto categoria nós contribuimos também para a solução de uma série de questões cruciais para a sociedade contemporânea como, por exemplo,

“(…) políticas de exclusão, divisão e subversão dentro dos supostamente unificados grupos folclóricos, a promoção da diferença como meio político, cultural ou econômico e a busca por identidade e pertença dentro de uma sociedade de consumo pós-moderna” (HARVEY, 2002. p. 4) .

Nestes locais afastados e periféricos, nós encontramos para além da chuva recorrente, monumentos contemporâneos e da antiguidade lado a lado. Ruínas megalíticas e estátuas urbanas retratando lendas apenas compreendidas em algum pub ou nas estantes de livros espalhadas por livrarias locais. Com um pouco de sorte – e, pra sermos sinceros, saindo dos grandes centros – nós podemos encontrar falas perdidas entre o som de uma flauta ou gaita de foles. Estas falas, muitas vezes proferidas no resistente idioma local, refletem sentimentos dos mais variados acerca do pertencimento céltico, muitos deles conflitantes.

Nestas falas locais residem lendas e vivências costuradas em meio a música tradicional destas regiões, das roupas, dos esportes tidos como exóticos (por serem praticados apenas nestas localidades) e no orgulho pessoal que cada um destes indivíduos leva no seu projeto reflexivo do seu eu celta carregado com o sotaque e experiências coletivas locais bem distantes das culturas nacionais britânicas e espanholas das quais por oficialidade deveriam pertencer.

A experiência céltica presente neste projeto reflexivo pessoal de uma *auto-identidade* é mesmo nestes termos de difícil tradução, inclusive entre os viventes destas periféricas terras tidas como célticas. Afinal, o que caracteriza uma terra céltica no final das contas? E mais do que isso, o que caracteriza a experiência identitária social céltica? Para além da conceituação acadêmica e histórica, nós acreditamos que a busca por um entendimento destes diferentes aportes que constituem uma fronteira étnica céltica (BARTH, 2011.) deve ter por norte aqueles que hoje batem no peito em orgulho de sua ascendência ancestral.

A Identidade social céltica aqui tem forte apoio em tradições inventadas das quais a música, a paisagem, o vestuário e suas representações visuais aparentam ocupar lugar de destaque. Entre os pubs e pequenos estabelecimentos onde a vida acontece, a pluralidade das vozes nos fala de antigas lendas, de mistérios dos mais variados e, sobretudo, de um folclore orgulhosamente local, mas que encontra paralelos em toda a franja céltica. Paralelo este já notado pelos antigos nacionalistas, bem verdade, mas que nos dias atuais é consumido de formas um tanto quanto diferenciadas, para não dizer diletantes.

Isto ocorre porque existe uma variação histórica do consumo identitário do céltico. O “ser celta” é estruturado de maneira diferenciada e suas leituras do passado em seu cotidiano

seguem uma complexa relação entre a formação de uma memória céltica individual que se nutre de diferentes memórias célticas coletivas. Entender como se comporta o campo da Memória Social junto ao celtismo é, nestes termos, o primeiro passo para se entender a própria forma que esta resistente cultura céltica se apresenta tanto na Galícia quanto na Irlanda atualmente.

Memória Social e celtismo

A Memória Social é um campo que dentro de sua estrutura plural é definido por sua transversalidade. Nossa proposta ao longo deste trabalho não é discorrer sobre as diferentes aplicações da Memória Social, mas enquadrá-la junto as questões relativas ao estudo da formação identitária céltica.

O debate acerca da memória, seus usos e abusos é, em grande parte, um debate sobre a formação de identidades. Neste contexto, os celtas aparecem como uma sedutora expressão identitária do século XXI na Europa e entende-la demanda uma imersão ao campo da memória social e, sobretudo, suas representações.

É neste ponto que precisamos dos meios adequados para nos embrenharmos nas representações do celticismo moderno. A priori, a melhor maneira de captar as diferentes tensões e debates pelos quais a memória do celtismo se constrói é o campo visual. Ousamos adentrar na dimensão material e por meio dela chegarmos ao nível social da mesma.

Para que nos façamos entender melhor é preciso compreender que nossa busca pelas representações do celticismo se correlaciona com certos aportes culturais e que interagem diretamente com a produção mnemônica como nos esclarece, por exemplo, a proposta de Astrid Erll ao definir os aspectos materiais, sociais e mentais na composição dimensional da cultura e da Memória.

Sendo mais específico, concordamos que o celticismo, como aspecto cultural que forma as fronteiras étnicas da identidade celta atual, se estrutura em uma polissemia necessitada de uma maior cobertura e definição usa de meios sociais como pessoas, instituições e relações sociais, o meio material com artefatos e diferentes mídias e o nível mental processado por modos de definição cultural de pensamento e de mentalidade.

Nosso intuito é aproveitar a relação existente entre as formas materiais alterativas célticas para se chegar a construção de uma memória social em meio a diferentes leituras coletivas de celticidade. Para isso é necessário uma maior desprendimento das leituras de memória de Halbwachs e um relativo avanço nestas diferentes mídias.

Afinal, a Memória Social aqui entendida é um prolongamento das relações entre uma Memória Cultural e a sociedade que dela se nutre. Neste caso específico das populações célticas galegas e irlandesas, suas nuances só podem ser compreendidas ao se problematizar a estrutura coesa dos quadros de memória social propostos por Maurice Halbwachs e buscarmos na sua atualização uma melhor definição do aspecto social em meio as construções coletivas que a formam como nos propõe Gerard Namer.

Sendo um pouco mais direto neste ponto, é necessário um melhor entendimento entre as diferentes dimensões da memória e da cultura proposta por Erll e no caso céltico nossa aposta recai na dimensão material. É por meio dela que pretendemos entender sua dinâmica e compreender o que acreditamos ser uma construção que envolve diferentes níveis de memória coletiva em sua formação.

Neste sentido, a transposição do conceito de lembrança entre os níveis individuais e coletivos feito aqui por meio da metáfora de uma memória nacional só pode ir adiante se vista na sua relação entre o papel do indivíduo na sociedade em que este se insere e rememora coletivamente.

Esta relação é construída na dimensão social por uma maior compreensão interacional entre uma balança nós-eu feita na crítica diária entre as plurais formações do celtismo na franja atlântica e mais especificamente neste trabalho, na Galícia e Irlanda.

A interação da balança nós-eu é nos termos de Elias a base da formação social. A interação é necessária para a própria formação do indivíduo e do grupo social que o define. Nestes termos, é a interação que forma a realidade e nessa balança interacionista o indivíduo e a sociedade não estão um acima do outro, mas sim em uma relação problemática ligada a diversos jogos de interesses.

As “regularidades sociais” formam neste contexto parte do diálogo que existe entre indivíduo e sociedade que são complementares. Isso nos ajuda a entender a sociedade em suas disputas e dissensos, não caindo na total subjetividade ao focar o indivíduo ou na plena generalização ao focar na sociedade.

Isso ocorre porque concordamos com Elias ao ressaltar que a relação entre indivíduos e sociedade não encontra analogia em nenhuma outra esfera de existência e que para compreender essa problemática interação “é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções”. É na análise dos diferentes papéis e conflitos que estes resultam que conseguimos entender as formações identitárias célticas.

Elias ainda falará que a diferenciação entre a percepção e interação entre uma identidade-eu e uma identidade-nós é diferenciada em organizações sociais inseridas em estados desenvolvidos e em estados menos desenvolvidos. Dentro desta perspectiva segundo a concepção do próprio

“Se considerarmos a relação entre a identidade-eu e a identidade-nós, poderemos dizer que em todos os países, tanto mais quanto menos desenvolvidos, as duas estão presentes, mas nos primeiros é mais forte a ênfase na identidade-eu, enquanto nos últimos ela recai sobre a identidade-nós pré-nacional, seja ela a família, a aldeia nativa ou a tribo” (ELIAS, 1994: 147).

Identities como a céltica segundo Elias estaria sofrendo um “conflito de lealdades” por estar em transição. No entanto, a complexidade do celtismo contemporâneo nos mostra que muito provavelmente este conflito de lealdade próprio de uma transição identitária é bem mais complexo.

A Identidade celta é estruturada em parte por seu caráter periférico como veremos a frente. Neste sentido, é extremamente complicado, para não dizer polêmico, afirmar que seu sentimento de pertença é ainda pré-nacional. O que acontece no caso do celtismo como fator formador de uma identidade é que seus projetos e *políticas-vida* estão inseridos em uma lógica de rememoração constante de valores passados e projetados nos dias atuais em escala globalizada.

É como se este “conflito de lealdades” não fosse fruto de uma transição entre organizações de Estado ligadas a uma nação, mas ligado a própria formação identitária céltica que usa de

elementos definidores de uma esfera pré-nacional para afirmar sua identidade de resistência.

Estas questões problemáticas estão presentes nas representações e espacialidades irlandesas e galegas. É apenas por uma análise da interação que irlandeses e galegos fazem de suas diversas espacialidades que nós poderemos tentar compreender os significados mais relevantes que as memórias coletivas célticas levantam nestas sociedades.

Estas interações muitas vezes são estruturadas por meio de uma complexa e crescente mescla de valores e signos coletivos partilhados por meio de fluxos e similares a ideia de hibridização existente na teoria pós-colonial se vistos dentro da esfera local em que pertencem.

Estes elementos celtas existentes nas representações visuais irlandesas e galegas, no entanto, se entendidos dentro de uma lógica narrativa pós-colonial, se estruturariam de maneira a se articular com o que Homi Bhabha coloca acerca da ansiedade de unir o global e o local na lógica narrativa e discursiva projetada justamente em um espaço internacional, descentrado e fragmentado onde sua figuração residiria no “entre-lugar cultural” de onde se tentaria articular os elementos de celticidade e celtitude em nível local.

Este “entre-lugar cultural” intersticial é entendido, sobretudo, na lógica abordada por Bhabha como sendo o local de fronteira cultural onde pelo choque das diferenças, as descontinuidades de entendimentos culturais, significantes e imagéticos se traduzem culturalmente em embates políticos. Esses embates das diferenças produzem articulações culturais descontínuas, onde o aspecto cultural fronteiro exige um encontro com “o novo” não vinculado de uma continuidade de passado e presente.

Em consonância com esta perspectiva, o celticismo pode ser caracterizado por meio de noções de contestação e hibridismo, como nos aponta David Harvey. Essas noções se encontrariam nas articulações culturais descontínuas apontadas por Bhabha que remetem a “velha cultura celta” com raízes históricas construídas pela percepção de novos elementos célticos que se tornam no final das contas, uma nova estruturação de celticidade.

Agora como então a Memória Cultural aqui desenvolvida nestas interações pode se relacionar com a formação desta identidade céltica? E indo além neste tema, como estes aportes culturais traduzem estas diferentes memórias coletivas que pretendemos buscar para uma melhor compreensão da Memória Social ligada ao celtismo?

A resposta está na dimensão material da cultura e memória. Apenas ao verticalizarmos nossa proposta de trabalho nas diferentes mídias que encontraremos o que buscamos. Nestas diferentes mídias encontra-se o que José Van Dijk identificará como uma “memória mediada” e por meio dela os dissensos mnemônicos obtêm uma cobertura mais ampla.

As mídias aqui tratadas são os diferentes aportes visuais. A fotografia mais especificamente faz parte do processo de pesquisa de campo de maneira a evidenciar usos e abusos da memória na construção do celtismo.

Com relação ao uso de imagens, Gillian Rose em seu *Visual Methodologies* nos indica os principais pontos que nos fornecem um melhor entendimento do campo imagético que a análise das representações galegas e irlandesas proporcionam.

Rose estipula uma metodologia imagética crítica que estabeleça articulação com três pontos de significação: o primeiro sendo a *produção*, o segundo o *contexto* e o terceiro o *consumo*. Estes três pontos são estruturados por meio das diferentes modalidades que a imagem pode se associar em seu entendimento. Neste caso, estes três pontos de significação iniciais se associam as modalidades *técnica*, *compositiva* e *social*. (ROSE, 2001: 16-17).

Estes três pontos de significação atuam diretamente como categorias que nos permitem questionar a celticidade de acordo com as funcionalidades que estas apresentam. O desenvolvimento do celtismo encontra um melhor entendimento tendo a elaboração destes pontos como categorias analíticas, por sinal.

O *contexto* nesse caso nos ajuda a responder possíveis dúvidas acerca do significado produzido ao redor da imagem, sobre que gênero imagético ele se enquadra e que modalidades compositivas célticas ela evoca intencionalmente ou não.

De maneira similar, o *consumo* nos leva a considerar as diferentes formas de leitura que aquela produção visual possui. Afinal, como aquele registro pode ser interpretado entre diferentes modalidades sociais célticas? Como diferentes audiências o entendem? Como ele pode possuir diferentes significados dentro da esfera irlandesa e galega? E, além disso, como esses padrões de consumo podem identificar sistemas políticos, aportes culturais ou uma atuação direta de uma mercantilização desta identidade celta?

Estes elementos simbólicos mercantilizados estão presentes nas mais diversas esferas culturais galegas e irlandesas, como na música, por exemplo. Dentro da esfera musical popular existe inclusive a expressão nítida da valorização de certas temáticas célticas em detrimento de outras como veremos em nosso estudo.

Em geral as temáticas existentes nestas expressões culturais diferenciadas são fruto das expressões individuais colhidas em sua interação direta com o coletivo e, sobretudo, na relação entre memória individual e memória coletiva céltica.

Os diferentes usos dessa memória periférica, seja na sua estruturação cultural que promove as bases de uma fronteira étnica céltica, ou mesmo de maneira menos espontânea ao figurar um discurso de memória política mais incisivo tanto na Galiza quanto na Irlanda, estão em constante evolução do uso de uma memória mediada.

As imagens ocupam lugar de destaque justamente pelo estreitamento afetivo e a universalidade que estas possuem. Suas diferenças técnicas, compositivas e sociais promovem o elo entre as leituras sociais e individuais formadoras da afirmação identitária céltica entre o passado mítico e o presente.

É com estas características que a Memória Social contribui para o entendimento do celtismo. Afinal, mesmo que a vivência contemporânea dos antigos celtas promova a formação de imagens célticas fragmentadas e marginalizadas, algo ainda se mantém resistente e vivo em suas representações coletivas.

E não se pode falar de celtismo sem falar de resistência e vivência apaixonada. Mesmo que aparentemente os antigos celtas se mostrem ecos de um passado distante, os celtas atuais

aparentemente os representam como se ainda estivessem a caminhar pelos bosques galegos e irlandeses. De Breogan a Cuchulainn, o celtismo ainda resiste heroicamente em suas falas e em seus corações.

2. De Breogan a Cuchulainn: Mito, construção e aportes imagéticos

2.1 - A Construção Histórica céltica: entre o rigor acadêmico e as invenções das tradições

É muito fácil se perder no emaranhado de definições que cercam as representações do celticismo na modernidade. Em verdade, o debate moderno sobre uma identidade étnica celta não pode ser entendido apenas pelas apropriações atuais do que é ser celta, até mesmo porque sua própria estruturação é influenciada pelo que se entende dos antigos celtas na mesma proporção que estes são definidos pelo que modernamente entendemos por celtas.

É interessante pensar nesta relação inclusive. Uma via de mão dupla une a definição moderna e antiga de celticidade e, sobretudo, celtitude⁴. A relação é uma via de mão dupla, pois, as duas definições surgem ao mesmo tempo e em caráter interdependente. Um estudo que se pretenda entender como se estrutura a celticidade moderna por meio de suas fronteiras étnicas deve antes buscar como se elabora as definições acadêmicas acerca dos antigos celtas para assim melhor compreender o que se entende por “céltico” em plenitude e melhor promover possíveis correlações entre o entendimento acadêmico dos já sedimentados estudos célticos com as apropriações modernas de uma celticidade geradora de uma identidade celta.

Historicamente, os celtas aparecem nos registros textuais com os antigos gregos ao classificar as tribos identificadas como barbaras que viviam ao norte de seu território. Autores gregos como Heródoto, Atheneu, Possidonio e romanos como Políbio, Estrabão e Júlio César definirão estas tribos sob a alcunha geral de ‘celtas’ (Keltoi/Celtae).

4. DIETLER, Michael. Celticism, Celtitude, and Celticity: The Consumption of the Past in the Age of Globalization, IN S. Rieckhoff, ed., *Celtes et Gaulois dans l'histoire, l'historiographie et l'idéologie moderne. Actes de la table ronde de Leipzig, 16-17 juin 2005*. Glux-en-Glenne: Bibracte, Centre Archéologique Européen (Bibracte 12/1), 237-248.

No entanto, as diferentes populações definidas como “celtas” receberam diferentes nomes de acordo com sua posição geográfica, sobretudo as populações continentais europeias chamadas por diferentes nomes entre os autores clássicos ao longo de suas incursões frente ao mundo mediterrâneo. Desde a primeira definição de Keltoi por Heródoto e mais a frente de Celtæ pelos autores romanos do primeiro século a.C. como César, outras definições foram usadas para identificar estas populações, sendo Galli mais de acordo com antigos autores romanos e Galatae mais utilizada por autores gregos.

No entanto, seguindo o raciocínio de Barry Cunliffe⁵, esta diferenciação de nomes se explica por conta de diferentes implicações acerca dos mesmos, onde Keltoi/Celtæ seria para estes autores, populações mais afastadas, bem como definições mais gerais dos mesmos e galli/galatae seria um termo mais específico utilizado para designar àqueles grupos com os quais estes manteriam mais contato, mais especificamente as tribos celtas que teriam migrado para regiões mais ao sul e sudeste interagindo assim com este mundo mediterrâneo.

Em verdade, a presença dos celtas ganha mais vigor por volta do século IV a.C. onde os relatos de suas práticas passam a ser descritos mais frequentemente devido à movimentação de populações celtas junto ao mediterrâneo, efetuando incursões ao norte da península itálica e chegando até a Ásia Menor. Tais movimentações não passaram despercebidas por diversos autores que as retrataram através da forma como eles viam estas invasões celtas ao mundo mediterrâneo.

Uma leitura simples destes textos evidencia uma preocupação exacerbada em representar o Outro como “bárbaro” e desprovido de qualquer vestígio de refinamento que apenas o homem grego e romano poderia ter. Além disso, Essa visão foi corroborada e embasada por inúmeros antiquaristas, historiadores e arqueólogos do final do século XIX e início do século XX que tendo acesso unicamente as fontes clássicas empenhavam-se em repetir o discurso dos autores da antiguidade sobre os “Bárbaros”.

Estas definições são até hoje base do debate que legitima a pertença étnica e estrutura muitas das tradições inventadas que buscam legitimar-se dentro do escopo étnico. Todas

⁵CUNLIFFE, Barry, *The Ancient Celts*. New York: Oxford university press; 1997, p. 2

estas definições que remetem a antiguidade seguem uma linha bem nítida traçada pelos atores políticos da franja céltica, pautando-se em diversificadas “tradições inventadas” como para Eric Hobsbawm em “*A Invenção das tradições*”. Esta definição por certo atende a formação identitária céltica, pois o uso da antiguidade enquanto construção é base da justificativa do reconhecimento de uma identidade étnica céltica legitimadora das ações e da coesão grupal imaginada pela comunidade pan-céltica, e lembradas na memória coletiva dos movimentos de identidade resistente céltica nos mais variados locais onde esta se apresenta.

A tradição inventada céltica segue a proposta de Hobsbawm, pois entra em uma categoria que simboliza uma suposta coesão social e as condições para a admissão desse grupo imaginado por meio da inculcação de ideias, sistemas e padrões de comportamento caracterizados e em muito estereotipados como sendo, de fato, célticos.⁶

No entanto, existe um agravante nestas leituras que permanecem até hoje fortes no imaginário tanto popular quanto acadêmico: a própria definição de celta. Esta definição desenvolvida em termos folclóricos em períodos que nos remetem ao século XVI e XVII ganha contornos nacionalistas institucionais entre os séculos XVIII e XIX e influenciarão inclusive o embasamento científico destes antiquaristas, historiadores e arqueólogos na busca pelos antigos celtas. O interessante é que durante esse processo, a busca pelos ‘antigos’ celtas acaba por se tornar uma busca por eles mesmos, uma vez que o ‘ser celta’ será a matriz política e cultural dos nacionalismos que florescem neste momento na chamada franja céltica.

Segundo David Ross⁷, os termos ‘celta’ e ‘céltico’ modernos encontram seu desenvolvimento inicial junto a figuras como o escocês George Buchanan que no século XVI escreveu trabalhos historiográficos que adotavam o termo céltico para definir as línguas que incluíam o gaélico escocês e irlandês, o bretão, o galês e o Córnic. É neste momento, de acordo com David Ross, que o termo “celta” presente nos textos clássicos e que definiam até então corriqueiramente as populações continentais, se encaixa na tradição

⁶idem. p.17.

⁷ ROSS, David. *The Celts of the British Isles*, 2004. Pp 11-12

acadêmica britânica a ponto de figurar cerca de pouco mais de um século depois na publicação “Archaeologia Britannica” seguindo os moldes de trabalhos franceses sobre o tema, como o do bretão Paul-Yves Pezron, e legitimado academicamente pelo escocês Edward Lhuyd no uso do termo céltico.

A classificação celta, entretanto, ganhará força com folcloristas e nacionalistas. O termo é inserido de diferentes maneiras até chegar à concepção cultural que utilizamos hoje. Já teve seu entendimento estritamente atrelado ao campo linguístico e durante muito tempo foi utilizado dentro da lógica de distinção racial. Esta última embora academicamente descartada, modernamente ainda ganha alguns adeptos entre grupos sociais e no imaginário identitário social coletivo de certas representações populares na franja céltica.

Dentro da construção histórica céltica as diferentes representações produzem diretamente um sentimento nostálgico. No caso irlandês, estes elementos tenderam a se formar a partir de grupos muitas vezes associados à antiquaristas, formadores das chamadas “Sociedades célticas”, associações que promovem a base do “Revivalismo céltico” por meio da criação de ligas de fomento a esportes, histórias e da língua local como a “Society for the Preservation of Irish Language” (1876), “Gaelic Athletic Association” (1884), “Irish Literary Society” (1891) e a “Gaelic League” (1893).

Vale também lembrar que no caso irlandês, por exemplo, a integração destes elementos célticos no esporte ainda hoje é forte, como as inúmeras representações visuais das práticas esportivas célticas inferem, principalmente, ligando o caráter ancestral e mítico destas práticas esportivas associadas e legitimadas diretamente como os antigos celtas, como caso do Futebol Gaélico e do Hurling, esportes representados nas chamadas de televisão, jornais e mesmo murais populares com ligação direta aos antigos guerreiros celtas que os teriam praticado no passado, estruturando-se por meio de elementos repletos de celticidade.

Para além destas construções, encontramos ainda o ideal de “primitivismo céltico” que, segundo Murray Pittock⁸, ganharia uma positividade e motivação política resistente ao associar novas interpretações formadoras de uma ideia comum de que as comunidades célticas originais seriam sociedades agrárias não influenciadas pelas ideias de propriedade

⁸idem.Pp 75-80

privada e dos direitos dos Senhores de terra diretamente ligadas a uma característica “racial anglo-saxã”. Elas seriam originalmente pautadas no direito a propriedade comunal em uma espécie de “comunismo céltico”.

Muitos revivalistas célticos usaram dessa concepção como sistema social que deveria ser buscado e agregaram isto a demanda política convencional das ligas celtas. Politicamente o impacto desse “comunismo céltico” se estrutura nas ideias de James Connolly, fundador do exército de cidadãos, embrião do que seria o partido socialista irlandês, e de Michael Collins fundador do que se tornaria o exército republicano irlandês, o I.R.A.

Como nos aponta Frank Kinahan⁹, este movimento revivalista em muito é alimentado, por exemplo, pelo bem estruturado discurso de “deanglicização da Irlanda” incentivado por Douglas Hyde, que no início da década de 1890 foi um dos pioneiros na fundação da Liga Gaélica e que redigiu o que podemos considerar o “manifesto do movimento por uma Irlanda irlandesa”. As palavras de Hyde ecoaram e ganharam corpo junto com a valorização de uma “raça celta irlandesa” de notável influência no discurso nacionalista da época e na vivência dos elementos de um passado céltico imaginado no cotidiano contemporâneo destes irlandeses, sobretudo no tocante a música, esportes e a língua.

No entanto, a exacerbação das disputas políticas que levaram a independência da Irlanda entre 1916 e 1922 separaram os ‘Revivalismos célticos’ dos diferentes países célticos.

É neste sentido que o Revivalismo céltico irlandês por meio de seus expoentes como Yeats, Patrick Pearse e Maud Gonne vê a necessidade de manter laços com ligas célticas galesas e, sobretudo, escocesas em defesa de uma identidade celta comum e da união de elementos célticos entre as chamadas “Nações Celtas”.

Estes elementos traduzirão uma nova leitura do celta, desta vez como um guerreiro resistente. Yeats, por exemplo, estrutura o ideal do guerreiro celta com persistência, ira e amor implacáveis. Ideais levados como bandeira política do republicanismo irlandês no século XX, como nos lembra Pittock.¹⁰

⁹ KINAHAN, Frank. In: *Imagining an Irish past: the celtic revival 1840-1940*.

¹⁰ PITTOCK, P 78.

Yeats vai atuar também na reestruturação do imaginário folclórico da representação feminina dos celtas enquanto raça e nação. Esta representação que inicialmente era definida por críticos britânicos como elemento propagandístico da fraqueza celta, agora com Yeats vai ser identificado como uma representação de elevado valor nacional e que estrutura-se ao manter um relacionamento direto com o herói masculino celta, que a serve.

2.2 Mitos de uma Irlanda ancestral: O Tain e o colóquio dos Anciãos na tradição nacional.

A Irlanda na sua busca por tradições fincará suas raízes em algumas narrativas literárias. Entre as principais, nós encontramos o “Tain” e o “Colóquio dos Anciãos”, onde se encontram as histórias relativas a Cuchulainn e Fionn Mac Cumhaill respectivamente.

Estas narrativas em geral são originalmente escritas e compiladas em diferentes versões desde o período medieval, mas ganham certa relevância nas mãos de folcloristas dos finais do século XIX e ao longo do século XX. Mas por que estas obras ganham tamanho vulto? Entender seus usos é ir além do escopo literário, mas sim compreender as referências culturais que serão ao longo dos anos talhadas no imaginário irlandês e reafirmadas por meio das mais variadas mídias nas memórias coletivas que formam as fronteiras étnicas célticas dos irlandeses atuais.

O Colóquio dos Anciãos é uma narrativa ligada ao ciclo feniano. O texto irlandês foi escrito em finais do século XII e o temos preservado graças a um manuscrito do século XV chamado “O livro de Lismore”. Este manuscrito inclui uma série de textos referentes a santos como Santa Brígida, São Patrício, Columba etc. No entanto, ele é realmente famoso por conter em suas páginas o “*Acallam na Senórach*”, nome original em irlandês do Colóquio dos Anciãos.

A narrativa do Colóquio se passa em alguns anos após a morte da figura central do ciclo feniano, o herói Fionn Mac Cumhaill. Os sobreviventes desta época Oisín e Caílte em suas andanças pelo norte da região irlandesa de Leinster, onde ao seguir viagem encontram São Patrício, onde discutem os valores da Irlanda pré-cristã.

Essa discussão serve de pano de fundo para falar de Fionn e dos Fianna, o grupo de valorosos guerreiros que percorriam a ilha da Irlanda dando demonstrações de honra e generosidade com uma pegada narrativa quase arturiana. A estratégia aqui segue um padrão conhecido na literatura irlandesa que é o “*Dindshenchas*”, ou seja, uma descrição que associa a espacialidade geográfica com antigas lendas e narrativas do passado.

Essa antiga tradição literária irlandesa se encontra de certa forma nas representações contemporâneas da ilha esmeralda. Ainda circulam pelos pubs músicas que remetem a antigas lendas a exaltação da localidade em especial, sem contar os marcos, estátuas, murais e outras formas de expressão visuais que permeiam tanto o espaço urbano quanto o rural independente de seu aspecto público ou privado que, nestes casos, se entrelaçam de maneira pouco delimitada.

Isto ocorre, pois a relação entre a formação de uma memória e os mitos célticos ocorre nestes espaços de maneira a mesclá-los. Afinal, são nestas narrativas medievais que são construídas as bases da memória céltica. Esta memória é estruturada no cotidiano em um imaginário sobre estas rememorações célticas que muito se assemelham ao que Jacques Le Goff¹¹ chamou de idades míticas. Estas idades míticas estruturadas no mito propriamente e que por meio de narrativas literárias com suas leituras contemporâneas remetem a uma idade de ouro referencial.

A idade de ouro aqui referendada é cotidianamente vivenciada por uma concepção coletiva da memória. Nestes termos, elementos presentes em textos medievais foram referendados por tradições locais. E é por meio destes pontos de contatos afetivos que se estrutura uma memória coletiva céltica, foco de preocupações institucionais das mais variadas.

Estas preocupações atuam por meio de uma vivência de uma memória mítica que a todo o momento coloniza o futuro de seus viventes. Uma idade mítica rememorada como uma pertença coletiva a um passado de ouro céltico repleto de ideais misteriosos conectados com uma vida mais simples e, sobretudo, de valores heróicos.

¹¹ LE GOFF, Jacques. História e Memória. IIº Volume Memória. Lisboa: Edições 70. 1982

A preocupação institucional com essas tradições locais é bem conhecida da população em geral, mas não tão explícita na maioria dos casos. Muitas são as referências mantidas por particulares em suas propriedades, principalmente nas localidades afastadas dos grandes centros urbanos. As obras literárias e antigas canções são nestes casos o principal guia desta Irlanda ancestral e céltica que mesmo dentro da ilha da Irlanda são exacerbadamente locais e reconhecidas como óbvias apenas para os habitantes desta região, misturadas em meio a fatos históricos mais recentes e bem documentados.

No entanto, essa preocupação institucional não é plena. O Estado irlandês mantém certos sítios históricos que possuem alguma relação com as lendas célticas, mas não muitos. É mais fácil encontrar monumentalizações nos maiores centros urbanos. Nas regiões específicas a expressão e representação visuais destes elementos ficam em geral a cargo da própria população que a faz de maneira criativa. Isto sem falar diretamente das ações comerciais feitas nestas localidades, assunto que abordaremos mais a frente neste trabalho.

Ao pensarmos a atuação do Estado irlandês propriamente, nós vemos que existe uma preocupação institucional com temáticas específicas e recorrentes, geralmente aquelas de tradição nacionalista e política estabelecida no final do século XIX com as ligas gaélicas.

Esta preocupação oficial recai justamente sobre os elementos célticos existentes nas narrativas do Táin e do Colóquio dos Anciãos, com raras exceções. A falta de inovação é coroada com a continuidade do discurso nacionalista irlandês que bebe da mesma fonte representacional céltica desde a independência da jovem república na década de 20 do século passado.

O Tain e o Colóquio dos Anciãos ocupam lugar de destaque desde a construção do pensamento nacional irlandês e sua manutenção seja por meios populares ou institucionais bebe diretamente deste referencial de pouco mais de um século oriundo das ligas gaélicas. Seu referencial está diretamente ligado ao esforço político, intelectual e artísticos de figuras como Patrick Pearse, W.B. Yeats, Lady Gregory entre outros ligados as ligas gaélicas e demais sociedades e instituições nacionalistas que elegeram a figura de Cuchulainn e de Fionn Mac Cumhaill como seus principais arquétipos.

2.3 O Livro das invasões da Irlanda: manuscrito irlandês, leitura galega.

O Livro das invasões da Irlanda é o texto mais plural entre as narrativas míticas e pseudo-históricas existentes na Irlanda. Provavelmente seja por esta a razão que seu principal uso encontra-se justamente fora da ilha esmeralda.

O tradicionalmente chamado *Lebor Gabála Érenn* foi escrito entre os séculos onze e doze da era cristã. Em geral, o livro consiste em uma coleção de textos pseudo-históricos de diferentes autores com periodizações das mais diversas tentando arrumar de maneira cronológica uma possível sincronização mítica das levas migratórias formadoras da base étnica da Irlandesa.

O texto original é repleto de lendas mescladas a genealogias da Irlanda ancestral associadas com uma base ligada a exegese bíblica. A importância do livro para a leitura identitária medieval irlandesa é notória, pois encontramos elementos das mais variadas formas de representação cristã irlandesa em amálgama com orientações espaciais e étnicas ida ilha, o que dá um ar histórico a construção de mitos locais de matriz céltica.

Nos tempos modernos suas leituras são de grande ajuda para o entendimento étnico céltico. Afinal, as distinções entre a invenção mítica e o fato histórico fazem parte das formas como a memória molda os valores culturais célticos na elasticidade de suas fronteiras étnicas.

Sendo mais incisivo na leitura das invasões da Irlanda, vemos que população tem características valorizadas em tempos modernos, mesmo no caso dos antagonistas. Interessante é que na Irlanda esses valores dados como óbvios na formação da definição gaélica irlandesa perdem espaço criativo para as narrativas como o Taine o colóquio dos anciãos. Não é por menos que a leitura mais incisiva do Livro das invasões será feita pelos galegos.

Desta maneira, nós temos seis levas registradas no livro das invasões da Irlanda(sete se contabilizarmos também os principais antagonistas destas narrativas, os *Fomorianos*). Século após século seguem os Cesair, Os Partolón, os Nemedianos, os FirBolg, Os Tuatha de Danann e por último os descendentes de Mil Españae, os Milésios. Todos eles formando

com suas características únicas os elementos culturais estruturadores das fronteiras étnicas célticas existentes na formação identitária gaélica.

Cada Grupo apresente diferentes leituras deste elemento céltico na construção idealizada da ancestralidade da Irlanda. Dos Cesair nós temos o elemento cristão por excelência misturado a memória dos primeiros habitantes da Irlanda. Ainda baseando-se em elementos cristãos temos a segunda leva de invasões irlandesas encabeçadas pelos chamados Partholón. Dada a dificuldade de buscar maiores linhagens bíblicas que legitimem os elementos célticos pagãos, estas duas levadas de invasões são dentro da narrativa do Lébor Gabála construídas de maneira a desaparecerem por motivos naturais.

É a partir da terceira leva de invasões que os elementos mais potencialmente históricos são trabalhados dentro da narrativa. É com os Nemedianos que nós podemos ver, por exemplo, lendas mais facilmente datadas dentro da memória ancestral irlandesa, sobretudo, as batalhas. Afinal, é no período de dominação dos Nemedianos que também chega à ilha da Irlanda o monstruoso povo dos Fomorianos.

Neste clima de tensão que acontecem as diversas batalhas entre Nemedianos e Fomorianos. O povo de Nemed vence as três primeiras e perde a quarta, ocasionando o seu desmantelamento enquanto povo e seu exílio para diferentes partes da ilha. Os Fomorianos são geralmente caracterizados como cruéis e violentos piratas habitantes da costa de Donegal e com características físicas monstruosas ligadas a antigas lendas marítimas da Irlanda. Estas representações fomorianas, inclusive, serão desde essa época até hoje o principal elemento antagonístico existente na construção identitária céltica, repleta de lendas e mitos aquáticos diretamente ligados ao outro mundo.

Os Fomorianos serão subjugados apenas com a invasão dos Tuatha de Danann, caracterizados como deuses da era pré cristã e habitantes das diversas tumbas neolíticas existentes na Irlanda, as chamadas *tumbas de passagem*. Os Tuatha de Danann (literalmente, a tribo da deusa Danú) derrotaram outro povo que estava na ilha antes deles, os Fir Bolg, um grupo de homens descritos como baixos, de pele e cabelos mais escuros, associados como uma possível segunda leva de nemedianos. Após serem derrotados pelos Tuatha de Danann as lendas dizem que foram empurrados para oeste, habitando as

chamadas ilhas Aran, na costa oeste da ilha, na região de Galway. As antigas construções e tradições folclóricas das ilhas ainda hoje recebem esta roupagem e legitimação na memória popular.

Os Tuatha de Danann são os principais e mais poderosos entre todos os povos descritos no Lebor Gabála Éirenn. Eles são os habitantes do outro mundo céltico e responsáveis pela derrota dos Fomorianos em batalhas ancestrais supostamente ocorridas no Oeste irlandês. É interessante pensarmos esse ponto específico, visto que até os dias de hoje é no oeste da Irlanda onde melhor se preserva tradições folclóricas populares e onde o irlandês médio dirá ser o lugar da verdadeira Irlanda ancestral com suas tradições e lendas melhor preservadas. Isso é notório para qualquer um que ande pela costa oeste irlandesa inclusive.

A crença de que o oeste mítico irlandês é intocado ainda é forte na memória viva que seus habitantes tem das lendas célticas antigas e de fácil paralelo com narrativas medievais como as descritas no Lebor Gabála. Principalmente porque existe uma relação entre o culto aos antigos deuses conhecidos como Tuatha de Danann e a última leva de invasores da ilha e ancestrais dos gaélicos modernos, os Milésios.

O povo Milesiano é segundo a tradição escrita e amplamente oralizada, os ancestrais diretos dos irlandeses gaélicos atuais. Este povo é o responsável pela ligação direta entre o Livro das Invasões da Irlanda e o nacionalismo galego, pois a origem dos milésios está na Espanha de onde teriam zarpado em direção a Ilha da Irlanda e a conquistado, segundo tradição medieval.

No entanto, esta origem mítica existente entre os filhos de Mil Éspaine e a conquista da Irlanda não são os únicos elementos que legitimam a construção galega de seu nacionalismo junto a Irlanda, apesar de ser claramente seu ponto de partida.

Para todos os aspectos, os Milésios são os gaélicos. Seja nos textos medievais ou nas leituras contemporâneas do mesmo tanto na Irlanda quanto na Galícia. No entanto, é entre os galegos que as narrativas do livro das invasões, e dos milésios mais especificamente são levadas mais em conta. Afinal, segundo a tradição nacionalista inspirada nos textos medievais foi a partir da Galiza que todo o desenrolar de acontecimentos que permitiram a formação dos gaélicos tomou forma.

Segundo o que se conta no Livro das invasões da Irlanda e que as diversas monumentalizações e construções folclóricas galegas não nos deixam esquecer teria sido em uma fria Manhã de inverno que do alto de uma torre onde hoje se localiza a cidade de A Coruña que Ith, Filho de Breogan e descendente de Mil Éspaine teria avistado a ilha esmeralda no horizonte.

Desta torre que segundo o folclore local galego seria a própria Torre de Hércules¹², os milésios teriam zarpado em direção a Irlanda e depois de uma série de desventuras e querelas com os Tuatha de Danann teriam conquistado por fim a Ilha. Os galegos darão exagerada importância a este trecho citado inicialmente no livro LXV da seção VII do livro das invasões e veremos mais a frente os motivos nacionalistas que os motivaram a isso.

Inicialmente o livro das invasões da Irlanda é importante para a compreensão geral das construções étnicas em disputa na Irlanda desde o período moderno da história ocidental, mas sua maior relevância se encontra no entendimento das apropriações célticas do galeguismo contemporâneo que usará do Lebor Gabála não apenas como inspiração, mas como instrumento de legitimação cultural e política na representação nacional galega.

2.4 ícones e Símbolos celtas: a visualização da identidade celta moderna.

A identidade celta moderna se apropria de antigas lendas, folclore local e fontes textuais das mais diversas em sua busca por ícones e símbolos que as legitimem. Da Irlanda a Galícia muitas destas representações encontram paralelos diretos e indiretos de acordo com as diferentes aspirações nacionais destas regiões.

Na Irlanda é em meio este contexto representacional nacional que encontramos os símbolos como Cuchulainn e Fionn Mac Cumhaill sendo representados como elementos chave da gradual masculinização do celta enquanto imagem nacional irlandesa, sobretudo a figura de

¹² A Torre de Hércules foi declarada patrimônio da humanidade pela UNESCO em 2009. Segundo os principais registros, esta torre seria o único farol romano que ainda hoje funcionaria como farol. No entanto, a tradição local nos diz que este farol romano datado do século I d.C. teria sido construído sobre a antiga torre de Breogan, chefe da tribo céltica dos Brigantes e de onde de acordo com a leitura galega do Livro das invasões da Irlanda Ith teria avistado a Irlanda em uma fria manhã de inverno.

Cuchulainn que, enquanto símbolo, vai rapidamente tornar-se o modelo máximo de mártir político a ser alcançado, como nos afirma Pittock.¹³

Seguindo ainda esta ideia, nós encontramos a imagem de Cuchulainn como um indômito e jovial guerreiro sem medo dos percalços e desafios do mundo. Esta representação ganha maios embasamento ao ecoar na visão poética e panfletária de Patrick Pearse que configura um Cuchulainn igualmente jovem, mas renascido e catolicamente sacramentado em buscar uma redenção para ações politicamente violentas. O Celticismo estrutura-se assim ao concatenar uma memória política irlandesa que consegue unir ideias de verdade e força célticas com amor e humildade cristãs dentro do movimento político republicano.

Não é de se estranhar, por exemplo, que as representações após o levante de Páscoa de 1916 em diversos aspectos retratem os mártires políticos como Cuchulainn lutando de pé até a morte. A figura resistente do herói celta Cuchulainn foi lapidada em todos esses momentos para tornar-se um símbolo presente nas principais representações dessa identidade irlandesa celta justamente pelo seu caráter resistente.

Ainda segundo Murray Pittock, este ideal viril e resistente do celta serviria a um propósito bem direto ao masculinizar a representação do “ser celta” ou simplesmente Gael¹⁴. Afinal, dentro deste quadro de disputa existiria a necessidade política dentro dessa mentalidade de entender este indivíduo Celta/Gael em luta direta contra o materialismo saxão. Esse ativismo criou um sentimento céltico expansionista para além das fronteiras irlandesas que levou mesmo intelectuais antinacionalistas como James Joyce, por exemplo, a identificar e enquadrar a memória destes grupos com os elementos célticos.

Estes elementos, signos, ícones e símbolos célticos como Cuchulainn, Fianna, Brian Boru entre outros agregam valores políticos fortes e até hoje servem de identificação para grupos políticos tanto republicanos quanto unionistas dentro da vivência de sua memória política e dos usos e apropriações da espacialidade para as suas afirmações identitárias.

¹³ Idem. Pg 81

¹⁴ Celta neste contexto estaria ligado a uma vivência dos elementos de celticidade pan-celticos enquanto ‘Gael’ seria referente ao povo gaélico, ou seja, especificamente os irlandeses.

Estes signos ganham profunda valorização e desenvolvimento por meio dos registros iconográficos nos mais diversificados espaços dos territórios da Franja Céltica. Desta forma eles ganham força junto a outros elementos relevantes dentro da formação de um grupo vai definir sua identidade como celta, que segundo Harvey¹⁵ possuirá elementos básicos que não são nem uniformes ou fixos e que são sujeitos a um processo de constante movimento que muda a percepção tanto no interior quanto entre as culturas célticas.

Este constante movimento se dá por conta do caráter tradicional que estes elementos culturais imagéticos possuem. Afinal, eles seguem um patamar diferenciado de invenção de tradição uma vez que sua vivência é parte de uma constante invenção de memória elaborada nas diversas espacialidades com o intuito de suscitar as características explicitadas por Hobsbawm em ‘a invenção das tradições’ como o estabelecimento simbólico de alguma forma de coesão social, a legitimação de instituições e relações de autoridade e a inculcação de valores e padrões de comportamento célticos presentes em diferenciadas formas de memória coletivas tanto irlandesas quanto galegas.

Entre estes elementos, por exemplo, estrutura-se o campo linguístico, palco de inúmeras disputas e um dos elementos mais comuns na construção de uma identidade resistente.

O campo linguístico, ainda hoje matriz dos chamados “estudos célticos”, foi durante muito tempo a principal ferramenta de legitimação deste debate e busca pelos celtas sejam antigos ou modernos. Em verdade, a cadeira de estudos célticos era baseada no estudo comparativo das chamadas línguas celtas, elemento de celtitude e legitimador acadêmico do discurso céltico antes de qualquer referencial histórico ou arqueológico.

A língua, entretanto, sempre foi um elemento preponderante não apenas nos estudos acadêmicos acerca dos celtas, mas, sobretudo, na disputa por uma identidade social¹⁶ celta entre as populações da franja céltica. Neste sentido, temos como diz Pittock, a língua como bandeira agregadora deste elemento celta que teve diferentes papéis nas diferentes regiões.

¹⁵HARVEY, D. Celtic Geographies.p 12.

¹⁶ POLLAK, Michael.

Em Gales, por exemplo, teríamos uma identidade céltica mais etno-cultural que político-cultural, logo, a crescente política de supressão da língua galesa como plano político da centralidade inglesa sobre a região encontrou certo revés na crescente reestruturação da língua cymru (galesa) como processo de luta pela identidade cultural, linguística, e também como afirmação política no commonwealth a partir do momento que esta fora abolida.

O gaélico na Irlanda, em comparação, é definido como projeto de valorização do nacionalismo irlandês, sobretudo, quando este nacionalismo ganha força com o domínio anglofônico e protestante em sua política interna. Esta tensão política e disputa nacionalista que resultou no processo de independência irlandesa no primeiro quartel do século XX foram responsáveis pela manutenção da língua irlandesa na ilha com um todo. Caso muito próximo da língua com elemento de resistência acontece igualmente na Galiza frente a dominação do castelhano, sobretudo durante o período que a sombra do franquismo ainda pairava nas políticas espanholas sobre a região galega..

O projeto com relação ao gaélico irlandês, por exemplo, ganhou força com o revivalismo céltico que estimulou o início do projeto de valorização da língua céltica como elemento básico de uma identidade celta e a manteve viva década após década de maneira institucional com estímulos tanto do setor governamental quanto de setores informacionais privados como jornais, editoras etc.¹⁷

No entanto, o uso da língua com elemento forte e representativo não pode ser aferido entre todas as regiões. Primeiro pelas posições linguísticas que são relativamente diferenciadas pelos territórios da Franja Céltica, seja por certa descontinuidade linguística seja pela relevância que estas línguas terão dentro do processo de afirmação identitária destas nações, diferentemente dos elementos visuais.

Os signos presentes nos elementos visuais célticos, ao menos em nossa concepção, estariam integrados em uma visão um tanto quanto homogênea¹⁸ se comparados com os quadros linguísticos da celticidade que partilhada pelos territórios da franja céltica produziria o

¹⁷ PITTOCK, Murray. Celtic Identity and the British Image.

¹⁸ HARVEY, David C. Celtic Geographies: old culture, new time. Londres: Routledge, 2002

elemento afirmativo céltico próprio destes grupos baseando-se nestes elementos em comum para identificar um elemento céltico definido, sobretudo, em uma relação de diferenciação e outridade¹⁹ com relação a um grupo hegemônico dominante de matriz não-céltica.

2.5 Imagens de um passado vivo: Registros visuais e representação mítica na espacialidade irlandesa e galega.

Dentro da espacialidade irlandesa moderna nós podemos encontrar inúmeras representações de um passado mítico, em geral, identificado com os antigos celtas. Não é raro encontrar nos mais variados condados que compõe a Irlanda representações célticas cujo discurso serve a uma pluralidade de sentidos apenas congregados dentro da vivência de uma memória coletiva reprodutora dos mais diversos ícones, signos e símbolos celtas. Em geral, estas representações são utilizadas visando uma legitimação deste grupo na formação de uma identidade social, onde a temática céltica é parte integrante.

Especificamente no caso irlandês, a celticidade se mescla a celtitude em monumentos e representações estéticas diárias que podem ter um discurso bem claro ou meramente de uso cotidiano que expressam toda a formação coletiva de uma memória comum. Interessante é notar que cada condado tem dentro de sua geografia uma parte importante de sua história atrelada a uma variedade de lendas e crenças com raízes neste passado céltico que por meio de fontes que variam de lendas medievais compiladas por monges a sítios arqueológicos condicionam toda a forma como a percepção espacial é formada nestes condados.

Suas leituras são construídas em nível local por meio de uma série de invenções de memória apresentadas em modalidades técnicas, compositivas e sociais que traduzem muitas vezes as preocupações e vivências locais destes grupos identitários célticas.

É inegável, por exemplo, a relevância de narrativas mitológicas célticas medievais que falam de heróis lendários como Cuchullain, Ferdia ou os Fianna na construção dessa memória coletiva irlandesa nos mais diversos níveis, bem como sua expressão direta nos

¹⁹ SILVA, Sergio Luiz Pereira. A Sociedade da diferença. Rio de Janeiro: Mauad x, 2009.

usos e vivências cotidianas dessa identidade irlandesa seja na sua monumentalidade, em representações artísticas urbanas, nas canções ou nos esportes.

Estes usos e vivências comuns podem ser entendidos por meio da estruturação de um sistema simbólico²⁰ que se organiza segundo a diferença e desvio diferencial, expressando-se nas espacialidades dentro da lógica simbólica de um estilo de vida céltico frente a outro em oposição.

Esta base comum simbólica é nitidamente aplicada as espacialidades irlandesas. Em muitos casos, entendemos que a noção de ‘lugares de memória’ de Pierre Nora²¹ pode ser também ser entendida dentro destes limites específicos e debatida a ponto de se compreender as relações de força objetivas que tendem, por meio da celticidade e da celtitude se reproduzirem nas relações de força simbólicas.²²

Os “Lugares de Memória” de Pierre Nora nos fazem ponderar pelas diversas construções e representações visuais existentes na espacialidade. Suas colocações acerca do papel da Memória, embora limitadas, podem nos fornecer alguns apontamentos interessantes. Primeiro a questão do elemento ‘residual’ que existe nos locais de memória aponto de alavanca-los um sentimento de continuidade quase sempre munido de alguma tradição inventada e que se apresente materialmente como é o caso de monumentos com temática céltica espalhados nos mais diversos condados que compões a ilha.

Neste ponto acerca da materialidade, Nora também nos faz pensar na possibilidade dessas construções imagéticas célticas se apresentarem como locais de memória, sobretudo, por possuírem em sua composição o aspecto material e simbólico ao apresentar signos diretamente ligados a temática céltica e que ganham dentro de sua representação material visual um simbolismo tal que nos permite entender um mesmo signo sob diferentes óticas, como no caso político dos murais da cidade de Belfast, onde vemos temáticas célticas

²⁰BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p 144

²¹ Nora, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugres*. São Paulo, Projeto História – Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História do departamento de História. V. 10, 1993.

²²BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.p 145

semelhantes servindo a discursos politizados tanto unionistas quanto republicanos separatistas.

Além disso, existe uma funcionalidade direta nessas representações em seus mais diversos e específicos casos. Nos já citados murais eles demarcam diretamente as áreas segregadas dos subúrbios de Belfast. Em representações como estátuas, elas muitas vezes servem como marcos históricos para as cidades, com seus nomes e fundações remetendo dentro da tradição local a mitos e lendas célticas de passados remotos. Em outro momento esta estatuária representa episódios históricos contemporâneos legitimados pelas lendas celtas entre outras especificidades que devem ser analisadas caso a caso.

No entanto, ao concordar com a presença direta dentre estes elementos funcionais, simbólicos e materiais que definiriam segundo Nora os “lugares de memória”, nós entendemos que essas espacialidades não são formas de vivência por meio de continuidades unicamente. Existe um aspecto de ruptura, próprio unicamente da História segundo Nora, em muitas dessas expressões de uma identidade céltica, sobretudo, pois estas procuram estes elementos para ser afirmarem com o que entendemos estruturar-se enquanto uma identidade de resistência²³ em constante interpolação de suas fronteiras de reconhecimento, afirmação e atribuição simbólicas que por uma constante ressignificação cria demandas, modificando os códigos simbólicos e referências sociais²⁴ sobre esta celticidade vivida no campo da memória e com a utilização de lugares de memória célticos.

Os elementos célticos alteram a espacialidade e imprimem um modo peculiar de experiência coletiva na Irlanda. Em verdade, não é muito difícil encontrarmos elementos célticos dos mais diversos na espacialidade irlandesa, o que mostra ao menos certo apreço pela estética céltica.

²³ Entendidas como para Manuel Castells a em *O Poder da identidade, sendo “criada por atores que se encontram em posições/ condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo assim trincheiras de resistência e sobrevivência com ase em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos.”*

²⁴ SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. *Sociedade da Diferença: formações identitárias, esfera pública e democracia na sociedade global*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. P. 67

No entanto, a presença de signos célticos nestes lugares não apresenta apenas um interesse estético puro e simples. Estes signos demandam experiências sociais entrelaçadas com a vivência de uma memória onde mito e História são vistos como um coisa só. Para entendê-los é necessário um conhecimento correto de suas fronteiras funcionais, materiais e simbólicas, o que apenas um estudo direto de suas formas de apresentação pode evidenciar.

É neste sentido que entendemos de maneira bem específica a diferente relação entre signos, ícones e símbolos presentes nestas representações célticas irlandesas. Martine Joly em seu *Introdução à análise da imagem*²⁵ consegue de maneira bem clara distingui-los por meio de uma abordagem que pautando-se de uma teoria geral semiótica oriunda de Charles Peirce elabora uma série de categorizações e quadros analíticos que em muito nos ajudam a melhor compreender o objeto referente céltico.

Segundo o referencial metodológico de Joly neste aspecto, pretendemos entender a elaboração desta diversidade de signos deduzidos por meio de uma significação direta dos seus elementos de celticidade e celtitude. Neste sentido, por meio de uma análise direta dos signos poderíamos elaborar um estudo específico de cada elemento ali presente, sobretudo, pois embora os signos sejam variados e múltiplos todos teriam uma estrutura que implica uma dinâmica tripolar vinculada diretamente a relação entre significante, o referente e ao significado propriamente.

No entanto, mesmo com essa estrutura comum do signo, segundo Joly, nunca poderemos entendê-los como se existissem de maneira idêntica. Afinal, eles podem quase sempre significar algo além deles mesmo, elaborando assim outras formas de signos.

Estas outras formas podem ser mais bem compreendidas na relação obtida entre a distinção funcional existente entre o significante, (face perceptível) e o referente (o objeto representado), e não necessariamente por meio do significado apenas. É neste sentido que Joly distingue os três tipos principais de signos que surgem desta relação: o ícone, o índice e o símbolo propriamente estruturado.

²⁵ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papirus editora, 2007.

O ícone corresponderia à classe de signos cujo significante manteria alguma relação análoga com o que representa, ou seja, com o referente. Este é o modelo mais utilizado por nós na busca por registros célticos na espacialidade irlandesa, sobretudo, com relação a arte figurativa, murais, mosaicos e o material por nós produzidos por meio da fotografia que nos possibilita o registro próprio destes elementos icônicos diversos. O ícone neste sentido demanda certa continuidade apesar das diferentes condições enunciativas que apresenta.

O índice é um pouco mais complicado de se registrar, mas igualmente existente na estrutura imagética que pretendemos analisar. O índice seria a classe de signos que manteria uma relação causal e física com o que representa, marcas físicas que demonstram o desgaste material de certa representação.

O Símbolo neste contexto estabeleceria uma relação de convenção com o seu referente. Símbolos clássicos da mitologia céltica como o guerreiro Cuchulainn ou personagens das lendas estão presentes nas mais variadas construções e servindo a discursos muitas vezes antagônicos. No entanto, isso não exclui o caráter convencional e simbólico que este apresenta quando representado. Até mesmo porque é na interpolação imagética destes variados símbolos que conseguimos entender ao menos um pouco seu papel na formação de uma identidade céltica resistente que os utiliza em uma variação simbólica, material e funcional que tendem a construir um complexo mosaico identitário céltico percebido na espacialidade irlandesa por meio da vivência de uma memória coletiva que estrutura-se enquanto resistente.

O todo representado pela temática céltica só pode ser entendido se analisarmos os signos para fora do campo da imagem. Esta leitura dos diversos motivos presentes na mensagem icônica possui formas de atribuição mais do que ele próprio evoca em uma vivência superficial de primeiro nível.

Os significantes icônicos demonstram em sua estruturação significados de primeiro nível e dentro deles conotações de segundo nível. É por meio destas conotações de segundo nível que poderemos compreender melhor os usos destes significantes icônicos célticos, bem como sua adequação aos discursos formadores de uma identidade celta.

Para efeitos elucidativos, evidenciamos algumas imagens que nos ajudam a entender a percepção de celticidade e celtitude dentro da espacialidade irlandesa. O método proposto por Martine Joly organiza melhor nossa percepção analítica dos mesmos.

Nossa escolha por estas imagens não foi arbitrária, obviamente. O que pretendemos demonstrar em especial foram pontos de articulação entre nossas questões iniciais sobre a definição do celtismo e as diferentes formas de como a celticidade e celtitude se apresentavam. O interessante nesta seleção de imagens é que todas seguiram certa organicidade oriunda da pesquisa de campo. Em geral baseávamos nos relatos locais de irlandeses e galegos, na suas vivências e nos ícones e signos que se apresentavam continuamente no imaginário folclórico destas duas regiões.

Selecionamos algumas imagens oriundas de certa variedade de cidades irlandesas, como Dublin, Ardee e Belfast na Irlanda do Norte. Nestas cidades encontramos algumas diversas representações de temáticas célticas das mais variadas como, por exemplo, a figura de Cuchulainn, guerreiro da mitologia celta percebido de forma plural nestas espacialidades.

No entanto, antes de analisar este signo, temos de nos perguntar quem é esse Cuchulainn que aparece nas mais diversas representações como um símbolo bem definido? Uma leve explicação deste símbolo em especial aqui analisado nos remete ao chamado ciclo de Ulster das narrativas irlandesas medievais e, sobretudo, a obra conhecida como o “*Tain Bó Cúailnge*”, a ‘*Razia das vacas de Cooley*’, ou simplesmente “*O Tain*”.

Entre as inúmeras traduções do Tain, todas possuem elementos compilados da tradição oral irlandesa, e em muitos casos ainda hoje vigente principalmente no oeste irlandês, onde ainda se escuta nomes de batalhas e de heróis mitológicos celtas como parte da história local recente e da explicação comum da topografia da localidade sempre associada com algum aspecto mitológico céltico de algum passado remoto.

É interessante que notamos esse aspecto da mesma maneira que Ciaran Carson ao efetuar sua pesquisa que resultou na mais recente e completa tradução do Tain para a língua inglesa. Segundo Carson²⁶ o processo de construção textual do Tain segue o padrão da

²⁶*The Tain*. Translation by Ciaran Carson, Penguin Classics, 2007.

oralidade e pensa os acontecimentos da narrativa como um mapa mnemônico da espacialidade irlandesa. Esta forma de pensar ainda é presente na Irlanda, sobretudo no oeste. A obsessão por atrelar as lendas à geografia do país age de tal maneira que não é incomum nós encontrarmos monumentos que enalteçam a toponímia como berço de alguma lenda celta de um passado mítico e desta forma atribua aquela espacialidade específica, características de um local de memória agregador de elementos célticos que constituam uma forma de celtitude.

No Tain, especificamente, nós vemos todo o conflito resultante da guerra entre a província de Connaught, no oeste da Irlanda, liderada pela competitiva rainha Maeve e a província norte-irlandesa do Ulster, liderado pelo rei Conchobar e defendida pelo seu principal herói, Cuchulainn. A motivação inicial da narrativa do Tain é o interesse de Maeve em um touro castanho existente em Ulster, o que desencadeia todo o conflito. Para além de aspectos interessantes das sociedades celtas antigas presentes ainda na cultura oral e compilada neste texto, nós encontramos nesta narrativa os elementos necessários para entender as principais representações de Cuchulainn aqui analisadas.

Mas quem de fato é esse guerreiro elevado ao patamar de símbolo céltico por todo território irlandês? No verbete ‘Cuchulainn’ do dicionário de mitologia céltica compilado por James Mackillop²⁷ encontramos uma descrição direta de sua participação nas principais sagas irlandesas e que podem nortear alguns apontamentos.

Segundo Mackillop, Cuchulainn cujo nome significa literalmente “Cão de Culann, o ferreiro” é uma figura mitológica céltica presente em inúmeras narrativas irlandesas, sendo a mais conhecida o já citado Tain. Seu nome de origem era Setanta, o que associa essa figura com tribos célticas fora da Irlanda e divindades continentais da antiguidade.

Seu nome Cuchulainn, no entanto, vem da lenda de quando criança teria matado o cão de guarda de Cullan, ferreiro de Ulster, e se oferecido para proteger a casa no seu lugar. Das narrativas que recontam seu nascimento, em geral, é indicado que seu pai é a divindade solar céltica Lugh Lámfhota, o que explicaria sua força sobre-humana e suas qualidades de semideus.

²⁷ MACKILLOP, James. *Dictionary of Celtic Mythology*. Oxford university press, 2004.

Por aparecer em diversos de relatos medievais e também os compilados da tradição oral irlandesa do último século, Cuchulainn é uma figura plural que ganhou contornos nacionais, sobretudo, com o Revivalismo céltico que buscava nos elementos célticos do passado uma bandeira política contra a dominação britânica na região, principalmente com a fundação das chamadas Ligas Gaélicas no século XIX que tinham por objetivo promover as artes, o esporte e a cultura irlandesa no geral associada diretamente com os elementos célticos de seu passado na luta por independência política.

Essa estruturação de Cuchulainn enquanto um símbolo enuncia uma pluralidade de vivências de sua figura na memória coletiva irlandesa, o que faz a descrição completa de Mackillop, por exemplo, não abarcar todas as apropriações que a figura icônica de Cuchulainn transmitirá na construção de uma identidade celta moderna como veremos nesta breve análise de algumas de suas representações.

Na cidade de Ardee, por exemplo, encontramos uma estátua de Cuchulainn carregando o corpo morto de Ferdia , após a chamada Batalha do Ford que durou três dias segundo o Tain e que terminou com a morte de Ferdia, irmão de armas de Cuchulainn. A estátua está localizada bem no centro da cidade de Ardee próximo ao rio onde a tradição local diz ter acontecido a tal batalha descrita no Tain.

Figura 1 - Cuchulainn e Ferdia. Local: Ardee, Co. Louth , República da Irlanda.



Fonte: Arquivo do Autor.

Uma análise da mensagem icônica desta figura nos fornece dados interessantes. Primeiro a preocupação de representar Cuchulainn e Ferdia no local exato segundo o qual a batalha teria acontecido. Isto implica a relação direta entre a cidade de Ardee com a figura de Ferdia, segundo a qual o próprio nome seria em homenagem ao guerreiro morto na localidade. Segundo, a preocupação de representa-los em tamanho maior que o natural e em terceiro a presença de objetos como bainhas de espadas e fíbulas que nos remetem diretamente a cultura material, pois são réplicas de objetos encontrados por arqueólogos e catalogados como célticos do período de La Tène, na segunda idade do ferro.

Esta representação da réplica dos objetos celtas no corpo da estátua legitima não apenas a figura dos guerreiros como celtas, mas também da própria cidade ao colocar este tipo de

representação em seu centro geográfico, local identificado como fundador da própria cidade e de passagem obrigatória por todos que passem por Ardee seguindo algum outro destino.

A Cena da Batalha do Ford entre Cuchulainn e Ferdia também esta presente na cidade de Dublin, desta vez em um mural em um shopping no centro da cidade, na Rua Nassau, próximo ao Trinnity College e apresentando uma caracterização bem diferente. Neste mural, localizado em um estacionamento encontramos uma representação geral de cenas do Tain com elementos estilizados de maneira moderna, utilizando elementos célticos como base de uma apropriação destes elementos em uma estética contemporânea.

Figura 2 - Mural com cenas do Tain; Local: Dublin, Co. Dublin, República da Irlanda.



Fonte: Arquivo do Autor.

Encontramos na figura 2, por exemplo, não apenas a representação da luta entre Cuchulainn e Ferdia, mas também outras figuras e passagens retratadas no Tain, como a luta entre os touros de Ulster e Connaught, a maldição da deusa Macha que deixa os guerreiros de Ulster debilitados, a figura solar de Lugh, pai de Cuchulainn e por fim em representação central

no mural com a cena da morte de Cuchulainn, amarrado em um pilar de pedra com a deusa Morrighan em forma de corvo em seu ombro representando a morte e o guerreiro morto em pé enfrentando (e vencendo) seus inimigos mesmo em seu último suspiro. Todos estes elementos possuem fortes elementos de celticidade associando elementos tipicamente celtas a vivência cotidiana de um espaço de consumo irlandês.

A relação entre a celtitude da representação de Ardee e da celticidade presente em uma 'comoditização' do passado céltico em Dublin não são as únicas diferenciações básicas que podemos inferir nesta breve análise destas imagens. É possível encontrarmos propostas e vivências diferentes do mesmo símbolo, por exemplo. Neste mural presente na figura 2 em Dublin a figura central e repleta de celticidade é a morte de Cuchulainn. No entanto, a figura de Cuchulainn, tanto no momento heróico de sua morte quanto nos momentos de bravura, é recorrente e com discursos e vivências diferenciadas em todo território irlandês.

É o caso, por exemplo, da celtitude existente e representada em discursos antagônicos no campo das disputas políticas irlandesas, como podemos observar ao compararmos a figura de Cuchulainn presente na sede dos correios em Dublin (Figura 3) e o mural de um bairro unionista das ruas de Belfast (Figura 4).

Nestes dois casos encontramos o mesmo símbolo, Cuchulainn servindo a discursos antagônicos. No caso da figura 3, temos um Cuchulainn em seu momento final, moribundo, mas ainda de pé e amarrado em um pilar com suas armas. Em seu ombro Morrighan em forma de corvo. O relevante desta estátua feita pelo escultor Oliver Sheppard durante a década de 1930 é que ela funciona como um memorial político republicano para todos aqueles tidos com mártires por doar suas vidas a causa da Irlanda durante o levante de Páscoa de 1916. A estátua tem em sua base um trecho da declaração de independência da Irlanda, lida por Patrick Pearse naquele mesmo local em 1916. O local da estátua não poderia ser mais apropriado para estruturar-se enquanto um lugar de memória, afinal a sede dos correios foi o quartel general dos revoltosos durante o levante.

Figura 3 - Estátua de Cuchulainn no Posto central dos Correios; Local: Dublin, Co. Dublin, República da Irlanda.



Fonte: Arquivo do Autor.

Graças a essa escultura, a imagem de Cuchulainn moribundo ficou popularizada como uma figura republicana, resistente e representante da luta nacionalista de uma Irlanda celta. No entanto, em Belfast temos outras formas de usos do mesmo símbolo. Bem verdade, que a figura não perde seu caráter resistente. No entanto, na figura 3 podemos ver um Cuchulainn um tanto quanto diferente. Não mais a figura moribunda, mas sim um guerreiro com as armas na mão e defendendo sua terra.

O Mural deixa a mensagem bem clara. Ao seu lado uma bandeira do reino unido tremula avisando que aquele bairro é um bairro unionista. Acima de sua cabeça uma bandeira da Irlanda do Norte representando o Ulster. No canto do mural uma mensagem evidenciando que aquele Cuchulainn é diferente dos demais. A mensagem diz “ *Aqui nós estávamos e aqui permanecemos. Nós simplesmente queremos tomar nosso lugar ordenado por Deus como povo original do Ulster. Entendendo e vivendo nosso chamado nós assumimos nossa identidade sem vergonha, retaliação ou indignação contra aqueles que tem causado danos para o nosso passado e tentado castrar nossa cultura, nossa identidade e nosso lugar nesta*

ilha”.²⁸ Esta mensagem representa justamente a proposta unionista desse guerreiro ao associá-lo tomando o Tain como base, onde Cuchulainn protege a região do Ulster que hoje compõe o que chamamos de Irlanda do Norte. Cuchulainn luta pelo direito e liberdade dos moradores do Ulster contra as demais províncias da Irlanda. A posição é bem demarcada pela figura de Cuchulainn liderando uma horda de guerreiros do Ulster as suas costas.

Compondo a imagem encontramos no seu canto direito próximo a mensagem identitária, uma pedra com inscrições em Ogham. As inscrições em Ogham serviam para demarcar terras entre os antigos celtas. Aqui neste caso elas demarcam o Ulster na sua luta. É possível ver a mão vermelha do Ulster pintada na mesma pedra e abaixo o nome de Cuchulainn deixando sem sombra de dúvidas que aquela figura é o lendário herói celta das lendas.

Figura 4 - Mural unionista/loyalista de Cuchulainn; Local: Belfast, Co. Antrim, Irlanda do Norte - Reino Unido.

²⁸ No original: *“Here We STAND Here We REMAIN; We simply want to take our God ordained place as indiginous Ulster people. Undestanding and living out our calling we assume our identity without shame retaliation or indignation against those who have caused harm to our Past and tried to castrate our culture, our identity and our place on this island”*



Fonte: Arquivo do autor.

Para além de figuras presentes nas narrativas do Tain, outras figuras ganham contornos políticos na espacialidade irlandesa. Em Dublin, encontramos um enorme monumento nacional conhecido como “Garden of Remembrance” (Figura 5). Neste jardim é possível encontrar uma enorme construção, onde as pessoas cotidianamente usam para descanso. Neste lugar de memória, encontramos inúmeros aspectos célticos. O monumento tem por especificidade retratar todos aqueles que lutaram pela liberdade da Irlanda. No entanto, sua representação é repleta de celticidades. Logo ao entrarmos no espaço encontramos uma enorme fonte em formato de cruz. Esta fonte representa uma antiga tradição celta de jogar as armas dos guerreiros mortos em combate em lagos, lagoas e riachos. Dentro da fonte existe um mosaico com ondulações dando movimento as águas e inúmeras armas celtas como espadas, lanças e escudos contendo uma estética lateniana e representando o fim das hostilidades. Para além disso, as grades que circundam o monumento possuem espadas celtas em conjunto com outros símbolos nacionais, como a harpa de Brian Boru, também conhecida como a Harpa da província de Leinster.

Figura 5 - Garden of Remembrance; Local: Dublin, Co. Dublin, República da Irlanda.



Fonte: Arquivo do autor.

No entanto, o carro chefe do monumento encontra-se ao fundo, em uma enorme escultura retratando a lenda celta conhecida como “A Tragédia dos filhos de Lir²⁹” (Figura 6). No clímax narrativo desta lenda os filhos de Lir que passaram séculos aprisionados na forma de cisne, encontram a tão sonhada liberdade ao voltar a forma humana. A enorme escultura do ‘Garden of Remembrance’ retrata exatamente esse momento de transformação e liberdade e atrela essa mensagem ao caráter nacional ao fincar uma enorme bandeira da república da Irlanda junto desta representação.

A mensagem icônica dos filhos de Lir é, em analogia, uma representação que nos remete diretamente a causa irlandesa de liberdade e ao evocar estes elementos de celticidade, eles

²⁹ “A Tragédia dos filhos de Lir” Segundo Mackillop é também conhecida como uma das três histórias tristes da Irlanda, sendo as outras “Deirdre dos infortúnios” e “a triste História dos filhos de Tuirriann”

associam diretamente as lendas com o passado céltico histórico e mítico, produzindo novos discursos e atrelando diretamente estes elementos a uma memória nacional irlandesa, vivenciada cotidianamente por dublinenses que por ali passam.

Figura 6 - Escultura dos filhos de Lyr; Local: Dublin, Co. Dublin, República da Irlanda.



Fonte: Acervo do autor.

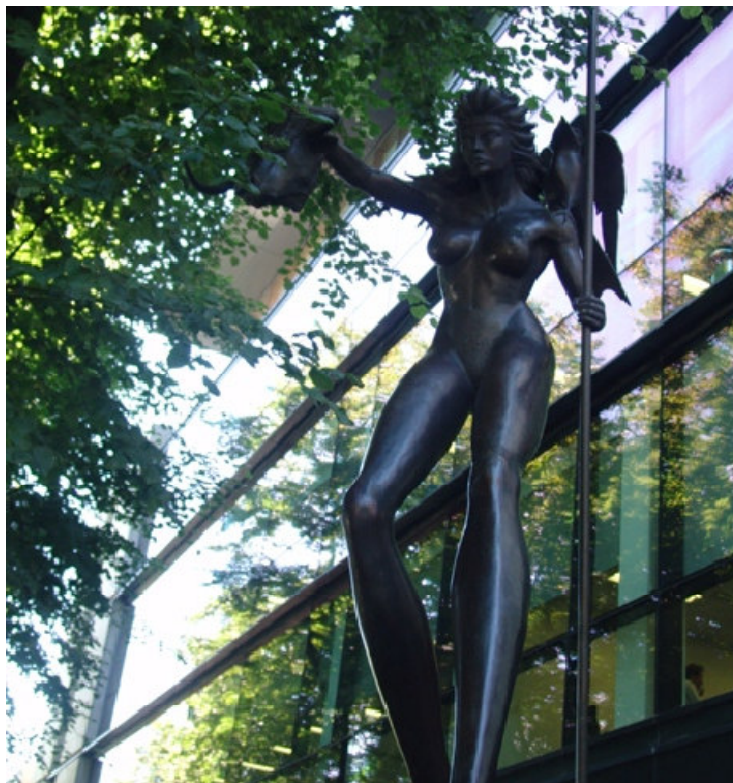
No entanto, essas representações estatuárias podem nem sempre estruturar-se por meio de uma vivência de memória que transmitam uma memória nacional. Muitas vezes também podem se valer de um referencial ligado a aspectos do cotidiano ou da vivência profissional destes indivíduos.

Este caso em específico pode ser notado no sul da cidade de Dublin, com uma arte estatuária de Maeve, rainha mítica da província de Connaught (Figura 7) e presente nas narrativas do Tain. No meio do centro comercial de Dublin em um luxuoso e recém inaugurado prédio comercial chamado de 'Connaught House'. Neste prédio está colocado uma representação mitológica céltica de Maeve, toda nua, empunhando uma arma em uma

mão e uma cabeça de touro em outra e em posição de batalha, com um corvo em seu ombro.

Maeve, segundo Mackillop³⁰, é uma figura feminina das mais ativas da mitologia céltica e tem seu imaginário ligado a questões de território, soberania e fertilidade. Sua participação no Tain mostra que Maeve é uma das figuras mais competitivas presentes nas narrativas. Estes valores são evidenciados na iconografia representada no prédio comercial em Dublin e se adequam a temática comercial, sendo utilizados e reconhecidos pelos que as vivenciam no cotidiano. Ou seja, Maeve é nesse contexto vivenciada como a expressão simbólica da concorrida experiência coletiva e espacial dublinense. Afinal, existe algum lugar melhor para que a competitiva Maeve repouse que num centro comercial?

Figura 7 - Estátua guerreira da Rainha Maeve; Local: Dublin, Co. Dublin , República da Irlanda.



Fonte: Acervo do autor.

³⁰ Mackillop, James. Dictionary of Celtic Mythology.

No mundo galego a celticidade está presente, mas de maneira velada. Ícones e símbolos célticos galegos aparecem aqui e acolá, mas não são legitimados oficialmente e quando o são é por um acaso ou uma tentativa de condicioná-los ao modelo castrexo.

O Modelo castrexo inicialmente foi a forma encontrada por anticeltistas e demais temerosos com os usos políticos do celtismo no galeguismo de falar sobre a evidente e pujante cultura material atlântica encontrada por todo território galego. Sendo incisivo neste assunto, é importante ressaltar que o modelo castrexo é uma construção bem incisiva de vários membros da academia ainda com resquícios de diretrizes franquistas mesmo nos anos 80.

É no bojo deste discurso que o modelo castrexo é definido por acadêmicos e órgãos oficiais referendados por Madrid. O castrexo é o céltico em definição autóctone, descolado de uma possível franja atlântica e temeroso de se assumir enquanto céltico. As principais representações, ícones e símbolos célticos encontrados na Galiza seguem esse dilema. Ou são explicitamente populares em seu celtismo ou são oficiais e castrexos com suas celticidades veladas, apesar de evidentes.

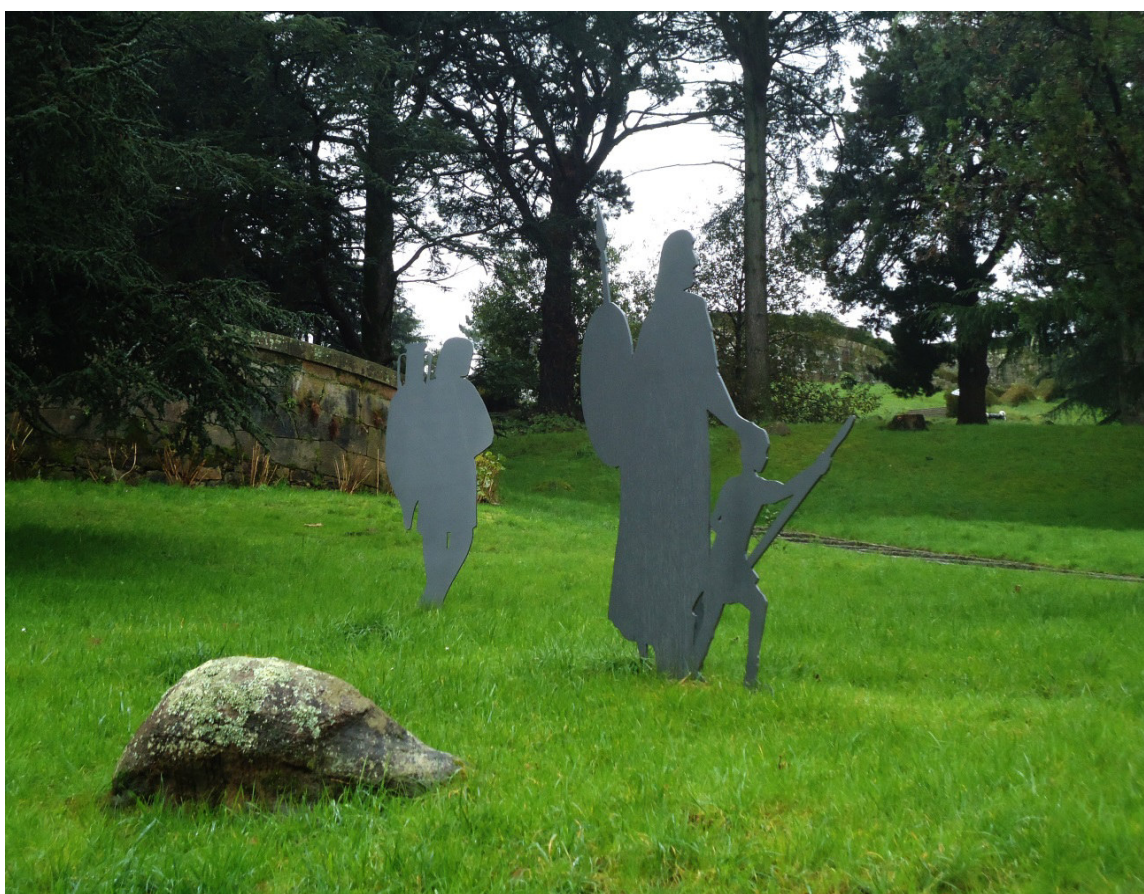
O não interesse oficial pela academia no resgate de uma memória céltica popular galega é fruto do receio de suscitar novamente as questões relativas a autonomia galega e, sobretudo, ao crescente movimento provincialista pós anos 80. Este movimento de cunho popular e mobilizador da população em seu dinamismo cultural é expresso pela viva expressão de seu folclore regional, obviamente repleto de celticidades em muitos aspectos.

O contraste com o discurso oficial anticéltico neste contexto é mais profundo, pois nega a possibilidade de uma coalizão de interesses populares ainda maiores, sendo o uso do celtismo apenas uma das facetas atacadas na busca dos setores detentores do poder contra uma autonomia que seria prejudicial a seus interesses pessoais e nada populares.

É o caso, por exemplo, da histórica cidade de Vigo. Para além de suas construções antigas e do seu famoso mar conhecido em canções medievais, a cidade se orgulha de seus fundadores ancestrais. Vigo surge a partir de populações célticas e aparentemente a cidade ainda os vivencia em algumas de suas monumentalizações.

No centro histórico da cidade de Vigo, nós encontramos o chamado castro de vigo, ainda preservado e aberto para visitas. Ao redor do castro, nós temos um pequeno parque onde silhuetas célticas se espalham por suas árvores antigas, de tal maneira que temos a percepção que os antigos ancestrais dos moradores de Vigo ainda perambulam por aquelas paragens.

Figura 8 - Silhuetas célticas; Local: Vigo; Galícia, Espanha.



Fonte: Acervo do autor.

A ideia é que a ancestralidade de Vigo fica entre o castrexo oficial e a celticidade popular, expressa na fala das pessoas e em suas vivências mais diretas, como no próprio time de futebol da cidade, o Real Club Celta de Vigo. Existe nestas representações a preocupação com um passado céltico que aparentemente ainda ronda a cidade e que deixa suas marcas ao longo das antigas e labirínticas ruas viguesas.

Marcas como os triskele são encontradas em diversos cantos, por exemplo. Seja nas reconstruções dos castros de Vigo ou em mosaicos nas ruas da cidade de A Coruña no extremo norte. O Símbolo tradicional do celtismo ganha roupagem galega em variedade de formas por todo o território. O que ele representa é a aceitação do celtismo. É o símbolo mais reconhecido em toda a franja céltica e na galícia não seria diferente.

Figura 9 - Detalhe da reconstrução do Castro de Vigo; Local: Vigo; Galícia, Espanha.



Fonte: Arquivo do Autor

A exaltação de símbolos como o triskele com suas espirais seja em âmbito institucional quanto na expressão folclórica popular é um sinal desta conexão galega ao celtismo inerente em suas representações. Não é possível negá-lo, mesmo que o identifique com o fenômeno castrexo.

É interessante que no caso galego a expressão popular muitas vezes é de maior penetração e nos mostra uma melhor compreensão do imaginário céltico galego. Seja no uso dos triskele já mencionados ou no caso de murais urbanos, por exemplo. Nos murais podemos ver a expressão popular céltica em forma mais maleável e viva, inclusive.

Figura 10 - Mosaico celta urbano ;Local: A Coruña; Galícia, Espanha.



Fonte: Arquivo do Autor.

Um bom exemplo disso são os murais presentes nas ruas da Coruña. Nos murais coruñeses podemos perceber leituras diferentes de tradições presentes no imaginário popular galego e

repletas de celtismo. É o caso da imagem da mulher celta de joelhos, portando um torque e com casas célticas ao fundo.

A figura feminina encontra-se de joelhos e de olhos fechados, em caráter onírico e apresentando neste sonho ancestral os elementos chave para seu entendimento enquanto celta. Ou seja, suas vestimentas próprias da ancestralidade, o torque como símbolo máximo na nobreza céltica de outrora e as construções redondas e em pedra próprias da cultura atlântica e associadas diretamente aos antigos celtas.

Figura 11 - Mulher celta galega ;Local: A Coruña; Galícia, Espanha.



Fonte: Arquivo do autor.

Além da figura celta feminina, nós temos o desenho do artista galego David Rubin. Nesta representação é possível ver a temática céltica mais usada entre as representações galegas: a figura de Breogán. Nesta imagem podemos observar que do alto de um promontório se eleva duas figuras. Em primeiro plano, maior e mais robusto, a figura de Breogán, guerreiro celta chefe dos milésios presente no Livro das invasões da Irlanda. Ao seu lado em segundo plano, nós encontramos a figura de Ith, seu filho, apontando para o horizonte, onde segundo

a lenda, a partir da cidade de a Coruña e em uma fria manhã de inverno, ele teria avistado a ilha da Irlanda.

Figura 12 -Breogan e Ith;Local: A Coruña; Galícia, Espanha.



Fonte: Arquivo do autor.

A Galícia, tradicionalmente conhecida em seu próprio hino como “A Nação de Breogán”, deposita nesta figura sua representação heroica nacional mais relevante e conseqüentemente

céltica. Breogán é referendado tanto no aspecto nacional mais direto quanto nas representações folclóricas mais gerais como o mural aqui descrito atesta.

Breogán está presente mesmo em discursos e em monumentalizações oficiais das mais diversas. Um bom exemplo disso é a estátua construída no parque escultórico que circunda a torre de Hércules. Entre as diversas esculturas existentes no parque, algumas chamam a atenção por seu celtismo evidente. Dolmens modernos são alocados no antigo sítio que outrora abrigou a tribo céltica dos Brigantes e junto destes nós encontramos bem próximos a famosa torre a figura de Breogán.

Breogán está lá como um guerreiro vigilante e protetor da torre de Hércules, que segundo a tradição local fora construída pelos romanos sobre a antiga torre céltica de onde os milésios teriam avistado a ilha da Irlanda. Do alto desta torre infelizmente não se pode avistar a ilha esmeralda como as narrativas medievais descrevem, mas podemos observar outra coisa tão interessante quanto.

Figura 13 -Breogan e sua torre; Local: Parque escultórico torre de Hércules. A Coruña; Galiza, Espanha.



Fonte: Arquivo do Autor

Do alto da torre é possível enxergar em sua plenitude um mosaico feito aos seus pés e em direção ao lendário horizonte. Neste mosaico, se forma uma rosa dos ventos que em cada uma de suas direções é representada uma nação céltica moderna. A Galícia lá se encontra junto das demais nações como a Irlanda, Escócia, Bretanha francesa etc. A leitura direta que este mural provoca é a mesma que o uso do celtismo junto ao galeguismo promove, ou seja, a identificação direta da Galícia junto as demais nações célticas e a legitimação de sua expressão cultural local junto a cultura atlântica.

Figura 14 - Rosa dos ventos indicando as nações celtas; Local: Parque escultórico torre de Hércules. A Coruña; Galícia, Espanha.



Fonte: Arquivo do Autor

Estes elementos retratados na iconografia constituem parte dessa identidade resistente celta que está em constante interpolação de suas fronteiras de reconhecimento, afirmação e atribuição simbólicas.

Este movimento tende a modificar os códigos e referências sociais sobre estas celticidades vividas no campo da memória e evidentes entre as diferenciadas percepções de celticidade e celtitude, o que necessita uma maior problematização que buscaremos desenvolver e responder no capítulo a seguir.

Capítulo 3 - O que é “ser celta”? Entre a comunidade imaginada e a identidade de resistência.

3.1 A Flexibilidade da identidade celta contemporânea.

A identidade celta atualmente é repleta de elementos de celticidade e celtitude. Tanto na Irlanda quanto na Galícia, identificar os elementos que compõe seu celticismo não é tarefa fácil. Isso ocorre porque a identidade celta é possivelmente uma das identidades mais flexíveis em termos de conceituação e até mesmo conceitos como celticidade e celtitude são por demais amplos em sua definição acadêmica.

O celticismo é um conceito aberto, pois suas memórias coletivas ainda estão sendo trabalhadas suas fronteiras étnicas por demais elásticas. O “ser celta” é de difícil e polêmica definição. Diversos são os elementos que o compõe e por toda a franja atlântica, nós encontraremos diferentes sentimentos de pertença identificados como célticos.

Esta exacerbada indefinição é instigante do ponto de vista acadêmico e muito nítida dentro das vivências populares do celtismo. A única forma de entender como estas celticidades formam um discurso coeso acerca do que é “ser celta” se encontra em esmiuçar o processo de construção identitária de cada uma destas populações.

Da mesma maneira com a idéia de celticidade e celtitude . Até porque dentro de nosso aprofundamento sobre o celtismo entendemos a celticidade como algo de caráter realmente emocional. Um amálgama de sentimentos abertos por tudo aquilo que possa de alguma maneira ser representado como céltico. A celticidade em nosso entendimento é construída por sua emotividade e não conhece delimitações geográficas, pois é estruturada de maneira pessoal e consumida de sem referenciais históricos definidos.

A celtitude, apesar de agir de maneira complementar ao conceito de celticidade é relativamente diferente. A celtitude é entendida aqui neste contexto como um trabalho que

envolve diretamente a resignificação da memória. A celtitude envolve uma projeção étnica do passado de maneira a afirmar uma identidade céltica presente. Cada grupo céltico desenvolve um estilo de celtitude diferenciado de acordo com suas especificidades.

Apenas por meio das especificidades célticas irlandesas e galegas que conseguiremos entender este sentimento céltico de pertencimento e compreender minimamente que a flexibilidade do celticismo não é sinônimo de total indefinição, por mais que seu entendimento pareça a certa distância extremamente confusa.

No entanto, vale lembrar que mesmo os famosos nós e entrelaçados célticos são a certa distância um emaranhado confuso e caótico, mas se repararmos de perto são simétricos e bem encaixados. Da mesma maneira se comporta o celtismo na franja céltica e entender como se apresenta sua celtitude e sua celticidade é o primeiro passo para se compreender o que é “ser celta” neste mundo em que vivemos.

3.2 Celticidade e Celtitude: Fatores estruturadores de um celticismo moderno?

Para melhor compreendermos este fenômeno identitário celta, é necessário objetivar certos conceitos teóricos e metodológicos que se enquadrem dentro de nossas questões e análises das representações desses grupos célticos de maneira a não servir de forma instrumental apenas, mas de contribuir para o melhor entendimento do debate identitário celta dentro do campo das ciências humanas.

Desta forma, é necessário buscar uma melhor conceituação do termo celta e suas demais implicações. Neste sentido, nós precisamos analisar brevemente o debate acerca da ideia do que é ser celta e se este termo tem de fato alguma ligação com antigas atribuições célticas ou se este seria apenas uma invenção moderna.

Como nós acreditamos que a busca por este ideal céltico também seja uma busca no passado céltico onde esta memória coletiva se constitui, nós cremos que o debate levantado

por Simon James ³¹no campo da cultura material pode ajudar, sobretudo, na articulação existente entre uma memória exterior, social e histórica e uma interior, pessoal e autobiográfica que segundo Maurice Halbwachs³²seria a base para a formação de uma memória contínua e densa. É neste ponto de articulação que pretendemos buscar a compreensão desta identidade céltica e sua apropriação de elementos exteriores na sua formulação interna traduzidos em celticidade.

A Celticismo é explorado justamente nestas celticidades coletivas e, enquanto norteador de nossas preocupações, é um tema que promove dentro de sua pluralidade diversos questionamentos que categoricamente incluem como diz David Harvey³³ temas como políticas de exclusão, promoção da diferença como mecanismo econômico, cultural e político e a busca por identidade em uma sociedade de consumo de proposições identitárias fragmentadas.

Seguindo ainda a proposição de Harvey, Jones, McInroy e Milliagan acerca da relevância dos estudos de celticidade, nós entendemos que as incontáveis possibilidades de significados obtidos na vivência mnemônica dessas celticidades se traduz como a temática céltica, e sobretudo, a ideia de “ser celta” formar um sentido real de pertencimento identitário para diversos grupos que partilham de uma memória coletiva “tanto em territórios célticos tradicionais, como para além destes”,³⁴.

Essa pluralidade das demandas célticas no mundo e das celticidades que a compõe seria segundo Harvey, característica da flexibilidade que a categoria céltica hoje tem. Neste sentido, é relevante sublinhar que o termo Céltico seria neste ponto a estruturação de:

³¹JAMES, Simon. *The Atlantic Celts: Ancient people or modern invention?*. Wisconsin, E.U.A. University of Wisconsin Press, 1999.

³²HALBWACHS, Maurice. *Memória individual e memória coletiva*. In:_____. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.p.29-70.

³³ HARVEY, David C. *Celtic Geographies: old culture, new time*. Londres: Routledge, 2002

³⁴Idem.

“um grupo de pessoas vivendo na costa atlântica da Europa que partilham características culturais e/ou étnicas, mas que foram reconstruídas e apropriadas nos anos mais recentes para incluir um grande número de outros indivíduos, vivendo para além dos territórios célticos e que sentem uma afinidade com vários aspectos da cultura céltica”.³⁵

Esse entendimento de céltico demanda ainda neste sentido uma gama de apropriações modernas na vivência de uma memória coletiva céltica moderna expressa em diversificadas formas de celticidade e celtitude.

Neste momento é de todo necessário explicitarmos a diferença entre Celticidade e Celtitude, dois conceitos chave na formação identitária céltica. Para melhor compreendermos estas ideias, baseamo-nos nas ideias do Antropólogo Michael Dietler³⁶ que define Celticidade como um sentimento de identificação emocional centrado em uma conexão direta com a ideia existente em certas características definidas como celtas que não demandam necessariamente alguma ligação direta com genealogia, território ou mesmo língua, mas apenas o que Bowman³⁷ chamaria de “cardiac celts”³⁸ contrário de Celtitude que como Dietler define, se traduz como um largo sentimento de orientação etno-nostálgica encontrado, por exemplo, nos movimentos de migração irlandesa e escocesa ao redor do mundo. Para Dietler, a construção de Celtitude envolve “*algum tipo de re-essencialização*” em um senso específico de pertencimento étnico baseado em uma visão de comunidade construída.

³⁵Idem, P. 4

³⁶ DIETLER, Michael. Celticism, Celtitude, and Celticity: The Consumption of the Past in the Age of Globalization, IN S. Rieckhoff, ed., *Celtes et Gaulois dans l'histoire, l'historiographie et l'idéologie moderne. Actes de la table ronde de Leipzig, 16-17 juin 2005*. Glux-en-Glenne: Bibracte, Centre Archéologique Européen (Bibracte 12/1), 237-248.

³⁷ Idem. p 239.

³⁸ Os “celtas de coração” é todo aquele que tem interesse a mantêm laços diretos com a cultura celta, mesmo que tenha nascido em sociedades totalmente diferente. O laço é puramente emocionalé alimentado pela vivência globalizada do mesmo.

Esta comunidade construída para efeitos de pesquisa é melhor correspondida com o conceito de “comunidades imaginadas” defendida nos trabalhos do cientista político Benedict Anderson³⁹ e que entendemos ser o caso dos grupos identificados como celtas oriundos da chamada “Franja Céltica” entendida da maneira proposta pelo pesquisador escocês Murray Pittock⁴⁰. A articulação dos pontos em comum dissonantes existentes nas definições de identidade entre Pittock, Anderson e Manuel Castells serão de considerável relevância para o entendimento das formações identitárias celtas e sua relação com sentimentos nacionais e políticas emancipatórias definidoras de uma política-vida nos moldes da estruturada por Anthony Giddens⁴¹.

A Franja Céltica estruturada por Pittock congregaria no interior de um entendimento transnacional a figuração de celticidades que comporiam um elemento Pan-céltico que incluiriam demandas culturais e políticas estruturadoras de uma institucionalização da celticidade e da celtitude, bem como do próprio celticismo como um capital cultural.

O Celticismo neste contexto Pan céltico seria, segundo Joep Leerssen⁴², análogo em alguns aspectos ao orientalismo de Edward Said por conter em sua construção a percepção de manter-se enquanto grupo estruturalmente dominado e marginal aos valores políticos e culturais metropolitanos, evidenciando uma relativa periferialidade inerente a própria definição de celticismo e suas demais expressões e vivências identitárias.

O aspecto periférico das comunidades célticas é para Leerssen fator preponderante de sua estruturação crítica frente a especificidade pós-colonial. Não é por menos que a Irlanda, política e espacialmente periférica mesmo na Franja céltica ocupa lugar de destaque na configuração dos elementos célticos. No entanto, o aspecto resistente pelo qual estes grupos se estruturam, sobretudo, no caso irlandês e galego nos alerta para não entendermos o

³⁹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo :Companhia das Letras, 2008.

⁴⁰ PITTOCK, Murray G.H. *Celtic identity and the British image*. Manchester: Manchester University Press, 1999. pp 01-19.

⁴¹ GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. pp 193-212.

⁴² LEERSSEN, JOEP. *Celticism*. In: Brown, Terence. *Celticism*. Amsterdam: Studiaimagologica, 1996.

escopo da abordagem do celticismo apenas análogo ao pensamento orientalista de Said, até mesmo porque como Leerssen nos aponta a temática celta se propõe muito mais plural se pensada dentro de uma abordagem pós-colonial.

O caráter periférico do celticismo encontra usos diferenciados nestes contextos. Por exemplo, dentro do escopo econômico, onde podemos observar a celticidade sendo apropriada para ganho econômico explorando seu caráter periférico e transformando sua marginalidade em *commodity* como veremos no próximo capítulo. Tudo isso, pois, ao contrário do orientalismo o celticismo possui uma visibilidade diferenciada utilizada das mais variadas formas.

Joep Leerssen coloca ainda que a diferença entre o orientalismo e o celticismo provavelmente reside que enquanto o discurso orientalista é analisado por sua existência em lapsos e silêncios preenchidos em registros de ausência, o celticismo se coloca sempre na posição de uma voz articulada resistente. Concordamos em alguns pontos desta colocação, sobretudo, no tocante a regiões como Irlanda e a Galícia que pontuam sua expressão céltica de maneira resistente evidenciando suas relações e pertencças Pan-célticas e possivelmente um senso imaginado próximo do que Anderson definiria “Comunidades Imaginadas”.

Desta forma, o conceito de “Comunidades Imaginadas” existente em Anderson são compreendidos dentro do entendimento analítico dos signos, ícones e tradições célticas forjadas ao longo da construção das percepções individuais desta memória coletiva pan-céltica repleta de celticidades. É necessário que a priori entendamos que as chamadas “Nações celtas” se estruturam da mesma forma que Anderson estrutura suas comunidades imaginadas, sendo assim constituídas de forma política e imaginada por serem: a) imaginada, pois os membros dos grupos célticos jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles; b) Limitada, porque mesmo que a “Franja céltica” seja de fato enorme suas fronteiras e zonas de influência de celticidade são finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações e sentimentos identitários; c) soberana, pois se estrutura sob a concepção iluminista que garante a liberdade desses grupos mediante a estruturação de um Estado Soberano; d) uma comunidade que independente da desigualdade existente a identificação e estruturação do eu até mesmo para fins de uma

política-vida, sempre é concebida por uma profunda camaradagem horizontal aos que partilham de suas demandas.

Nós entendemos então que corroborando com a abordagem de Anderson, o fenômeno identitário céltico partilha da percepção temporal do sentimento pan-céltico de celticidade ao se estruturar como coloca o autor por meio da simultaneidade onde os fatos, mesmo em locais diferentes, ligam diferentes pessoas por meio de uma consciência temporal de coexistência.

Para melhor compreender esses fenômenos identitários, é preciso entender também as principais características definidoras desta identidade celta. Para isso nos apoiamos no trabalho do professor Sérgio Luiz da Silva em *A sociedade da Diferença*, pois entendemos que a formação identitária céltica pode ser entendida dentro do discurso da outridade, denotando processos de reconhecimentos estabelecidos nas fronteiras simbólicas de diversidade social.⁴³

Neste sentido, a identidade teria por base definidora a afirmação e o reconhecimento em sua formação e dentro da modernidade inúmeros elementos de representação que ajudam a forjar o conceito identitário no sentido da política vivenciada no cotidiano destes indivíduos por meio de referências afirmativas simbólicas e materiais.⁴⁴

No entanto, ressaltamos que dentro de uma esfera-pública multi-identitária, a demanda política emancipatória existente no processo de formação identitária celta deve ser entendida dentro do diálogo das negociações de uma *identidade de resistência* tal qual entende Manuel Castells⁴⁵ ao expor três formas básicas de construção identitária presente no espaço público da sociedade global,⁴⁶ onde a identidade celta por meio da celticidade se promove justamente como uma identidade de resistência, estabelecida pelos atores que se

⁴³ SILVA, Sérgio Luiz Pereira. *Sociedade da diferença: formações identitárias, esfera pública e democracia na sociedade global*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. Pp 47.

⁴⁴ Idem. Pg 28.

⁴⁵ CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo, Paz e Terra, 2010.

⁴⁶ A saber: *A Identidade legitimadora* introduzida pelas instituições dominantes, *a Identidade de projeto*, capaz de redefinir sua posição na sociedade e *a Identidade de resistência* exemplificada no texto. Ibidem. p.24.

encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade dominante.

Inserido então a formação identitária céltica entre formas de reconhecimento, atribuição e representação, sua estruturação se faz como propõe Pittock, por meio de signos, ícones e construções tradicionais coletivas que apoiados em uma base histórica céltica que formam memórias coletivas legitimadoras do sentimento de comunidade imaginada das nações célticas. No entanto, ao contrário de Pittock que entende a identidade celta apenas por heranças históricas, continuidades tradicionais e de identificações do que Dietler chama de celtitude, nós entendemos esse processo dentro de uma fragmentação da identidade cultural em nossa modernidade, próxima do que Stuart Hall ⁴⁷aponta e interagindo dentro da esfera global por meio de demandas multiculturais ligadas a uma política emancipatória que usa de tradições inventadas para se formar enquanto uma identidade de resistência com um foco político afirmativo bem nítido.

Esse caso é mais bem exemplificado em como essas tradições inventadas se estruturam junto as demandas políticas de países como a Galícia e a Irlanda, sobretudo, nesta última, onde ícones, signos e tradições inventadas célticas são utilizadas em projetos políticos identitários muitas vezes antagônicos como veremos mais a frente.

Um entendimento melhor destes usos, segue a ideia destas tradições como para Eric Hobsbawm em “*A Invenção das tradições*” como sendo

“um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado (...)”. ⁴⁸

⁴⁷ HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Pp.14-22

⁴⁸ HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 9.

Esta definição por certo atende a formação identitária céltica, pois o uso da antiguidade enquanto construção é base da justificativa do reconhecimento de uma identidade céltica legitimadora das ações e da coesão grupal imaginada pela comunidade pan-céltica, e relembradas na memória coletiva dos movimentos de identidade resistente céltica nos mais variados locais onde esta se apresenta.

A tradição inventada céltica segue a proposta de Hobsbawm, pois entra em uma categoria que simboliza a coesão social e as condições para a admissão desse grupo imaginado por meio da inculcação de ideias, sistemas e padrões de comportamento caracterizados e em muito estereotipados como sendo, de fato, célticos.⁴⁹

No entanto, neste ponto de nossa explanação teórica, nós concordamos com Castells ao criticar a postura de Hobsbawm sobre a articulação destas tradições junto a um movimento nacionalista, como algo que vem da base para o topo como um protonacionalismo apenas. A formação de um Estado-Nação existente em uma comunidade imaginada não é condição para a transformação de um protonacionalismo em nacionalismo como diria Hobsbawm, pois acreditamos que estes nacionalismos, sobretudo, o céltico se fortalece de uma política emancipatória que pouco a pouco se estrutura em nossa modernidade como a expressão de uma identidade que precisa se reconhecer e se afirmar pela resistência⁵⁰.

Entender como estes nacionalismos, por exemplo, se firmam nas mudanças intraétnicas é entender como a estruturação étnica e identitária resistente céltica se utiliza hoje de seu celticismo de maneira dinâmica e coletiva em suas fronteiras. A articulação de elementos de celticidade e celtitude em um nacionalismo cultural pautado na singularidade destes elementos celtas é ponto comum por toda franja céltica e nos ajuda também a entender o que define o grupo étnico para além do material cultural que ele engloba.

É neste sentido que se enquadram nas formações identitárias célticas seus elementos estruturantes existente na pluralidade representacional céltica destas diferentes espacialidades. E o processo formador de uma política identitária céltica formador de um

⁴⁹idem. p.17.

⁵⁰CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. São Paulo, Paz e Terra, 2010. pp. 44-49

processo constantemente revitalizador destes elementos célticos e de seus usos e consumos na espacialidade Pan-céltica.

O registro visual destas práticas, neste contexto, nos parece mais próximo de uma homogeneidade céltica, sobretudo, pelo caráter resistente que estas celticidades conseguem produzir na vivência de uma memória coletiva destes grupos. Esta homogeneidade liga-se diretamente com a ideia que ser um celta ou céltico evoca ideias que remetem diretamente a uma identificação estreita com os elementos e práticas das populações célticas e, sobretudo, dos seus elementos visuais afirmativos.

Neste sentido, a construção das fronteiras étnicas célticas tanto no caso galego como no caso irlandês, bebem de um celticismo muito próximo, mas que forma definições étnicas diferenciadas sem deixar de exprimir sua maneira de etnicidade pautada por seus atores em um caráter relacional e dinâmico por meio do fluxo e das disputas intersticiais existente na oposição nós com relação a eles, o outro que acaba por definir suas próprias fronteiras étnicas em disputa resistente.

3.3 Da comunidade imaginada a identidade de resistência: O discurso da outridade e as fronteiras simbólicas em disputa.

A Outridade é o ponto de partida para o entendimento da identidade celta. Em verdade, qualquer outra maneira de se entender a identidade céltica como uma identidade de resistência seria falha. Afinal, se esta identidade resiste com seu celticismo, sobre o que ele resiste?

Responder essa pergunta é entender pela negação do que não é céltico, a verdadeira bandeira que as nações celtas ostentam suas representações contemporâneas. Definir o discurso do outro britânico ou madrileno e entender quase que diretamente pelo que os resistentes irlandeses e galegos lutam e como usam do celticismo para tal finalidade.

Murray Pittock nos lembra que parte do sentimento de pertença britânica vem de um organicismo que se vê agregador e aglutinador de todos os valores nacionais em seus

domínios políticos e econômicos. Em geral, nós concordamos que historicamente a política paulista também tenha essa percepção de sua pertença ao tratar do galeguismo.

A problematização aqui vai além das políticas extremas junto às minorias, como no caso britânico com relação a períodos de extrema tensão com a causa irlandesa ou até mesmo na dura política ditatorial franquista no caso espanhol ao longo do século XX. Claro que estes fatores devem entrar na equação, mas temos de entendê-los como uma exacerbação de valores que já estavam estruturados e em curso nas relações de alteridade entre os grupos em questão.

O dilema gerado pela organicidade destas identidades britânicas e paulistas é o ponto de articulação. É por meio dele que entendemos o ato de dominação que estes grupos exercem sobre as minorias políticas que usam do celticismo como instrumento de resistência e de autodeterminação. É o pretender-se maior e com valores aglutinadores ignorando que a dinâmica relacional entre estes grupos é uma via de mão dupla.

Ao se ignorar essa proposta, nós entendemos como este sentimento de organicismo só consegue manter-se por vias não diretas. É necessário uma política agressiva para com as minorias e de crescente marginalização dos grupos que se pretendem abaixo em uma dinâmica que se constrói horizontal.

O celticismo utiliza de seu caráter periférico para se localizar nesta dinâmica relacional. Afinal, é justamente a marginalização do celticismo que o torna instrumento tão forte na estruturação destas identidades de resistência ao longo da franja atlântica.

A identidade céltica é uma atribuição marginalizada que busca em sua estruturação opor-se a uma identidade legitimadora maior e organicista. Mesmo no caso irlandês, onde a luta pela independência tornou em parte os elementos célticos parcela de uma cultura estabelecida no campo político, nós percebemos uma preocupação muito grande da rememoração destes elementos nacionais frente a elementos estrangeiros, sobretudo britânicos.

No caso norte irlandês, ainda em disputa suas representações tanto do lado republicano quanto do lado loyalista buscam legitimar suas representações com elementos célticos resistentes e, de certa maneira, marginalizados. Mesmo no caso dos grupos conservadores norte irlandeses que criam uma identidade do autóctone do Ulster que luta contra a estabelecida identidade republicana sulista.

É interessante notarmos que essa identidade autóctone do Ulster defendida pelos conservadores loyalistas da Irlanda do Norte é volátil. Afinal, o Ulster que estes grupos pregam em suas representações é tanto céltico quanto britânico e não conseguem definir uma bandeira política clara para além da preservação das coisas como estão.

Isto ocorre por conta justamente por conta da experiência compartilhada por estes grupos dentro da dinâmica representacional céltica. Eles estão presos em meio aos dois mundos e suas vivências e produções de memórias coletivas que os formam estão diretamente ligadas a preservação e valores que pretendem-se ancestrais, mas que dia após dia caem por terra na vida globalizada.

A questão que devemos colocar a partir deste momento é: Como estes grupos promovem e geram suas memórias coletivas? As imagens comunais que estes grupos fazem de si, fragmentadas em meio as demandas do mundo globalizado, interferem de que maneira na estruturação de ‘comunidades imaginadas célticas’ atuantes?

Estas perguntas que poderiam recair em dúvidas sérias sobre o próprio conceito de ‘Comunidades Imaginadas’ estipulado por Benedict Anderson tem como resposta justamente a experiência coletiva que estes grupos fazem de uma Memória Social céltica.

Em um mundo globalizado, é a vivência cotidiana destas identidades célticas que interfere nas variações resistentes das mesmas. Os ideários culturais e projetos políticos diferenciados são expressos e consumidos em novas mídias sociais e vividos por estes grupos de acordo com suas fronteiras étnicas em disputa.

O campo simbólico aqui é experimentado e revalidado a todo o momento, atuando diretamente na própria concepção de nacionalismo que estas nações celtas constroem em suas vivências coletivas de Memória. No entanto, estes nacionalismos passam pela desconstrução de uma comunidade imaginada típica em detrimento de uma pluralidade de imagens comunais fragmentadas.

Neste sentido, devemos compreender que esse processo de formação de comunas, ou diretamente comunidades é condição direta da construção de uma identidade destinada a resistência, como é o caso da identidade céltica.

O problema é que suas formulações e disputas étnicas próprias de sua construção enquanto identidade de resistência tem a tendência a desconstruir a ideia de uma comunidade imaginada como fator agregador e organizador destes valores. Primeiro, porque a crítica ao Estado-Nação é evidente nas relações de nações que seriam definidas por autores como Hobsbawm como protonacionalismo, segundo porque como diria Castells *“étnica, religião, idioma, território, per se, não são suficientes para erigir nações e induzir o nacionalismo.”*⁵¹

O que induziria a formação de um nacionalismo céltico segundo este raciocínio seria a experiência compartilhada expressa na vivência coletiva de projetos e, sobretudo, das representações dos símbolos e ícones culturais inseridos nas disputas por fronteiras étnicas. Estes elementos fazem parte de uma série de Memórias coletivas que somadas produzem uma forma de nacionalismo própria do celtismo.

Este celtismo, por sua vez buscaria não em grupos imaginados e estanques a sua formação nacionalista direta, mas sim em demandas fragmentárias das vivências cotidianas, onde a solidariedade coletiva oriunda da legitimação de uma Memória Coletiva seria o principal ponto de articulação.

⁵¹ CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. Pp 46.

As imagens comunais formadas nesse ínterim é o verdadeiro palco de disputa de identidades resistentes que não estão estabilizadas em momentos históricos precisos, mas sim em constante movimento. Isto é posto, pois como nas palavras de Castells acreditamos que

“(…) ao contrário das visões de Hobsbawm ou Anderson, o nacionalismo como fonte de identidade não pode ficar restrito a um determinado período histórico e aos processos e conquistas do Estado Nação moderno.”

A identidade céltica está em constante formulação e isto se dá porque os diferentes fatores que influenciam nas disputas simbólicas do celtismo só podem ser mesurados por meio da Memória coletiva que induz cotidianamente diferentes formas de interação entre estratégias de poder conflitantes.

Esta memória céltica é definida por diferentes fluxos representacionais estruturados em suas fronteiras étnicas. A definição destas fronteiras estão ligadas diretamente a um processo político ativo de resistência política em curso na disputa e na elasticidades de sua própria etnicidade contemporânea.

3.4 A Identidade étnica dos celtas: fronteiras étnicas e resistência política.

Segundo Fredrik Barth⁵², a etnicidade constitui um fenômeno de construção social que sobrepõe o aporte cultural, mostrando-se de fato como uma forma de organização social. Nos atemos a este ponto para pensarmos a estrutura identitária céltica em sua definição, sobretudo, nos debates acerca dos fluxos e da alteridade presente na dinâmica social

⁵² BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Editora UNESP, 2011. Pp. 185-227.

estruturadora dos elementos de celtitude e celticidade formadoras do celticismo contemporâneo.

Claro que devemos, obviamente, problematizar Barth de maneira a melhor entendermos sua base teórica junto ao celticismo. Alguns de seus apontamentos sobre alguma forma de ecologia cultural e social, oriunda de uma leitura biológica do próprio Barth são considerados por nós como obsoletos e de uso ambíguo, por exemplo.

No entanto, não podemos negar a relevância dos apontamentos de Barth na estruturação de um campo de estudos acerca da etnicidade. Ao lermos as diferentes formas de estruturação teórica dos estudos étnicos desde sua formação mais clássica até os debates mais atuais sobre o caráter relacional e também dinâmico em detrimento de um estatismo étnico apontado por Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, nós conseguimos ver a relevância de Barth junto ao tema.

Em verdade, concordamos com Manuel Alberto Fernández Götz⁵³ que existe sobre a obra de Barth um caráter quase paradigmático da mesma, onde um debate mais aprofundado sobre suas diferentes teorias e sua relação com o celticismo, por exemplo, não pode ser feita sem que se levantem alguns de seus apontamentos.

Neste sentido, partimos da proposta básica de Barth de que a etnicidade é um elemento de saber cultural compartilhado⁵⁴, onde sua estruturação por ser pautada mais como uma organização social que cultural e que deve ser entendida diretamente com a ideia partilhada pelos atores que dela postulam seu caráter relacional e dinâmico.

Dentro da estruturação da identidade celta enquanto uma identidade étnica formulada em espacialidades cambiantes na franja céltica não podemos esquecer de como a formulação étnica do celticismo é diretamente ligada a característica fronteira da etnicidade, sobretudo, no tocante a oposição relacional entre nós e eles sem a qual nenhuma afirmação poderia ser feita sobre suas características célticas, bem como ao uso dos diferentes

⁵³ GÖTZ, Manuel Alberto Fernández. A Construción arqueolóxica da etnicidade. Editorial Toxosoutos, A Coruña, 2009. Pp 74-75

⁵⁴ POUTIGNANT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. O domínio da etnicidade: as questões-chave. In: Teorias da Etnicidade. São Paulo Editora UNESP, 2011.

elementos de celtitude e celticidade na construção do celticismo enquanto elemento básico da representação e afirmação das fronteiras étnicas célticas.

Não é de se estranhar que o caráter resistente da identidade céltica contemporânea possa ser entendida por meio dessa relação do Nós em oposição ao Eles nos interstícios relacionais de suas fronteiras. Autores como Norbert Elias⁵⁵, por exemplo, nos ajudam a entender essa relação seja no caráter da própria organização objetiva dos grupos que se definem em alteridade ou na própria dinâmica e vivência coletiva de seus aportes culturais próprios que servem como definidor étnico altamente mutável.

É neste sentido que muitos dos estereótipos ligados a formação étnica são experimentados pela vivência coletiva dos próprios atores no interior dos grupos. Tal ideia corrobora com a definição existente na oposição interacional e intersticial entre o que é considerado nós em oposição a eles por meio de ideias associadas ao próprio senso comum, onde segundo Elias

“(...)é frequente as crenças coletivas serem impermeáveis a qualquer dado que as contradiga ou a argumentos que revelem sua falsidade, pelo simples fato de serem compartilhadas por muitas pessoas com quem se mantém um contato estreito. (...)”⁵⁶.

A vivência dos atores é não apenas pertinente, mas basilar no entendimento destas afirmações construídas no espaço relacional entre o nós e o eles que definem em algum nível as fronteiras étnicas. Buscar o significado é relevante para se trilhar o caminho do simbólico que deixado de lado por Barth em sua exagerada ênfase na desconstrução cultural frente a constituição do grupo étnico deve ser retomada, obviamente com ressalvas, no entendimento da significação que os atores constroem em suas relações interétnicas.

⁵⁵ ELIAS, Norbert. Os Estabelecidos e outsiders., Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

⁵⁶ Idem, Pg 127.

Esta nova ênfase na significação como colocado por Eriksen e citada por Poutignat⁵⁷ é, a nosso ver, base de uma formação de uma franja céltica e de suas afirmações e representações simbólicas célticas estruturadas muitas vezes no campo político.

O campo político céltico é por sua vez um cenário de disputa a parte da formação e construção dos grupos étnicos da franja céltica. No entanto, mesmo que concordemos em parte com Poutignat ao citar Drummond quando diz que “(...) *É a natureza simbólica inerente à etnicidade que lhe confere sua eficácia política, e não sua utilização na luta política que lhe confere uma dimensão simbólica*”,⁵⁸ não podemos deixar de lado a relevância das peculiaridades dos “modelos políticos célticos” como estruturados por Kurt W. Jefferson no escopo da ciência política, pois suas variáveis influenciam e muito o fluxo intersticial das fronteiras étnicas célticas atuais.⁵⁹

O uso político das representações célticas encontra tanto no campo da celtitude como da celticidade um terreno fértil para estruturar sua característica mais direta enquanto identidade de resistência. Neste sentido precisamos deixar de fato claro que a identidade étnica céltica é por meio da própria visão étnica partilhada pelos atores que dela fazem parte uma identidade de resistência relacional bem politizada.

O uso político dentro da dinâmica relacional existente entre grupos estabelecidos e outsiders estruturam as diferentes visões do celticismo na franja céltica atlântica, seja na sua relação com grupos hegemônicos locais britânicos ou madrilenos ou em visões mais

⁵⁷POUTIGNANT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. O domínio da etnicidade: as questões-chave. In: Teorias da Etnicidade. São Paulo Editora UNESP, 2011. p. 131

⁵⁸Idem, p 126.

⁵⁹Jefferson em seu livro “Celtic Politics” propõe que exista um modelo único para a formação política na Franja céltica. No entanto, mesmo que discordemos desta proposta da ciência política de unicidade política onde todos os demais elementos seriam influenciados diretamente pelas relações políticas, nós concordamos com algumas assertivas de Jefferson ao dizer que a política das nações célticas se estrutura por seu caráter de periferia com relação aos centros politicamente imperialistas, e que seus países viram surgir segundo ele a partir de 1945 um nascimento de um etno-nacionalismo atrelado a questões políticas, o que é a nosso ver apenas a expressão estruturada de uma demanda étnica formada décadas antes. No entanto, o debate levantado por Jefferson segue a proposta das disputas por autonomia política que são a nosso ver um ponto muito relevante no entendimento da flexibilidade alcançada por algumas fronteiras étnicas no interior da franja céltica.

abertas na sua própria relação com a construção europeia em suas variáveis sociais e econômicas.

É neste sentido que temos sim de trazer a questão política para o debate da etnicidade céltica, mas sem tentar sobrepô-la ao seu caráter relacional e simbólico também relevantes para o entendimento pleno de suas relações étnicas. Até porque mesmo em Barth as identidades étnicas estão atreladas a certos valores culturais que servem para avaliar ou negar determinadas pertencças.

Este ponto é interessante, sobretudo no caso galego, onde muitas vezes as condições sociais provocadas pela exacerbada dominação madrilena durante o franquismo e atualmente pelos meios de comunicação em massa se fazem manifestar acima da competência étnica galega no uso de elementos acerca do celticismo tornando muitas vezes sua definição esquizofrênica entre as modalidades de visões étnicas pertinentes para os atores.

Estas visões, no caso da chamada franja céltica e em especial no caso irlandês e galego que pretendemos exemplificar neste trabalho só podem ser compreendidas por meio de um melhor entendimento das ideias de celtitude e celticidade, elementos basilares não apenas do que compõe o celticismo, mas também por serem o principal aporte cultural que define em suas nuances a mutabilidade da vivência mnemônica coletiva céltica em suas interações interétnicas e também intraétnicas.

3.5 O Ativismo céltico irlandês: a valorização da “raça celta”.

O legado destas visões iniciais ainda hoje é a base das interpretações e reinterpretações da celticidade tanto no meio acadêmico quanto no senso comum. Suas principais elaborações, no entanto, estruturam-se para além das primeiras menções acadêmicas do termo feitas por Buchanan, mas principalmente entre os “estudos raciais” como Bruce Nelson⁶⁰ nos coloca

⁶⁰ NELSON, Bruce. *Irish nationalists and the making of the irish race*. New Jersey: Princeton University Press, 2012.

ao debater a formação nacional e política de grupos irlandeses no século XIX e início do século XX.

É neste período cronológico, inclusive, que o campo dos chamados estudos célticos é estruturado e as principais bases e conceituações do celticismo são formadas.

Segundo Nelson⁶¹ e Harvey⁶² a estruturação do campo analítico céltico neste momento parte do pressuposto da sua diferenciação frente aos demais e, sobretudo, ao ideal britânico de origem racial anglo-saxã. O “ser celta” é colocado nestes termos pela visão do que se entende enquanto Britânico, anglo-saxão e, conseqüentemente superior a chamada “raça celta”.

A visão britânica, neste sentido é objetiva e estruturante. A perspectiva racial vai definir a “raça celta” em oposição a anglo-saxão. Os celtas neste momento ganham atribuições que ainda hoje são perpetuadas. Entre as principais caracterizações como nos aponta Nelson, nós encontramos a paixão, o sentimento, a infantilização, a melancolia, o lado emocional e, sobretudo, a incapacidade de auto-controle e de auto-governo como fatores definidores deste celta.

Isto ocorre de maneira a referendar a resistência que motiva a própria estruturação da identidade celta. O preconceito ao elemento céltico existente nesta postura racializada criará o elemento necessário para a resistência identitária que será a tônica céltica motivadora de uma das transformações acerca da representação discursiva sobre o que é “ser celta”.

Nos discursos literários e visuais ainda encontraremos a representação céltica como “essencialmente” feminina. Essa caracterização divulgada por poetas, filósofos ensaístas e críticos culturais em geral ingleses como o caso de Matthew Arnold e de outras nações como o francês Ernest Renan associa todos esses atributos femininos da “raça celta” e os dissemina como senso comum e explicação plausível não apenas para a dominação destes

⁶¹Idem.

⁶²HARVEY, David C. Celtic Geographies: old culture, new time. Londres: Routledge, 2002

povos, mas também para explicar sua fraqueza frente a outros grupos que “racialmente” seriam mais preparados para governá-los.

No entanto, a incapacidade de auto-controle e de auto-governo, bem como a ideia de que a “raça celta” seria por definição passional e infantil nos remete a até mesmo a definição deste elemento celta como selvagem e que sendo uma ameaça deveria ser etnicamente limpo pela presença saxã segundo estes críticos. O elemento racial celta era inclusive embasado por estudos como os do anatomista Robert Knox de Edimburgo, que segundo Bruce Nelson, associava as características físicas e comportamentais da “raça celta” aos “selvagens da América”, bem como a negros africanos.

Esta caracterização dos irlandeses como “negros brancos” ganhou na representação visual de periódicos britânicos enorme aceitação, sobretudo, no contexto político turbulento do século XIX com a formação de um movimento nacionalista irlandês cada vez mais consolidado e resistente ao elemento britânico.

O Racismo formava na visão do celta como “outro” uma imagem que demonstrava o inglês, obviamente, como angelical, livre pensador em contraste com uma imagem que demonstrava pela representação imagética um irlandês grotesco e símio corroborando com o discurso científico e antropológico ressoando o racismo celtofóbico⁶³ de Robert Knox que colocava os celtas enquanto “raça” em níveis próximos aos catalogados nas “listas de negritude” proposta por John Beddoe e de enorme aceitação entre aqueles que acreditavam na superioridade de uma raça branca, sobretudo anglo-saxã sobre as demais. Junto das características estritamente físicas como formato do crânio, formação corpórea e etc, os irlandeses eram caracterizados não apenas academicamente, mas, sobretudo, nos periódicos ingleses da época como o “Punch” com feições próximas aos símios e sempre figurando as características descontroladas, infantis, passionais e ignorantes que os definiam como incapazes de autogoverno por serem selvagens demais.

⁶³CHENG, Vincent J. Catching the conscience of a Race: Joyce and Celticism. In: BEJA, M. & Norris, D. eds; *Joyce in the hibernian Metropolis: Essays*. Ohio State University Press, 1996. pp 21-43

Por outro lado, estes elementos selvagens da “raça celta” eram, na relação de alteridade, positivadas pelos nacionalistas da franja céltica. Segundo Nelson⁶⁴ e Pittock⁶⁵ os movimentos nacionalistas irlandeses dessa época, buscando autonomia política e cultural, apoiavam-se nos mesmos elementos raciais para elevarem-se. Neste sentido, por mais antagônicos que os diversos projetos nacionalistas fossem, eles encontravam causa comum na relação binária de demonização de todos os elementos anglo-saxões e exaltação dos elementos celtas, sobretudo, na figuração da figuração idealizada e romântica do celta como “bom selvagem”.

A ideia do celta enquanto “bom selvagem” e positivado pelos grupos nacionalistas procura neste contexto, por exemplo, varrer a imagem feminina e britânica céltica, sobretudo, a estruturada pelos críticos culturais como Matthew Arnold que buscariam atribuir ao celta feminizado como um acessório decorativo da identidade britânica e que segundo, Pittock⁶⁶, os retratariam com o olhar de um império militar e masculinizado que via toda e qualquer movimentação emancipatória céltica com o entendimento que se dava a época a mulheres passionais e histéricas.

No caso galego teremos o celtismo ganhando força nessa mesma época, no chamado período do “rexionalismo” com a figura de Manuel Murguía que passa a identificar elementos da cultura material céltica nas origens de uma tradição atlântica galega. Estes elementos que caracterizariam os galegos dentro desta ideia do bom selvagem são levados mais adiantes por Vicente Risco e outros expoentes ligados a revista “a nossa terra” e “nós”, publicações da chamada “xeración nós” que durante o primeiro quartel do século XX trouxe uma carga de renovação ao galeguismo, sobretudo com relação ao aporte cultural, onde o celtismo era uma das bandeiras dessa legitimação identitária étnica galega.⁶⁷

⁶⁴ NELSON, Bruce.

⁶⁵ PITTOCK, Murray. Celtic Identity and the British image.

⁶⁶ Idem. Pp 64-66.

⁶⁷ FERNÁNDEZ, Bieito Alonso. Breve Historia do Nacionalismo Galego. Ed: A Nosa Terra, 1999.

A visão romântica do Bom selvagem, neste sentido será determinada pelas diferentes visões étnicas do que é “ser celta”. No entanto, com uma diversidade cultural menor em detrimento da crescente pluralidade de concepções étnicas do que seria ser, de fato, celta.

Na base dessa reestruturação do ideário céltico junto aos nacionalistas da Franja céltica nós temos o movimento Revivalismo céltico que cresce de maneira panfletária e solidifica um ideal Pan céltico com a fundação em 1899 da “Sociedade Pancéltica” e do início dos congressos pancélticos .

Neste sentido, temos a figura preponderante de intelectuais e ativistas como Patrick Pearse, Lady Gregory e do poeta, folclorista e místico William Butler Yeats que reestrutura a imagem céltica por meio do Revivalismo céltico imaginando um eco da ancestralidade céltica na vivência idealizada destes grupos.

Essa idealização visava inclusive romper com o ideal recorrente da época, inclusive na franja céltica, de que mesmo a transformação da imagem do celta em algo positivo com o bom selvagem, entendia-se, segundo Pittock⁶⁸ como a figura de um Herói Celta que apenas existe para ser “*triste, mas encantador.*” O nacionalismo galego, sobretudo o da xeración nós vai beber e muito dos mitos irlandeses desta geração de folcloristas, associando de maneira peculiar seu próprio celticismo galego a uma tradição céltica irlandesa, buscando assim uma forma de legitimação atlântica de sua identidade céltica galega.⁶⁹

O Celticismo, neste sentido, passaria por uma revalidação de atributos romantizados utilizando de uma sacralidade geográfica das terras célticas como meio de estimular uma nostalgia estereotipada de algo nobre que foi destruído pela dominação do Outro seja ele oriundo de Madri ou de Londres. O elemento político nacionalista é estruturador do aporte cultural articulador das fronteiras étnicas já neste momento primevo.

⁶⁸PITTOCK, Murray. Celtic Identity and the British image. Manchester University Press, 1999 p. 61.

⁶⁹ Será publicado nas revistas nacionalistas galegas do primeiro quartel do século XX, sobretudo, nas revistas “A Nosa Terra” e “Nós” traduções, fragmentos e adaptações do chamado Leabhar Gabhála, o livro das invasões da Irlanda, manuscrito medieval que conta a origem céltica da ilha. A construção da tradição nacionalista céltica galega estará desde então atrelada a esta lenda em particular tanto que o nacionalista galego Vicente Risco chamará a Galícia de “Irlanda do Sul” e no hino oficial da Galícia se chame a região até hoje de a “nação de Breogán”, nome inclusive muito comum por toda a região galega.

Vale lembrar neste momento que ainda segundo nosso entendimento de Barth, estas fronteiras que definem as bases étnicas célticas não são nunca restritivas, sobretudo, por conta do papel da cultura como instrumento definidor étnico altamente mutável.

O aporte cultural étnico que se desenvolve com os movimentos nacionalistas irlandês e galego, por exemplo, mudam através das décadas em decorrência tanto das interações interétnicas de acordo com suas fronteiras ou das nuances cambiantes intraétnicas seja no interior da franja céltica entre as plurais nações célticas ou dentro de seus grupos menores com a modificação dos usos e costumes tradicionais célticos em novos suportes afirmativos destas identidades étnicas.

Entender como estes nacionalismos, por exemplo, se firmam nas mudanças intraétnicas é entender como a estruturação étnica e identitária resistente céltica se utiliza hoje de seu celticismo de maneira dinâmica e coletiva em suas fronteiras. A articulação de elementos de celticidade e celtitude em um nacionalismo cultural pautado na singularidade destes elementos celtas é ponto comum por toda franja céltica e nos ajuda também a entender o que define o grupo étnico para além do material cultural que ele engloba.

3.6 Visões da celtitude irlandesa e galega

A celtitude, sua crítica e principalmente seus mecanismos de legitimação estão presentes no nacionalismo irlandês e galego desde a sua formulação. Desde o século XIX, intelectuais e ativistas construíram desta maneira a leitura cultural de um celtismo ancestral.

Desta maneira, falar de celtitude na Irlanda e na Galíza é falar um pouco do imaginário criado por estes intelectuais ao longo das décadas. Na Irlanda nomes como W.B. Yeats, Patrick Pearse e até mesmo James Joyce vão referendar este ethos céltico na identidade irlandesa. Na Galícia, figuras como Verea y Aguiar, Vicetto e Eduardo Pondal darão os alicerces pelos quais Murguía, Risco e Cuevillas lapidarão o celtismo em seu caráter ancestral e etnonostálgico.

No caso irlandês é impossível falar de celtitude sem falar da atuação de Patrick Pearse. Poeta e nacionalista, Pearse dedicou sua vida a causa irlandesa. Apesar de ser lembrado por ter sido um dos mártires do levante de Páscoa 1916⁷⁰, desempenhou um papel mais cultural que político. Ele se envolveu em inúmeros projetos nacionalistas escrevendo tanto em inglês quanto em gaélico irlandês, participando da liga gaélica e publicando em jornais como o *Na Claidheamh Soluis*⁷¹. Pearse era um profícuo educador e agitador cultural. Chegou a dar aulas na University College Dublin e a fundar a escola St Enda's para garotos.

O projeto escolar do St Enda's é possivelmente o projeto nacionalista de maior impacto no imaginário cultural irlandês, justamente por conta dos elementos de celtitude por ele levantados. O St Enda's foi a expressão máxima dos ideais célticos de Pearse colocados de maneira tanto nacionalista quanto pedagógica. Ele busca um projeto pedagógico todo trabalhando na construção mitológica céltica e junto de uma rígida disciplina escolar promover a celtitude em grau máximo em suas representações.

Durante um momento crucial do nacionalismo irlandês, onde a identidade céltica estava sendo moldada em sua figura resistente e masculinizada, as ideias de Pearse empregadas no St Enda's serão uma dos maiores expoentes desta celtitude irlandesa do período.

Segundo nos lembra Declan Kiberd em *Inventing Ireland*, os escritos nacionalistas buscavam romanticamente localizar o papel da infância junto com uma nostalgia étnica pelo passado, provocando a redenção do povo resistente a esperança de um amanhã. Independente da simplicidade com a qual Kiberd entenderá o culto a infância em meio ao complexo papel político que ela formará, Pearse e os demais nacionalistas envolvidos no

⁷⁰ O levante de Páscoa de 1916 foi a tentativa inicial dos revolucionários irlandeses de proclamarem sua independência e uma república irlandesa separada da Inglaterra. O levante foi mal sucedido e seus líderes fuzilados pelos soldados britânicos. Este episódio marca o acirramento da luta irlandesa por sua independência conquistada alguns poucos anos depois.

⁷¹ Literalmente "Espada de Luz" em gaélico irlandês, foi publicado entre os anos de 1899 e 1931 com algumas interrupções. Entre os anos de 1903 e 1909 era editado pelo próprio Patrick Pearse que lá publicava seus textos.

cotidiano pedagógico do St Enda's utilizarão dos elementos célticos do folclore para tal propósito de redenção, mas de maneira bem elaborada e focada.

Dentre todos os elementos trabalhados por estes intelectuais, o ciclo feniano e o do Táin são de grande relevância. Como nos afirma Elaine Sisson, a tradição céltica bardica estará presente em toda a estrutura da escola seja das salas de aula as representações teatrais anuais elogiadas pelos principais críticos de Dublin. O Mote principal do St Enda's "*Força em nossas mãos, verdade em nossas línguas, e pureza em nossos corações*" é o mote dos próprios Fianna, por exemplo.

Além disso, conforme nos afirma Sisson, Pearse insistia que o St Enda's era influenciado não pela sociedade contemporânea, mas pelo antigo código dos Fianna Éireann, que norteava toda a filosofia educacional da escola. Só existia uma figura mais imponente e essencial para o modelo pedagógico neste contexto todo e ela também era de matriz céltica, nada menos que a figura de Cuchulainn. Este último praticamente onipresente em todas as atividades do colégio. Não é por menos que desde o início do projeto do St Enda's que Cuchulainn será sua figura central e maior fonte de inspiração não apenas da escola, mas do próprio Pearse.

O culto a Cuchulainn se mescla ao culto a infância masculinizada expressas em um culto a infância redentora. O herói céltico se tornará dentro do St Enda's e para o imaginário irlandês da época a ligação entre o passado céltico ancestral e as questões contemporâneas. Um exemplo disso é que nenhum aluno do St Enda's entrava na escola sem ler logo na entrada os dizeres gravados em um mural do garoto herói inspirados na famosa escolha do herói irlandês entre a vida e a fama onde se dizia: "*Eu não me importo de viver um dia e uma noite se ao menos meu nome e minhas ações viverem para sempre*". Isso sem mencionar as ilustrações em cartilhas, livros e, sobretudo, as peças de teatro anuais da escola, onde a figura redentora do garoto céltico será representada ad nauseam.

A imagem de Cuchulainn será entusiasticamente elevada ao status de ícone ideológico e de identidade visual e literária entre os irlandeses. Patrick Pearse terá papel de destaque nesse

momento, mas não será o único. Uma série de folcloristas e demais expoentes culturais irlandeses moldarão a imagem contemporânea desta celtitude e W.B. Yeats ocupa um papel especial neste contexto.

Yeats é certamente o maior dos poetas irlandeses contemporâneos. Participou ativamente do revivalismo céltico e por meio de seus poemas e peças teatrais conseguiu retratar a celtitude como ninguém. Yeats é possivelmente a principal fonte de referências célticas no imaginário coletivo irlandês atual. O problema que encontramos é que a visão de Yeats representa apenas uma entre inúmeras outras não apenas da celtitude, mas do celtismo como um todo na Irlanda e até mesmo fora dela.

A participação política de Yeats no parlamento e, principalmente, o prêmio nobel de literatura renderam a seu nome o status de intocável e principal referência cultural do celtismo. Sua visão é anticlerical e antimaterialista criando uma idealização céltica de uma Irlanda bucólica e ancestral diretamente ligada com as representações do oeste da Irlanda, em especial o condado de Sligo, sua principal fonte de inspiração.

Este primitivismo céltico era partilhado por grande parte dos nacionalistas e revolucionários irlandeses do período e até hoje é responsável pela visão romantizada que temos do celtismo como algo exacerbadamente ligado a uma ancestralidade naturalista e bucólica, onde o celta antimaterialista quase que vivia em um comunismo primitivo céltico. Prato cheio para as leituras new age e ecológicas do século XXI que em muito ainda partilham dessa mesma visão de celtismo.

No entanto, outras visões de celtismo eram desenvolvidas por intelectuais irlandeses da época. O caso típico desta variação é o famoso e controverso escritor James Joyce que em seus escritos e conferências defendia uma visão de celtismo um pouco diferenciada.

Em 1907, ainda na Itália, James Joyce foi convidado a proferir algumas conferências em Italiano. Os temas versavam sobre História, filosofia e literatura irlandesas em geral. Entre elas, uma conferência em especial nos chama bastante atenção por falar abertamente de

celtismo ao passo que mantêm a proverbial crítica a estruturação política irlandesa da época. A chamada "Irlanda, ilha de santos e sábios" é para todos os aspectos uma conferência que segue o padrão crítico de Joyce com seus comentários cáusticos e duros ao nacionalismo irlandês, mas com um diferencial interessante.

James Joyce em sua crítica dura ao nacionalismo político e buscando argumentos bem estruturados para mostrar as falhas e contradições políticas irlandesas tende a reconhecer a celticidade irlandesa e até mesmo um pan-celtismo onde esta se insere.

Pode parecer contraditório da parte de Joyce proceder desta maneira, mas no final das contas ele acaba por usar destes argumentos de maneira a enaltecer um celtismo irlandês descolado da política e com uma riqueza histórica e literária notável apoiada em valores culturais pagãos e monásticos, uma Irlanda céltica entre santos e sábios, em suas próprias palavras.

O mais irônico desta postura joyceana é que ela é muito próxima da leitura que Patrick Pearse, o proeminente nacionalista e mártir irlandês do levante de Páscoa de 1916, levantava na mesma época. Pearse, ao estruturar seu projeto educacional nacionalista na escola St Enda's para rapazes criou em seu ideal de *macaomh*⁷² algo que enaltecia os valores célticos em consonância aos gaélicos na construção de um projeto nacionalista que da mesma maneira que Joyce, defendia este caráter da Irlanda céltica entre seus santos e sábios. No entanto, o projeto de Pearse visava a construção do mito nacional pautado no culto a infância masculina e de valores célticos ao contrário de Joyce que o usava para justamente criticar nacionalistas como Patrick Pearse.

A fala de Joyce é ousada e contraditória, mas totalmente inserida no contexto da época e na dicotomia de valores entre o céltico e o gaélico como algo que antes vistos como opostos por uma postura colonial agora encontrava respaldo tanto na visão nacionalista de Pearse

⁷² A figura do *macaomh*, muito explorada por Patrick Pearse conjugava as virtudes do cristianismo celta e do guerreiro pagão em uma visão contemporânea do elemento masculino irlandês. Tradicionalmente o 'macaomh' era o título dado a Cuchulainn e carregava um senso comum de forma física, liderança e luta masculina impecáveis. A palavra tem uma ligação direta com a juventude, mas Pearse, por exemplo, a usava indiscriminadamente como um ideal masculino pedagógico entre o ideal cristão e o paganismo céltico.

como na visão antinacionalista de Joyce. Ambos de maneira consonante e complementar em um fator identitário afirmativo.

Joyce vai ainda mais longe com sua postura ao reconhecer não apenas a existência de outras nações celtas em seu discurso, mas também de entender que existiam ligações culturais e “raciais” célticas entre elas, como a associação entre milésios e irlandeses, por exemplo, presente em seu anedotário sobre a participação escolástica de Sedúbio, um irlandês em terras hispânicas e que encontra aceitação por meio desta ligação racial céltica em pleno século VIII.

Joyce por mais crítico e inovador que fosse com sua postura moderna literária ainda assim era um homem de seu tempo e postulava suas críticas pautado em sua concepção racial céltica frente os demais grupos raciais. Sua crítica era feroz e dura para com os nacionalistas e igualmente para com os grupos opressores, mas seus argumentos e valores eram os mesmos utilizados pelos grupos que ele criticava. Seu diferencial é a inversão retórica de valores e discursos, mas para além disso, sua fala esta totalmente em consonância não apenas com o que se concebia por uma racialidade céltica na época, mas até mesmo pelos projetos ligados a afirmação identitária e sua relação direta com um pretense saudosismo étnico-nostálgico que misturava em caráter consonante as características gaélicas e célticas atlânticas em uma celtitude presente em sua construção da Irlanda passada e mítica de santos e sábios. A mesma Irlanda perdida dos nacionalistas como Pearse que a estruturavam esperançosamente na figura de um *macaomh* que os salvasse em redenção. A visão de Joyce, por ser intrinsecamente contraditória era exacerbadamente pessimista utilizando das mesmas construções, por sinal.

Estas construções joyceanas enveredam inclusive para a base racial céltica e procura legitimar sua fala em uma pretensa pureza racial céltica perdida em meio a tamanha mistura de sangue existente na Irlanda. Sendo mais incisivo, Joyce desdenha da política nacional irlandesa justamente por sua legitimação céltica, reconhecendo a todo o momento seu caráter racial atrelado a conjecturações históricas das mais diversas, presentes na formação da Irlanda e que serviriam tanto para deslegitimar o nacionalismo irlandês do momento quanto a opressão causada pela Inglaterra ao tentar suplantar o componente racial céltico em sua política colonial.

De fato, o entendimento joyceano da celticidade irlandesa é ainda assim peculiar. Até mesmo porque, segundo Joyce, ainda que sua crítica se direcione a “raça irlandesa atual” ele reconhece que de todas as outras famílias célticas, a irlandesa tem um caráter mais resistente que as demais. Em verdade, o problema segundo suas próprias palavras seria que a “mentalidade celta” irlandesa tão genial e inovadora em seu passado estaria agora morta. As tradições de outrora agora não mais seriam as dos “velhos bardos”, pois os “outros bardos” atuais estariam usurpando de seus valores ancestrais de maneira indevida.

No entanto, sua crítica é saudosista e busca não mais que um resgate céltico não apenas da Irlanda, mas das outras nações célticas que ele reconhece ativamente como cinco ao todo. Na visão de James Joyce, as nações célticas não poderiam desaparecer após tantos séculos de luta. É até mesmo interessante que Joyce reconheça não apenas as nações célticas, mas que em sua metáfora reconheça também o aspecto resistente existente nas nações celtas e, sobretudo, a característica periférica que as demais nações opressoras com seus projetos colonizadores trataram de empurrar a estes grupos célticos, confinando-os a beira atlântica e sem perspectivas de futuro.

Esta falta de perspectiva de um futuro que norteou a busca incansável pela celtitude na Galícia, inclusive. Afinal, falar de celtitude na Galícia é falar de galeguismo e seu desenvolvimento até a formação de um nacionalismo galego.

Dentro do galeguismo podemos identificar diferentes períodos. Do Provincialismo entre 1840 a 1885, passando pelo rexionalismo dos anos 1885 até 1915 e por fim estruturando-se em uma nacionalismo a partir de 1916. Nestes períodos, por meio da intelectualidade galega, nós vemos a celtitude se desenvolvendo de maneira concomitante, bem como o celtismo galego como um todo.

Os elementos célticos em Galícia não são fruto unicamente do século XIX. Apesar de entendermos que o marco histórico das teorias acadêmicas sobre o celtismo galego surgem com o *História de Galícia* de José Verea y Aguiar, suas influências residem no século XVIII com autores como o frei Martín Sarmiento e Juan FrancicoMasdeu que a partir da crítica de leituras acerca do celtismo na França desenvolve leituras próprias ligadas a Galícia.

Durante o desenrolar do século XIX nós encontramos o celtismo na galícia se desenvolvendo junto de um projeto político como na atuação de Antolín Faraldo junto ao provincialismo e mais a frente já no rexionalismo a figura de do historiador Manuel Murguía e do poeta Eduardo Pondal.

Durante o provincialismo, Faraldo nos fornecerá os alicerces do entendimento céltico galego. Veremos a ideia dos celtas como grandes ancestrais galegos e mais do que isso, os celtas galegos como o centro da franja céltica atlântica, como podemos atestar por seus escritos no *El RecreoCompostelano* em 1842, onde se firma a ideia da Galícia como uma nação celta bem próxima das outras reconhecidamente atlânticas, pois “ *os costumes da Irlanda, da Escocia, e ainda Francia, son irmãos dos nossos*”⁷³.

No entanto, o celtismo galego ganha sua principal leitura a partir dos período político do Rexionalismo, onde um grupo de intelectuais dará corpo ao galeguismo por meio do movimento cultural e literário conhecido como o Rexurdimento. Neste período de profícua produção cultural galega que devemos localizar a atuação da cova céltica e em especial as obras de Manuel Murguía e Eduardo Pondal.

Com Murguía nós teremos o celtismo como elemento chave da formação étnica galega e de sua celtitude. Em seus escritos, a Galícia se torna oficialmente celta até mesmo ao se inserir no hino nacional galego como a *Nação de Breogán*.

Eduardo Pondal será igualmente importante neste projeto. Sua obra versará sobre os mitos celtas e os ressignifica pensando em projeto futuro. O próprio conceito poético de resistência céltica galega vem e muito da obra de Pondal que trabalhará os elementos com maestria criando um significado forte entre o celtismo, a espacialidade galega e um projeto que identitário que se pensa resistente.

Não é muito difícil traçar paralelos entre o momento do Rexurdimento e a influência da cova céltica na Galícia, com o revivalismo céltico e a atuação das ligas gaélicas na Irlanda. Em verdade é muito fácil traçar um paralelo contemporâneo entre o trabalho de Murguía e Pondal e o que fez, por exemplo, Pearse e Yeats na Irlanda dada as devidas proporções e

⁷³ FARALDO, Antolín. Em “Galiza antes de la invasión romana”. *El RecreoCompostelano*, 1842. Pp 72.

conjunturas de cada nação. No entanto, é justamente nesses paralelos históricos entre Irlanda e Galícia que a geração nacionalista pós 1915, a chamada *xeración nós* trabalhará o celtismo na Galícia afim de legitimar-se.

A Xeración nós, ligadas diretamente com os grupos nacionalistas em defesa da fala galega, as irmandades da fala, se tornará o principal expoente de disseminação do celtismo galego. A Revista nós traçará em diversos de seus números paralelos entre a Irlanda celta e a Galícia e será de vital importância para a formação da ligação cultural no imaginário coletivo galego entre as duas nações enquanto celtas. O Livro das invasões da Irlanda ocupa um papel chave nessas construções e será de grande uso para estes intelectuais que o traduzem para o galego, inclusive.

É neste grupo que destacamos a atuação de Vicente Risco, Ramón Otero Pedrayo e Florentino López Cuevillas não apenas na *revista nós*, mas em suas obras pessoais repletas de referências ao celtismo galego e o seu paralelo com a Irlanda, bem como sua integração com a cultura norte portuguesa.

Cuevillas fará isso no campo da arqueologia, publicando trabalhos consistentes sobre cultura material galega e evidenciando paralelos óbvios com as demais culturas atlânticas, mas com algumas afirmações tendenciosas. Com o franquismo essas análises perderam a força e com o tempo, foram rejeitadas.

É Otero Pedrayo que dirá abertamente em seu *Ensaio Histórico da Cultura Galega* que “(...) Irlanda, Cornualles, Gales, Bretaña e Galiza, saudáronse coma irmás oceânicas coa luz de seus faros e a confiança nos seus destinos”. Essa visão acerca do celtismo é a culminância de um desenvolvimento complexo e delicado de construção de uma Memória coletiva céltica que desde o provincialismo e por que não dizer, desde o século XVIII, trabalhará o material céltico galego cada vez mais atrelado a sua distinção da cultura de Madri.

É importante notarmos que a legitimação do celtismo galego é totalmente trabalhada em seu paralelo com as demais nações celtas, em especial a Irlanda. Galícia é como nas palavras de Vicente Risco a “Eirin do Sur” que deseja culturalmente e politicamente que a “estrela imorrense do celtismo” brilhe sobre ela para que consiga levar seu projeto

identitário resistente adiante. Os entraves para que isso ocorra são muitos. O medo de se elaborar teorias racistas ou xenófobas criou uma moda celtófoba entre alguns intelectuais galegos. Este panorama atual do celtismo galego é o que podemos chamar de no mínimo “esquizofrênico” e se mostra mais complexo do que a própria elaboração do celtismo nos últimos séculos.

3.7 Desafios do celtismo galego: Celtitude e conflitos políticos do galeguismo.

O celtismo na Galiza é por si só um campo de disputa. Escrevo essa afirmação tendo em mente que o próprio entendimento do que é céltico tanto dentro do território galego como para os que olham de certa distância geográfica é nublado de maior entendimento e recai quando não em simplismos, em bandeiras históricas em disputa, politizadas ou não.

Existe uma diferença básica entre o celtismo nacionalista galego e o que se entende hoje por celtismo na Galiza. O problema é que para a maioria dos galegos essa diferença é um tanto quanto difusa. Mesmo para alguns críticos anticeltistas ou para entusiastas descompromissados com qualquer pesquisa acadêmica mais séria o que existe são críticas a uma possível continuidade entre o celtismo dos antigos nacionalistas e a vivência contemporânea do celticismo galego em seus mais diversos aspectos.

Sendo direto, falar de Celtas na Galiza ainda é para grupos políticos oficiais da Espanha um assunto tabu. Inicialmente por sua pressuposta carga política oriunda de leituras rexionalistas propagadas pela xeración nós quase um século atrás e em parte também pelo receio que se instaurou na Galícia no pós franquismo de se falar destes elementos célticos.

Para os que acompanham minimamente os debates acadêmicos galegos dos últimos vinte anos, o embate celtismo versus anticeltismo não é algo incomum, muito pelo contrário.

Durante a pesquisa de campo pelo território Galego reparamos vividamente esta pujante distância entre o entendimento popular do celtismo e o que se via dentro da estrutura museística galega.

Por exemplo. Entre o discurso popular, nós encontramos uma pluralidade de entendimentos célticos, muitos dos quais ainda ligados ainda a visão romântica e nacionalista dos celtas galegos, com clichês perpetuados pela própria vivência comum do celtismo quanto por uma inerente comodificação do elemento céltico. No discurso oficial madrileno ainda deveras celtofóbico vemos a predominância das teorias autóctones dos antigos habitantes da Galiza, chamados de civilização castrexa, justamente por reverenciar sua mais proeminente forma de habitação, os castros.

No entanto, Isso esconde um debate por muitas vezes esquecido e que realmente passa despercebido. O discurso de uma cultura puramente castrexa e autóctone se vale de elementos institucionais para se fazer ouvir. Assim, a produção acadêmica oficial referendada pelo governo espanhol nas últimas décadas, os museus etc falarão desse elemento nestes termos castrejos, ignorando totalmente qualquer possibilidade de celtismo.

Como nas palavras do professor Gonzalo Zapatero, se alguém fala de celtas dentro deste meio logo se é negado, afinal, os únicos celtas presentes em Espanha ou seria o time de futebol Celta de Vigo ou no máximo a banda de rock 'Celtas Cortos'. De resto, o discurso castrejo autóctone formou dentro do âmbito institucional o celtismo como um tabu e assim deixado por suas teorias anticélticas.

No entanto, este exagerado anticeltismo tem uma explicação. Afinal, como explicar que se fale de celtas dentro do discurso popular galego, se fale de celtas academicamente fora das instituições, mas não dentro delas, se não de maneira tímida?

Pra ser sincero, em algum nível muito deste panorama foi fruto do receio de se envolver politicamente com um discurso que dentro do imaginário popular remetia a um rexionalismo galego que bebia por demais das construções nacionais e míticas.

O Período franquista acabou por criar um abismo acadêmico e uma tendência dos anos 80 para cá de se rejeitar todo e qualquer uso político e étnico do período anterior a década de 40 por considerá-lo atrasado, racista ou xenófobo. A maneira encontrada foi a teoria castrexa autóctone que buscam um isolacionismo galego que o permita elaborar sua identidade diferenciada da de Madri, mas sem provocar uma ruptura, o que é diretamente alinhado com a política espanhola integracionista.

A maior parte dos acadêmicos galegos que hoje falam de celtismo e seus paralelos com a franja atlântica o fazem fora das grandes universidades e publicam seus trabalhos ou em edições galegas de menor tiragem e de forte apelo popular ou fora do território espanhol, onde suas pesquisas são bem aceitas pela comunidade acadêmica.

Este panorama cria uma falha de comunicação exagerada nos discursos galegos acerca de elementos célticos. O Celtismo melhor percebido é nitidamente o popular, presente na espacialidade, nas expressões artísticas visuais e, sobretudo, musicais. Neste aspecto o celtismo galego cresceu e se desenvolveu bem e cada vez mais vende uma imagem céltica dentro de seu folclore.

Parece que ao menos fora da academia alinhada com o discurso de Madri e a interesses políticos regionais contrários a autonomia popular galega, a “luz inmorrente do celtismo” continuou a iluminar a expressão galega que da mesma maneira que a Irlanda contemporânea a comercializa como um commodity celta repleto de celticidade, vendendo suas celtitudes como um produto bem rentável.

A ‘Commodityzação’ céltica: Sociedade de consumo e valorização contemporânea.

4.1 A Pluralidade de celticidades do mundo celta.

Mistério e magia que pairam entre antigos carvalhos e torres. Estes são alguns dos elementos básicos encontrados em diversas brochuras turísticas e propagandas de joalheiras espalhadas pela Irlanda e Galícia.

Estes ingredientes são vendidos e aceitos dentro da construção popular como algo “essencialmente” céltico e tradicional. A Experiência céltica liga ideias de tendência de mercado a algo histórico, tornando-o difuso e repleto de elementos afetivos popularmente. Em verdade, o que se pretende quase sempre é uma leitura emocional dos celtas como algo de espiritual, antigo, bucólico e esquecidos pelo mundo.

É neste esquecimento forçado que reside a mercantilização da memória céltica. Ao posicionar suas próprias celticidades junto de elementos próprios da noção periférica de celtismo, diversos agentes como o turismo, por exemplo, consegue mercantilizar a experiência étnica céltica e commodificar a identidade com uma gama infindável de elementos célticos tradicionais e contemporâneos como se fossem uma coisa só.

Antes de entender como estas celticidades são apropriadas para o consumo, devemos definir primeiro nosso entendimento de que celticidades são essas que conseguem ser mercantilizadas, pois nem tudo que é céltico consegue ser levado a cabo desses agentes.

Segundo, é preciso definir melhor que formas de consumo nós estamos lidando e como isto é aplicado ao mundo céltico por meio de mídias diferenciadas. E por último, quem são estes agentes que atuam sobre a construção destas variações de celticidade irlandesas e galegas no âmbito do consumo, bem como de que maneira eles agem.

Existe uma crescente commodificação de imagens e mitos celtas. Uma moda em parte alavancada e sustentada por uma sociedade de consumidores e uma lógica contemporânea

de consumismo. Segundo Moya Kneafsey, o discurso mitológico e folclórico celta possui uma relação de certa maneira fixa com nomes e lugares que não necessariamente representa uma continuidade de experiência. Esta afirmação estaria ligada a uma possível construção estagnada do celtismo europeu como algo nitidamente pertencente ao passado e que usa da sua própria comodificação para se atualizar.

Segundo este raciocínio, é a mercantilização dos elementos celtas que promove novas leituras, se bem que em nossa análise esta seja apenas mais uma forma de expressão do celtismo. A comodificação não criaria uma identidade celta atualizada e moderna em sua experiência do nada, mas catalisaria algumas expressões e projeções da vivência de memórias coletivas celtas atuais em algo vendável apenas.

A identidade celta como podemos perceber por sua construção histórica tem suas fronteiras étnicas redefinidas dia após dia. A sociedade de consumo nestes termos tende a atualizar diversos elementos celtas, principalmente mitos nacionais bem estruturados como Breogan, Cuchulainn ou os Fianna.

No entanto, por identificar a imagem celta como algo ligado a uma cultura alternativa, bucólica, naturalista e esquecida por seu caráter periférico, o processo de comodificação céltica atua em seu mercado com produtos ligados a artesanato celta, música, livros, joias e genealogia familiar. Tudo isso vendido em diferentes mídias, mas sempre usando da herança mítica e em muitos casos territoriais para legitimar-se enquanto produto.

Neste sentido, as celticidades aqui colocadas são sempre afetivas e propostas dentro da ideia conceitual de uma celticidade enquanto um “estado mental” aberto e soberano, mas que busca se apropriar de elementos da cultura material documentada, do folclore e do território.

Estes elementos compõe a pluralidade ligada a celticidade no campo mercantilizado. A experiência céltica em sua pluralidade parte de uma legitimação ancestral para se vender. O produto é a própria experiência, as memórias coletivas célticas.

É desta maneira que se vende artesanato e preciosos trabalhos em ouro e prata. Inspira-se em objetos, na cultura material existente nos museus e nas lendas consolidadas pelo folclore nacional e regional para se chegar ao refinamento comercial da vivência folclórica destes grupos.

Breogan se torna nome de loja, de negócio imobiliário, de souvenir de viagem. Cuchulainn está presente em nomes de coleções nos mais variados catálogos de vendas, isso sem contar a presença do herói em campanhas publicitárias inteiras, inclusive.

Isso nos faz entender que a pertença coletiva céltica não cria a mercantilização, mas é utilizada por esta justamente como um catalisador de experiências célticas já existentes, fazendo associações próprias da publicidade com idealizações já consolidadas na memória coletiva celta, as tornando pública de maneira um tanto quanto líquida e expressa.

Este é o caso, por exemplo, de uma campanha publicitária de âmbito nacional existente na Irlanda em 2005. A proposta era a divulgação por parte de uma famosa fábrica de cerveja do campeonato de Hurling, um dos principais esportes da Irlanda.⁷⁴ A Campanha utiliza do conhecimento popular e folclórico de que o Hurling teria sido praticado pelos antigos celtas habitantes da ilha e, em especial o próprio Herói Cuchulainn.

Seguindo esta lógica uma série de anúncios foram preparados representando o herói celta armado de um taco de Hurling e enfrentando os desafios presentes em suas lendas. É interessante analisar esta série de anúncios publicitários, pois se o indivíduo não possui uma

⁷⁴Em tempo, dentre os diversos esportes praticados na Irlanda, os mais famosos certamente são o futebol gaélico, o Rugby e o Hurling respectivamente. Destes três, apenas o Rugby é um esporte praticado globalmente e de origem não irlandesa. O Futebol gaélico e o Hurling são totalmente locais, apesar de o futebol gaélico ter ganhado recentemente alguns adeptos na Galiza e até mesmo uma liga regional galega do mesmo. O Hurling em especial é aquele que tem a leitura mais histórica, pois se acredita que era praticado pelos antigos celtas habitantes da ilha. Neste esporte, se tem por objetivo a marcação de pontos feitos com um taco de madeira e uma pequena bola de couro em um campo de grama. É um esporte tipicamente irlandês e praticado apenas na Irlanda e em regiões habitadas por grupos diaspóricos irlandeses ao redor do globo.

leitura prévia dos signos presentes nas propagandas ele não conseguirá identificar nenhuma mensagem presente na campanha, com exceção talvez, do logo da empresa de cerveja.

Neste caso específico é necessário ter uma vivência prévia do celtismo como parte formadora de sua memória individual para se compreender a campanha diretamente. É neste sentido que representações visuais e artísticas feitas a partir de referências ligadas ao Tain são usadas e perfeitamente compreendidas pelo público alvo irlandês, conhecedor do Hurling enquanto esporte e, sobretudo, das lendas ligadas a figura de Cuchulainn, bem como os valores presentes em cada uma destas narrativas retratadas.



Figura 15 – Cuchulainn na propaganda de Hurling. Fonte:



Figura 16 – Cuchulainn na propaganda de Hurling II. Fonte:

Como podemos ver nas duas imagens acima, Cuchulainn é retratado em momentos de batalha com animais míticos das lendas célticas. Na primeira, Cuchulainn enfrenta o Cão do ferreiro Cullain e na segunda, ele doma o próprio touro castanho que dá nome a narrativa do Tain. Em ambos os casos a arma de Cuchulainn é um taco de Hurling.

A proposta é bem simples: associar a prática do esporte com algo épico e lendário. Ao ligar isto a imagem de Cuchulainn, a publicidade vai mais além e consegue vender os seus produtos (nesse caso o esporte e a cerveja) carregando-os com valores presentes no ícone celta Cuchulainn, presente na memória coletiva de irlandeses.

Isto só é possível, pois existem Memórias coletivas célticas que servem de referência para a formação destes produtos. É a mercantilização desta experiência céltica que reforça a presença das mais diferentes e plurais celticidades contemporâneas. Ela não cria o sentimento de pertença e nem a vivência destas memórias célticas, mas os catalisa e os coloca em evidência na sua busca por novidades consumistas.

E aqui chegamos a um ponto importante do que motiva esta comoditização de elementos tão tradicionais quanto os que fazem parte das celticidades. A sociedade de consumo e a maneira como ela se forma por meio de uma indústria cultural que as promove.

A melhor forma de se compreender o que motiva a formação destes diferentes tipos mercantilizações das celticidades está na articulação entre o consumismo e a sociedade de consumo que os promove. É na relação entre consumo e sociedade que o celtismo é negociado como um commodity entre os mais diversos tipos de mercado, inclusive.

Agora de que tipo de consumismo céltico nós estamos falando aqui? Do tipo que assume um papel-chave em uma sociedade, transformando elementos estruturadores de uma identidade em produtos rentáveis. O consumismo aqui é coletivo, é próprio das sociedades célticas que o produzem a partir de suas Memórias coletivas.

O consumismo aqui enquanto categoria é entendido nos termos Zygmunt Bauman em “vida para consumo”, onde segundo o sociólogo seria:

“um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais.”(BAUMAN: 2007,p 41)

Neste sentido, o consumismo aqui aplica-se a algo muito maior que o simples acúmulo e apropriação de objetos para conforto. O consumismo aqui é um instrumento direto para formação destas identidades repletas de celticidades mercantilizadas. É por meio deste consumismo que os anseios cotidianos são selecionados, executados e influenciados por uma indústria cultural sedenta por novidades que potencialmente são atreladas as políticas vidas de milhares de indivíduos.

Este consumismo céltico, entretanto, é motivado por uma sociedade de consumidores bem específica entre os grupos galegos e irlandeses. Esta crescente e cada vez mais líquida comodificação dos elementos celtas tem a tendência como nos alerta Michael Dietler de se descolar das leituras nacionalistas, étnicas e politizadas do celtismo. Em outras palavras, foca-se diretamente na celticidade e deixa a celtitude meio que de lado para dar maior desenvolvimento a experiência plural do celtismo, o que gera alguns conflitos.

O primeiro deles é a própria percepção conflitante do celtismo como política-vida dentro da Irlanda e Galícia. O segundo é como se consome esse passado e a quem beneficiam essas diferentes modalidades consumistas. Os dois temas estão obviamente ligados apesar da sociedade de consumidores que a promove não pensar desta forma.

Esta sociedade de consumidores aqui é entendida ainda como na visão de Bauman de sendo uma sociedade que “promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas”. A Sociedade de consumidores atua de maneira a promover a identidade celta como um produto, mesmo que parte de seus compradores a busque por valores que inicialmente parecem contraditórios como um retorno ao passado mítico, alternativo e bucólico.

O contrário de Bauman neste sentido, nós acreditamos que o ato de consumir dentro de uma sociedade de consumidores não “rejeita todas as opções culturais alternativas”, mas as incorpora enquanto produtos alternativos com grande valorização entre os consumidores modernos.

Isto ocorre porque a pertença coletiva celta em uma sociedade céltica, mesmo com os diversos aspectos tradicionais que a compõe é definida pela auto-afirmação, representação e reconhecimento. A questão aqui trabalhada é que em geral estes agentes estão dissociados dos que promovem esta identidade para fins de resistência política por meio de uma unificação discursiva.

O que ocorre nestes termos é que a comodificação da identidade celta atua de maneira a promover experiências e vivências célticas próprias da celtitude galega e irlandesa, mas sem de fato defender suas bandeiras, pois se apoia quase que exclusivamente na celticidade. Desta maneira se forma percepções contraditórias do celtismo nesses territórios e atrasa suas demandas afirmativas coletivas.

Um exemplo evidente disso é o uso da cultura material, em especial as leituras históricas e até mesmo dos próprios relatórios de escavação feitos por arqueólogos. Dietler, por exemplo, nos recorda que os principais trabalhos acadêmicos promovidos por especialistas são consumidos como forma de legitimação por grupos que comercializam a matéria céltica.

Os trabalhos acadêmicos em geral são a principal fonte de inspiração para a formação de uma reserva simbólica do que é mercantilizado como céltico e evocado como um passado coletivo imaginado. Obviamente todo valor acadêmico, da mesma forma como é feito com as bandeiras políticas levantadas com celtitude é descontextualizado.

Os signos, ícones e símbolos celtas aqui são realocados para as propostas de mercado e são feito de tal maneira que mesmo o trabalho de divulgação acadêmica é prejudicado. A tendência é que se comercialize a celticidade como produto seja ele estético, turístico ou espiritualizado.

A sociedade de consumidores incide sobre estes aspectos justamente pela necessidade líquida que a modernidade tem de alguma autoafirmação junto a pertença coletiva. Com o mundo céltico não é diferente. Cria-se a necessidade de exibição pública dos valores de pertença.

Neste contexto o impulso de tornar público é condição básica das relações de consumo identitário, pois a tendência é se apoiar em uma não unificação discursiva do que é céltico. Nenhuma identidade nesse contexto é “garantida” e o consumo destes ideais célticos

descontextualizados tornar-se um fator preponderante para muitos dos que se identificam com este fenômeno identitário.

Este problema traz a tona sérias consequências no campo social e até mesmo geopolítico destas regiões célticas. Existe nesse caso toda uma reestruturação da relação centro e periferia construída pelos grupos célticos mais tradicionais que levantam bandeiras periféricas de sua própria etnicidade enquanto celtas.

A diferenciação torna-se difícil graças a atuação destes agentes mercantilizadores e atrapalha não apenas as demandas políticas do celtismo, mas a própria análise acadêmica dos profissionais que atuam nesse meio.

Dos diversos agentes que promovem a comodificação céltica podemos enquadrar a indústria cultural céltica ligada a grupos da nova era e, sobretudo, as agências turísticas que literalmente vendem uma Irlanda e Galiza celtas, míticas, encantadas e acima de tudo, misteriosas.

Moya Kneafsey afirmará que o Turismo é uma das ferramentas produtoras e estruturadoras de ligações entre centros e periferias. A difusão de celticidades é a tentativa de mercantilizar um celtismo periférico com os investimentos dos grandes centros. Neste sentido, características estereotipadas dos celtas como criatividade, melancolia, humor, acolhimento, emoção, espiritualidade e proximidade com a natureza serão exploradas ao máximo por empresas turísticas das mais variadas.

Todos esses valores célticos intocados são explorados pela característica periférica e legitimados pelo “Mito do Oeste”. Este mito criado na Irlanda, mas com partidários na Galiza por associação, diz que a verdadeira Irlanda encontra-se no Oeste da Ilha, afastada dos grandes centros. É neste local, apoiado por narrativas folclóricas de W.B. Yeats, do atraso econômico da região e das dezenas e tradicionais lendas populares, se vende a imagem geográfica de um “celtismo puro”.

Esta construção não é nova. Os nacionalistas e folcloristas irlandeses do século XIX, bem como os fundadores das ligas gaélicas já exploravam o famoso “Mito do Oeste”. Escritores críticos e atentos a este fato já teciam críticas a esta construção também, como é possível ver em narrativas de autores como James Joyce, em especial em seu livro de contos “Dublinenses”.

O Turismo venderá esta imagem globalmente e reificará o mito de um oeste perdido como um produto alinhado com as tendências de mercado e ao escapismo líquido de identidades fragmentadas. O Turismo se apoiará em geografias reais e lendas historicamente aceitas para criar novas formas de vivência céltica para estrangeiros e mesmo para aquelas que habitam regiões mais centrais da Irlanda e Galiza.

Anualmente as brochuras anunciam estas regiões como terras de segredos e mistérios. No entanto, a solução para todos estes mistérios está, ao menos para as indústrias de turismo, no mercado. Ela se faz valer inclusive dos discursos da nova era e de todos aqueles aficionados pelo tema que buscam estas experiências e pagam um preço alto para se tornarem “verdadeiros celtas”.

Em muitos casos isso tende a provocar uma retração em vários aspectos sociais destes grupos celtas locais, principalmente com relação a língua e as lendas partilhadas na vivência de suas próprias memórias coletivas locais. A economia cresce junto dos inúmeros souvenirs célticos, mas suas demandas políticas são em alguns níveis deixadas de lado por seus governantes.

Para além dos debates locais de como estas celticidades mercantilizadas atuam é importante vermos como estes conflitos se apresentam em outras espacialidades. E quando falamos em outras espacialidades, nós temos de olhar para novas mídias, em especial a internet. Michael Dietler chamará essa expressão identitária celta e sua vivência como parte de um grupo globalizado identificado por “celtas cibernéticos”. É nesse campo de atuação junto a novas mídias que muitos dos conflitos entre a celticidade mercantilizada e as demandas políticas repletas de celtitude mais se misturam.

4.2 Espaços tradicionais e alternativos da representatividade céltica

A celticidade é aqui tratada como um capital simbólico objetivado. Sua atuação em diferentes campos mediados modificam suas estruturas justamente por suas relações de comunicação que catalisam as experiências sociais em um esforço que em geral forma uma diferente representatividade de celticismo.

Para chegarmos nesse celticismo é necessário entender como este capital cultural céltico é trabalhado nas diferentes espacialidades. Suas diferentes representatividades atuam por meio de bens culturais dos mais diversos. No caso do celtismo, o capital cultural aqui é incorporado a diversos grupos com diferentes mediações.

A Memória que partilham em espaços tradicionais ou alternativos atua com funcionalidades diferentes, mesmo que possuam um aporte simbólico semelhante. No mundo dos “celtas cibernéticos” podemos encontrar tanto o consumo direto de uma celticidade estética ou espiritualizada como também demandas políticas estruturadas por celtitude.

As novas mídias aqui formam uma rede de saberes compartilhados, onde a vivência céltica local se mistura com o global, confundindo as percepções do celtismo de seus próprios viventes. As novas tecnologias de informação tornam essa percepção ainda mais confusa. Nada é transparente o suficiente para que se perceba onde algo está estruturado em celtitude e onde começa a mercantilização das celticidades.

Para a maioria dos seus consumidores isso não importa, pois não existe a percepção e diferenciação destas vivências. Até mesmo porque em muitos casos galegos e irlandeses, explorar novas formas de representação de seu passado céltico nem mesmo envolve novas formas de tecnologia de informação como a internet. É muito comum inclusive, sobretudo entre os mais velhos, uma busca por reinvenção de tradições por meio de suportes materiais alternativos.

É o caso, por exemplo, de um senhor residente em Sligo, chamado Michael Quirke. Quirke se define como “*Wood carver and Word weaver*”⁷⁵. No entanto, em sua pequena loja no centro comercial de Sligo ele se proclama representante dos mitos celtas da região. No entanto, o que ele realmente passa o dia fazendo são esculturas e entalhes de madeira.

Nestes entalhes ele costuma representar antigas lendas celtas e alguns poemas de Yeats. Sua tática de venda é um tanto quanto controversa, afinal, ele costuma passar horas falando sobre cada mito e lenda por de trás de seus trabalhos. Procura estar sempre informado sobre o passado e a genealogia irlandesa e diz que inventou uma tradição inexistente na Irlanda que é o de esculturas celtas de madeira.

Sua preocupação segundo suas próprias palavras é manter a tradição celta da Irlanda viva. O trabalho de Quirke é elogiado pelos moradores e trabalhadores de Sligo e recebe menção honrosa em periódicos e também na internet, onde apesar dele não se aventurar é possível ver vídeos postados por pessoas que tiveram contato com ele. Além disso, sua imagem é explorada por agências de turismo que o indicam como parte dos atrativos célticos da região.

O celtismo em sua base de representação sempre transita entre espaços tradicionais e alternativos. Mesmo aqueles que usam de seus elementos com celtitude podem fazer parte mesmo que de maneira involuntária em formas mercantilizadas. Isso por conta da atuação desta sociedade de consumo sobre os bens culturais célticos.

O caso de Quirke na Irlanda é peculiar por conta do aspecto involuntário que este se insere mercadologicamente entre o tradicional e o alternativo. Um caso diferente ligado ao uso de tradições célticas, nós podemos observar na Galiza, onde encontramos a inserção voluntária destes elementos com a premissa de uma defesa de celtitude.

⁷⁵ Marceneiro e tecedor de palavras.

Na Galiza é comum encontrarmos restaurantes e pubs dos mais variados. Em A Coruña, por exemplo, nós encontramos um pub que agrega valores próprios da celtitude galega, mas buscando sua mercantilização temática. O próprio nome do estabelecimento, “A Cova Céltica”, nos remete aos primeiros grupos regionalistas ligados a história política galega, inclusive.

Na cova céltica se promove a gastronomia, os esportes e, sobretudo a música galega. É um reduto folclórico como tantos na cidade que promovem o celtismo e o a cultura regional. No entanto, é interessante a proposta do local que voluntariamente mercantiliza e vende um estabelecimento por meio de uma comodificação de elementos celtas, mesmo que seu discurso oficial seja de uma objetiva celtitude.

O Pub possui página em redes sociais onde se comunica não apenas com galegos, mas com membros do mundo todo. E é nesse ponto que observamos o papel ambíguo que as novas tecnologias de informação e sua mediação de experiências de memória podem causar. Podem celticidade mercantilizada e celtitude se mesclar?

Aparentemente nos espaços tradicionais de representatividade céltica, onde os aspectos materiais e sociais da Memória céltica são bem delimitados isto teria certa dificuldade. No entanto, entre os “celtas cibernéticos” esta mescla não apenas parece plausível, como não afetaria o nível mental da dimensão da memória em um primeiro momento.

No campo da internet, sobretudo nas redes sociais, existe uma mediação diferenciada destes elementos célticos. Os sentimentos de autoafirmação e socialização de uma memória céltica são redefinidos pelas mídias sociais com grande velocidade. Esse processo torna a experiência e vivência do celtismo algo ambíguo. O caso do restaurante a “Cova Céltica” não é isolado. O número de grupos célticos nas redes sociais é profícuo, inclusive. Tanto grupos interessados em música quanto grupos de estudos folclóricos, arqueológicos ou de reconstrução histórica.

É interessante notarmos que em geral o mesmo conteúdo circula por todos esses grupos, com compartilhamento de informações muito parecidas quando não as mesmas. No caso galego, o fluxo de informação é maior que nos grupos irlandeses, pois além de informações célticas propriamente galegas ligadas a festivais, apresentações, música e notícias, estes grupos também compartilham informações ligadas a Irlanda com a qual ainda buscam identificar-se em moldes muito próximos do que a xeración nós postulava.

Na internet, todas essas demandas se entrelaçam. É possível perceber que existe uma nova forma de vivência sendo construída como extensão do que é feito nos espaços tradicionais de representatividade céltica. Até mesmo porque, em geral, no espaço virtual os celtas cibernéticos trocam informações consolidadas por experiências obtidas em espacialidades tradicionais.

A indústria fonográfica também se valerá de aspectos históricos e visuais célticos tradicionais para promover seus produtos, por exemplo. Grupos folclóricos irlandeses e galegos buscam inspiração no “mito do oeste” irlandês com canções e produções visuais de divulgação diretamente ligadas com a construção mítica dos mistérios celtas do interior.

Neste sentido, é comum encontrarmos grupos folclóricos que buscam legitimar-se enquanto célticos por meio dos meios tradicionais de representação céltica. Para este intento é utilizado elementos que extrapolam o âmbito musical, inclusive. Observamos, por exemplo, que grupos irlandeses buscam no mito do oeste inspiração para sua promoção tanto musical quanto estética. No caso galego, nós veremos uma leitura peculiar na musicalidade e visualidade. Muitos dos grupos musicais folclóricos mais tradicionais da Galícia têm em seus repertórios músicas baseadas em lendas locais, mas também releituras de músicas presentes em toda a franja céltica, em especial a Irlanda.

Neste sentido, é possível notar certo paralelismo na tradição galega com a irlandesa e por extensão, atlântica. Instrumentos musicais, estilo e repertório são realmente próximos. Mas o que chama a atenção mesmo é a ligação observada na representacional visual.

Um exemplo disso pode ser encontrado no trabalho do grupo musical galego “Luar na Lubre”. No disco do grupo lançado em 2012 sob o título de “Mar Maior” encontramos uma obra com músicas que misturam elementos célticos tradicionais da Galícia e a cultura irlandesa. Nós percebemos que até mesmo parte das músicas do álbum foram inspiradas no livro das invasões da Irlanda e na relação entre milésios e gaélicos irlandeses.



Figura 17 – Capa do Disco “Mar Maior” de Luar na Lubre, 2012. Fonte: site <http://www.luamalubre.com> acessado em 20/01/2014.

Como podemos observar pela imagem acima, a arte do disco é repleta de antigos Dolmens de pedra com espirais tanto galegas quanto irlandesas. Além disso, é retratado ao fundo a expedição feita pelos descendentes de Breogan até a ilha da Irlanda em uma representação visual direta da proposta musical do grupo que é o estreitamento folclórico da Galiza como franja atlântica, em especial a Irlanda. A aceitação tanto do mercado quanto da crítica especializada ao disco foi positiva, o que demonstra relativo sucesso na proposta do grupo.

A visualidade está diretamente atrelada não apenas a forma como a indústria cultural vende este ideal céltico, mas também na identificação imediata destes elementos com os bens

culturais que precisam a todo o momento se afirmar identitariamente enquanto céltico seja pela demanda política ou emocional.

Nos espaços virtuais a visualidade conta e é necessário demonstrá-la o tempo inteiro, pois a interação se dá basicamente por meio de atrativos visuais. Para fins mercadológicos muitas empresas ligadas a comodificação céltica atuam diretamente nestes grupos de celtas cibernéticos com lojas virtuais e divulgação de trabalho artístico. A circularidade ocorre de maneira muito rápida visto que, em geral, estes grupos todos estão conectados em uma rede de interesses.

É possível observar a interação destes celtas cibernéticos com diversas outras formas de celticidade, inclusive. O reconstrucionismo celta religioso e de grupos ligados a nova era é uma delas. Outras possibilidades são os aficionados por música folclórica e história destas regiões. Entre todos esses grupos existe uma interação e uma vivência partilhada de diferentes formas de memórias coletivas célticas distintas da representatividade em espaços tradicionais. No entanto, podemos observar que ainda assim nestas novas mídias busca-se a legitimação por interações feitas em espacialidades tradicionais, seja por algo que parte destas regiões ou que acabam tomando forma de maneira reificada, como o caso de grupos esportivos, de palestras e de apresentações e festivais de música.

É desta forma que na Galiza se introduziu a prática esportiva do futebol gaélico, por exemplo. Uma busca nitidamente ligada as heranças célticas da Galiza com a celticidade da franja atlântica tendo como referência a Irlanda. No âmbito musical é possível ver a divulgação da música tradicional galega, de seus gaiteiros e de festivais tomando forma pela própria internet. A necessidade de exposição visual é constante em todos esses casos.

No entanto, o que é nítido nesse uso de novas mídias na vivência diferenciada da memória céltica é o caráter global que a necessidade de afirmação assume em âmbito local. O discurso céltico regional tanto galego quanto irlandês começa a ganhar tons heterogêneos, apesar de entender-se como homogêneo.

Todas essas leituras diferenciadas promovidas pelos celtas cibernéticos e a força da comodificação dos elementos célticos tendem a criar, para além da mistura de experiências de memória, um conflito de interpretações das espacialidades célticas com impactos relevantes ao sentido de identidade nacional destes grupos.

O debate que aqui se segue é como a Memória coletiva céltica e estes novos meios de vivenciá-las em suas dimensões materiais, sociais e mentais evocam uma ruptura na percepção homogênea do celtismo que até então estes grupos partilhavam e demonstravam em suas representações tradicionais do mesmo.

É a partir desse momento que veremos como a mudança de percepção entre aspectos homogêneos e heterogêneos do celtismo será influenciada por esta crescente comodificação da identidade céltica, bem como as novas formas de atuação da celtitude. Em ambos os casos remodelando o sentimento de pertença destes grupos ao desestabilizar as relações de centro e periferia construídas sobre o celtismo.

4.3 A Cultura celta é homogênea ou heterogênea?

As celticidades fazem parte de construções fluídas. Dentro desta fluidez, a comodificação atua diretamente nas celticidades de maneira a entendê-las como algo imutável e abstrato, mas que pode ser mercantilizado. Acreditamos que este seja o principal erro da indústria cultural que circula bens culturais célticos.

Afinal, nós concordamos com Teixeira Coelho sobre este tópico inclusive, pois ao que parece estes agentes da comodificação celta entendem que *“aquilo que está dando certo, que tem público – isto é, que segue as leis do mercado -, não precisa de proteção.”* O que é uma afirmação um tanto quanto falsa se analisada diretamente. Principalmente sobre algo tão fluído.

Até mesmo porque, da mesma forma que nenhuma identidade é “garantida” nesta hipermodernidade com ritmos de consumo cada vez mais rápidos, o mesmo ocorre com os

bens culturais. Eles não são conquistas duradouras. Em verdade, nunca foram. Os aportes culturais sempre foram maleáveis e a construção das fronteiras étnicas dependia e ainda depende destes fluxos e vivências culturais.

No entanto, o deslocamento das percepções de tempo e a liquidez das relações sociais que hoje vivenciamos promovem um maior trânsito destes bens culturais célticos, bem como da necessidade de tornar público suas pertenças coletivas em constante autoafirmação. A comodificação destes elementos célticos é norteadada por este movimento inerente a construção social, inclusive.

O que devemos nos perguntar é até que ponto a percepção do que é “ser celta” é alterada por este processo e de que maneira. Até porque, ainda de acordo com Teixeira Coelho, os meios audiovisuais e a própria informática tem forte atuação neste sentido, sobretudo, ao passarem por cima das fronteiras nacionais e se apoiarem em modelos supranacionais e suprarregionais próprios de uma visão homogênea do celtismo.

Neste sentido, o modelo nacional e regional sofre um questionamento. Primeiro, porque inicialmente nós entendemos da mesma maneira que Harvey ao dizer que a ideia de uma celticidade homogênea foi construída a partir da relação histórica entre as regiões celtas periféricas e uma região hegemônica não céltica.

A própria construção identitária céltica enquanto uma identidade de resistência afirmará o sentimento de pertença céltica como algo homogêneo. O “ser celta” evoca a ideia de que existe uma série de características próprias do celtismo que o definem enquanto celta. É por meio destas características que se confunde a diversidade histórica destas regiões e provoca a noção de um celtismo homogêneo em toda a franja céltica.

Por outro lado, a atuação da comodificação celta, o exagero existente na exploração de seus bens culturais, e a hiperaceleração dos fluxos informacionais entre os diferentes grupos célticos, especialmente o galego e o irlandês, mostra uma faceta heterogênea destas regiões que até então os discursos unificados nublavam.

Esta não percepção da heterogeneidade céltica em muito se deve a própria reificação do celticismo como um conceito cultural dominante e periférico, resultando um entendimento simplificado e estereotipado por tipos ideias de celtitude destas regiões.

Por mais que o capital econômico gerado pela comodificação céltica ainda seja vendido como uma construção geral própria de todas as regiões célticas (mesmo as diaspóricas), a integração econômica não significa diretamente integração cultural e muito menos o engessamento de seus bens culturais célticos.

As formas de atribuição que o celtismo encontra nestes discursos são conflitantes. A desconstrução da noção de homogeneidade que a contemporaneidade nos traz por meio da comodificação do celticismo atua diretamente sobre a história e a identidade celta. Esse entendimento revela então um rompimento com as próprias leituras das representações artísticas e imagéticas célticas como algo homogêneo também.

Esta percepção pode gerar conflitos dentro do celtismo contemporâneo. No entanto, estes conflitos não são fenômenos atuais. Eles sempre existiram desde as primeiras definições culturais das fronteiras simbólicas e posteriormente étnicas do que era céltico.

Afinal, como explicar as diferentes formas representativas dos mesmos signos célticos entre galegos e irlandeses? E indo além, entre irlandeses do norte e irlandeses republicanos do sul? Nossa breve análise das construções históricas da identidade céltica e de sua vivência mostram essas variações de maneira clara.

A vivência do celtismo tanto na Irlanda quanto na Galícia é heterogêneo se pensarmos na dimensão social de suas memórias coletivas. O conflito reside na sua dimensão mental que desde as suas primeiras definições se pretenderam homogêneas.

Neste sentido, a heterogeneidade está presente desde as primeiras concepções identitárias do celtismo, mesmo as construções históricas feitas sobre a idade do ferro e o medievo. A

pluralidade de formas e a dificuldade de se construir um índice unificado de deidades ou até mesmo de estilos artísticos celtas apenas demonstra isso.

Um exemplo disso é o malabarismo acadêmico feito para tentar catalogar as principais divindades celtas continentais e insulares em um período de mil anos de cultura material, ou de se classificar estilos de arte do período de La Tène por todo o território celta entre o século V a.C. e o século III d.C.

O esforço acadêmico de colocar todas essas celticidades em um único e sólido grupo analítico vem obviamente dos seus sentimentos de homogeneidade para com o discurso céltico. Não se consegue perceber as suas nuances como heterogeneidades e quando as percebem, se tem a tendência de forçá-las a um modelo unificado.

Os principais conflitos existentes no debate acadêmico sobre a definição de um conceito apurado sobre o celtismo vêm em grande parte desta questão. Discutia-se a matéria céltica como um bloco onde ou se acredita na sua unidade ou questionava-se por completo a sua existência. Não se percebia que a heterogeneidade faz parte de suas construções discursivas.

Mesmo na esfera política repleta de celtitude é possível ver a homogeneidade passar por cima da heterogeneidade existente. Afinal, por mais que exista uma heterogeneidade inerente a construção de um Estado-nação que pretenda definir-se em meio a pluralidade, a política céltica tanto institucional quanto regional age enquanto um bloco cujo referencial é a homogeneidade cultural da franja céltica.

Neste sentido, o modelo político céltico se pretende enquanto um grupo unificado e busca subsídios representativos em um discurso de homogeneidade céltica que, seja por estratégia de ação ou associação de interesses, ignora as especificidades locais e busca uma centralidade periférica.

O processo de comodificação, por mais que seus agentes também não percebam, torna evidente um conflito básico do celtismo como um todo. É apenas por meio da percepção heterogênea que a identidade celta pode ser concebida como uma Política-vida que se traduza em uma política emancipatória efetiva.

É neste entendimento que a identidade celta como nos indica Harvey, possui alguns elementos centrais sim, mas não pode ser imposta como algo uniforme ou fixo, pois está em constante movimento e mudança dentro e entre as diferentes culturas célticas da franja atlântica.

E é apenas por meio da compreensão das variações de atuação do sistema de produção cultural céltico junto a política que os entraves que cerceiam a memória céltica enquanto base de uma identidade de resistência podem ser assimilados. Sem este entendimento, a polissemia da Memória cultural celta não será compreendida em suas três dimensões materiais, sociais e mentais e o discurso céltico parecerá tão abstrato e alegórico quanto espirais e nós celtas.

4.4 Da economia da celticidade a possibilidade de integração pela Memória.

A atuação da comodificação de bens culturais célticos atua então em duas vertentes. De um lado comercializa seus produtos dentro de uma lógica homogenia do celtismo. Vende experiências contemporâneas de um passado mítico e romantizado. De outro lado, sua velocidade e busca por novas formas de tornar o passado mítico em algo novo mostram uma face heterogênea do celtismo que até então ficava velado na percepção étnica de seus membros.

É nesta complexa relação existente sobre o celtismo que nós enxergamos a possibilidade do sistema de produção cultural de bens de consumo célticos vir a ajudar mesmo que involuntariamente a integração realmente efetiva do celtismo não apenas entre os demais membros da franja céltica, mas em suas demandas regionais por políticas que envolvam a sua Memória enquanto celtas contemporâneos.

Entendemos desta forma que a única maneira das demandas célticas tanto galegas quanto irlandesas (em diversos níveis) dentro da esfera pública se tornarem efetivas é por meio da compreensão de suas próprias variações culturais do celtismo, inseridos na própria percepção do que Astrid Erll colocaria do entendimento de novos modos de memória.

O enfoque neste sentido deve passar pela ideia não apenas de que o passado está continuamente se construindo e apresentando, mas principalmente no tocante a entender “o que” se lembra e o por que dessa comemoração da memória em escala coletiva.

A produção cultural e a commodificação de bens célticos segue as chamadas tendências de mercado, mas não percebe que ao fazer isso mostra os elementos diferenciais do celtismo galego em comparação aos outros territórios célticos e mesmo entre irlandeses dentro do próprio território irlandês.

Isso ocorre porque as políticas culturais acerca do tema tendem a seguir uma lógica monotemática da cultura com relação a experiência céltica seja ela galega ou irlandesa. Seguindo a proposta pensada por Teixeira Coelho sobre este tema, entendemos que a complexidade existente no sistema de produção cultural aplicada ao celtismo nos ajuda a pensar um pouco mais sobre o lugar ocupado pelo processo de commodificação de bens culturais célticos e seus desdobramentos em uma possível integração das diferentes dimensões da cultura e da memória célticas.

Desta maneira, os movimentos ligados a produção cultural como a criação, distribuição, troca e consumo, extrapola o que dita o modelo econômico céltico e atuam de maneira a ressaltar experiências próprias do celtismo local em esfera global.

Este processo costuma alavancar o já aqui falado conflito entre as percepções homogêneas e heterogêneas da memória céltica como um todo e se mostra um dos fatores preponderantes no conflito de interesses existente, por exemplo, na construção política do celtismo.

Estas demandas são por demais locais e não conseguem se sustentar ao se pensarem enquanto globais. A resistência política céltica também se mostra uma resistência econômica céltica e a falha efetiva dos agentes comodificantes do celtismo é parte deste raciocínio.

Não é por menos que um dos fatores preponderantes na falha de atuação de mercado do “Tigre Celta” irlandês nos anos após a crise de 2008 segundo Sean Kay foi a inadequação de pensar o commodity irlandês dentro da esfera global. Inclusive, segundo Kay, a “marca irlandesa” geralmente vista como um investimento de longo prazo deveria tentar casar a vivência local céltica de seus habitantes com a possibilidade de um mercado global.

No entanto, isto não parece tão possível assim. A circulação de bens culturais célticos é feita de maneira tão marginal e misteriosa quanto os elementos vendidos como célticos por companhias de turismo, por exemplo. Não existe uma preocupação de entender como as demandas locais reagem a estas propostas e muito menos de como os diferentes celtismos existentes na periferia atlântica europeia atuam.

Estas posturas não conseguem compreender os diferentes estilos de vida célticos para além do consumismo superficial publicitário. Este estilo de vida, entendido aqui como nas ideias de Giddens como algo que pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça não apenas por seu utilitarismo, mas principalmente por definir cotidianamente sua narrativa particular de auto identidade, é negligenciado e gera conflitos indentitários.

A resposta para estes conflitos estaria talvez não como pensa Sean Kay na busca por uma redenção do celtismo como um commodity que possa reavaliar a forma como irlandeses e galegos pensam sua própria memória céltica, mas provavelmente na reavaliação da experiência personalizada versus a experiência mercantilizada da memória céltica contemporânea.

O projeto de um eu céltico consolidado por meio da vivência individual de uma memória coletiva céltica local sofre com os fortes efeitos padronizadores do capitalismo mercantil, como podemos observar. Neste sentido, a regulação de um consumo identitário céltico em padrões homogêneos em toda franja atlântica formam uma das bases do conflito na formação de um eu céltico e até mesmo de um estilo de vida céltico.

Afinal, a expansão contínua do mercado ataca a tradição. Por mais que dentro da franja céltica se busque legitimar o mercado com uma propaganda da tradição, ela não é respeitada por um mercado de bens culturais que não consideram formas preestabelecidas de comportamento que por sua atuação resistente no caso céltico atrapalham as ideias de livre troca.

Desta forma, por mais que a commodificação da identidade céltica mostre de forma conflitante a existência de visões locais de celticidade ao longo da franja céltica, ela a ignora e tenta a todo momento corromper artificialmente a própria construção de um estilo de vida céltico localmente construído. Estes estilos de vida artificialmente criados podem fazer sucesso junto de comunidades diaspóricas, mas entre os viventes da franja céltica isto apenas agrava o conflito entre a visão homogênea de um celtismo vivido localmente e a esfera heterógena que a comparação e envolvimento mercadológico trazem.

Acreditamos a priori que o projeto reflexivo do eu céltico apenas não se tornou totalmente mercantilizado, pois a memória coletiva céltica e principalmente o uso político do mesmo continua atuante e representando-se de maneira resistente. Sem estas intervenções baseadas na própria construção histórica do celtismo galego e irlandês, muito provavelmente suas identidade teriam sido totalmente consumidas pela experiência mercantilizada.

É justamente no conflito aqui gerado que a experiência e vivência das memórias coletivas célticas fornece subsídios para o projeto reflexivo do eu tomar forma entre a construção histórica resistente e a mercantilização plástica.

É por meio dos chamados dilemas do eu como postula Giddens que entendemos a possibilidade de uma política-vida céltica consistente na contemporaneidade. Esses dilemas envolvem o embate entre unificação e fragmentação, impotência e apropriação, autoridade e incerteza e experiência personalizada e mercantilizada. Todos esses elementos surgem por meio dos problemas contemporâneos sobre a identidade e são catalisados pela commodificação de bens culturais celtas.

Entre a Unificação e a fragmentação, a experiência transita entre seu imaginário coletivo de participar de uma celticidade homogênea e a vivência local diferenciada em meio a tantas variações de celticidade existentes não apenas entre galeses e irlandeses, mas possivelmente por toda a franja céltica e grupos diaspóricos.

O projeto reflexivo do eu céltico encontra-se no meio termo entre os diferentes acontecimentos contextuais dos quais atuam as celticidades e a celtitude, buscando de maneiras diferenciadas a melhor forma de experimentar suas memórias coletivas célticas por meio da variedade de mídias e aportes culturais existentes na contemporaneidade.

A fragmentação identitária também afeta os processos de apropriação, o que acaba por gerar o dilema entre a impotência de se escolher um estilo de vida mutável e a capacidade de apropriação destes estilos de maneira a sanar parcialmente a não garantia identitária posta pela fluidez dos fluxos culturais da modernidade.

É nesta mutabilidade que a celtitude atua entre a autoridade e a incerteza, onde o indivíduo céltico deve colocar seu projeto reflexivo do eu entre a lealdade com as tradições célticas altamente resistentes dentro de sua própria estruturação e a incerteza presente na modernidade, não apenas na relação com os outros grupos da franja céltica, mas também dentro da lógica existente entre estas regiões e a noção forjada de europeidade, bem como da relação entre o local e o global.

É a partir então do conflito entre a experiência personalizada e a mercantilizada que encontramos todas essas distinções que desafiam a estruturação de uma política vida céltica

atual. Os usos das memórias coletivas célticas aqui empreendidos são os principais mediadores entre estes conflitos, onde a apropriação pessoal destes valores resistentes flerta a todo momento com as influências padronizadas do consumo identitário.

A lógica é conseguir entender a memória céltica em suas pluralidades. Apenas conseguindo entender que as vivências do celtismo são plurais que a política vida céltica seja ela irlandesa ou galega conseguirá estruturar-se em suas demandas emancipatórias históricas locais.

Este entendimento é um tanto próximo do que Gérard Namer colocará sobre a corrente de pensamento coletiva que, dentro do âmbito céltico, faz parte de uma Memória Social Celta formada por uma infinidade de memórias coletivas repletas de celticidades. O entorno social que consegue agregar estas diferentes memórias célticas é compreendido como homogêneo, apesar de sua composição heterogênea e com inúmeras variações.

Sendo esta memória social céltica formada por uma virtualidade de memórias coletivas, pois é estruturada por uma ou muitas memórias comemoradas pelos grupos resistentes, o poder unificador discursivo de uma dimensão social da memória e cultura céltica será relativo a cada um destes grupos em particular, seja ele galego ou irlandês.

No entanto, este relativismo significa que há tantas reconstruções do passado quanto grupos célticos e que estas construções de um mesmo evento diferem segundo a deformação, a escolha e os esquecimentos que a memória de cada grupo exige.

Canalizar estas diferentes demandas entre tantos dilemas existentes no projeto reflexivo do eu céltico só é possível quando estas memórias coletivas célticas se perceberem como plurais entre si e não parte de um único discurso periférico.

Neste sentido, é de nosso entendimento que apenas quando estes celtas da atualidade compreenderem que suas vivências, por mais próximas que sejam de um cultura atlântica, ainda assim possuem contextos e demandas políticas diferenciadas que eles conseguirão se impor frente ao líquido e comodificado mundo moderno, em uma política emancipatória

que parte da memória social celta para justificar sua resistência contínua contra a desigualdade e opressão.

Em outras palavras, apenas quando todos aqueles que vivem das celticidades e celtitudes se perceberem diferentes apesar do parentesco atlântico que possivelmente galegos e irlandeses conseguirão retirar as amarras que mantêm o moribundo Cuchulainn derrotado na luta pelo celtismo e assim vislumbrar novos horizontes da mesma maneira que os filhos de Breogan fizeram ao contemplar o mar céltico do passado.

Conclusão

Irlanda e Galiza mantêm um celtismo vivo desde o momento em que se construíram até os dias atuais. A chama do celtismo lá reside e por meio deste estudo, nós conseguimos identificar em termos gerais de que é feito este celtismo.

Claro que foi impossível no curso de pouco menos de dois anos de pesquisa incisiva abarcar todas as definições e celticidades existentes nestas duas regiões atlânticas. No entanto, dentro das possibilidades deste estudo e por meio de uma pesquisa de campo bem objetivada, nós conseguimos perceber e responder muitas de nossas dúvidas iniciais, além de abriremos outras tantas perguntas das quais esperamos uma melhor compreensão no futuro.

Em verdade, essa pesquisa nos possibilitou a uma viagem pelo tempo e espaço construído e imaginado pela franja céltica atlântica. Mitos, lendas e tradições locais ou partilhadas entre Irlanda e Galiza foi o material vivo que esse estudo obteve como base. Além disso, da mesma maneira que a memória social céltica é formada, ela também resiste no cotidiano das duas extremidades atlânticas do continente europeu.

Perseguindo esta idéia, nós entendemos que o conceito de franja céltica pode ser aplicado diretamente nas relações culturais e no desenvolvimento de memórias coletivas célticas entre a Irlanda e Galiza. Esta partilha é construída, sobretudo, por meio do conceito de Periferia como base constituinte de um celtismo, como nos coloca Leersen.

Ao entendermos que a construção de um discurso céltico contemporâneo se apóia na sua característica periférica, não é difícil imaginar como ele se desenvolve por meio de uma fala resistente. Signos, lendas, músicas são estrategicamente descritas em consonância com diferentes dimensões da memória cultural céltica que sempre se opõe a uma identidade exterior que as oprime e as coloca na periferia do mundo europeu.

Não é por menos que a Memória Social nos possibilita a análise do celtismo justamente por esses diversos meios, suportes e dimensões contemporâneas. Afinal, toda a capacidade do celtismo como categoria transformadora e produtora de diferença como meio político, cultural ou econômico é justificado por esta busca por uma identidade e pertença céltica. A

construção imaginada e partilhada por estes grupos folclóricos supostamente unificados em uma Memória Social céltica é o cerne de nossa dissertação.

Neste sentido, a transversalidade da Memória Social é a expressão máxima das diferentes possibilidades analíticas entre Irlanda e Galiza. As diversas representações do celtismo se correlacionam com certos aportes culturais e que interagem diretamente com a produção mnemônica, sobretudo, os aspectos materiais, sociais e mentais na composição dimensional da cultura e da Memória como já apontado por Astrid Erll.

Concluimos no decorrer deste estudo que um aspecto geral do celticismo é a dimensão cultural formadora de fronteiras étnicas da identidade celta atual, polissêmica e atuante nos mais diversos meios sociais como pessoas, instituições e relações afetivas, bem como, o próprio meio material com artefatos, diferentes mídias e demais repositórios dos mais diversos níveis mentais humanos destas regiões periféricas atlânticas.

O ponto primordial desta representação é como demonstramos o aspecto resistente. Afinal, mesmo que a vivência contemporânea dos antigos celtas promova a formação de imagens célticas fragmentadas e marginalizadas, algo ainda se mantém resistente e vivo em suas representações coletivas, pois não se pode falar de celtismo sem falar de resistência e vivência apaixonada.

A construção céltica é uma tradição inventada resistente e articuladora dessa periferia atlântica. Seus ícones estruturam mesmo os debates acadêmicos sobre o tema como uma via de mão dupla e por meio de leituras modernas de lendas de séculos atrás elas mantêm um caráter de aceitação efetiva e afetiva nas memórias coletivas dos viventes célticos.

A dedicação com a qual ícones e símbolos celtas presentes em narrativas medievais como o ‘Livro das invasões da Irlanda’, o ‘Colóquio dos anciãos’ e ‘O Táin’ são representados demonstram de maneira clara o uso instrumental e resistente destes elementos célticos imaginados e inventados em seu trabalho de Memória.

A Iconografia que analisamos nesta pesquisa constitui parte dessa identidade resistente celta que está em constante interpolação de suas fronteiras de reconhecimento, afirmação e atribuição simbólicas.

Este movimento tende a modificar os códigos e referências sociais sobre estas celticidades vividas no campo da memória e evidentes entre as diferenciadas percepções de celticidade e celtitude que formam diretamente o que chamamos de celtismo tanto no caso irlandês como galego.

E isto forma diferentes maneiras se compreender o projeto reflexivo do “eu celta” seja entre celticidades ou celtitudes. A única forma de entender como estas celticidades formam um discurso coeso acerca do que é “ser celta” se encontra em esmiuçar o processo de construção identitária de cada uma destas populações.

Estas diferentes maneiras se traduzem por meio justamente da celticidade e celtitude. Até porque dentro de nosso aprofundamento sobre o celtismo, nós entendemos a celticidade como algo de caráter realmente emocional. Um amálgama de sentimentos abertos por tudo aquilo que possa de alguma maneira ser representado como céltico. A celticidade em nosso entendimento é construída por sua emotividade e não conhece delimitações geográficas, pois é estruturada de maneira pessoal e consumida de sem referenciais históricos definidos.

A celtitude, apesar de agir de maneira complementar ao conceito de celticidade é relativamente diferente. A celtitude é entendida aqui neste contexto como um trabalho que envolve diretamente a resignificação da memória. A celtitude envolve uma projeção étnica do passado de maneira a afirmar uma identidade céltica presente. Cada grupo céltico desenvolve um estilo de celtitude diferenciado de acordo com suas especificidades.

É a compreensão da aplicabilidade destes conceitos no mundo galego e irlandês que define em suas nuances a mutabilidade da vivência mnemônica coletiva céltica em suas interações interétnicas e também intraétnicas.

Estas diversas interações atuam diretamente nos projetos identitários destes grupos e mais especificamente na maneira como eles consomem sua própria identidade e expressam seu sentimento de pertença.

O passado esquecido que necessita a todo o momento ser resgatado alimenta a invenção de memória céltica nestes grupos e promove em muitos casos uma mercantilização do próprio passado céltico.

Ao posicionar suas próprias celticidades junto de elementos próprios da noção periférica de celtismo, diversos agentes como o turismo, por exemplo, conseguem mercantilizar a experiência étnica céltica e commodificar a identidade com uma gama infundável de elementos célticos tradicionais e contemporâneos como se fossem uma coisa só.

A tendência da sociedade de consumo é atualizar diversos elementos celtas, principalmente mitos nacionais bem estruturados como Breogan, Cuchulainn ou os Fianna presentes nas antigas narrativas. Principalmente por esta identidade celta se mostrar altamente mutável, como nós percebemos por sua construção histórica de fronteiras étnicas redefinidas dia após dia.

Esse processo de commodificação céltica atua em seu mercado com diferentes mídias, mas sempre usando da herança mítica e em muitos casos territoriais para legitimar-se enquanto produto.

Esta diferente leitura influencia não apenas no sentimento de pertença, mas na formação de diferentes espacialidades tradicionais e alternativas de expressão deste celtismo galego e irlandês. As representatividades plurais atuam por meio de bens culturais dos mais diversos e, no caso do celtismo, o capital cultural aqui é incorporado a diversos grupos com diferentes mediações.

A Memória que partilham em espaços tradicionais ou alternativos atua com funcionalidades diferentes, mesmo que possuam um aporte simbólico semelhante. As mídias novas e tradicionais formam uma rede de saberes compartilhados, onde a vivência céltica local se mistura com o global, confundindo as percepções do celtismo de seus próprios viventes. As novas tecnologias de informação tornam essa percepção ainda mais confusa. Nada é

transparente o suficiente para que se perceba onde algo está estruturado em celtitude e onde começa a mercantilização das celticidades.

A tendência direta é promover uma ruptura com as próprias percepções do seu projeto reflexivo do eu céltico entre galegos e irlandeses por meio de memórias coletivas célticas das mais diversas. O entorno social aqui com seus conflitos diários na formação de uma identidade céltica resistente consegue agregar estas diferentes memórias célticas e é compreendido como homogêneo, apesar de sua composição heterogênea e com inúmeras variações.

Canalizar estas diferentes demandas entre tantos dilemas existentes no projeto reflexivo do eu céltico só é possível quando estas memórias coletivas célticas se perceberem como plurais entre si e não parte de um único discurso periférico.

Neste sentido, é de nosso entendimento que apenas quando estes celtas da atualidade compreenderem que suas vivências, por mais próximas que sejam de uma cultura atlântica, ainda assim possuem contextos e demandas políticas diferenciadas que eles conseguirão se impor frente ao líquido e comodificado mundo moderno, em uma política emancipatória que parte da memória social celta para justificar sua resistência contínua contra a desigualdade e opressão.

Irlanda e Galiza têm tanto em comum nas suas construções célticas quanto possuem diferenças. O que define suas proximidades é o esforço que ambas possuem de legitimar suas pertencas por meio do pertencimento céltico. O caráter resistente de suas formações identitárias é definido, sobretudo, pela estética própria de uma tradição e também de uma memória coletiva céltica inventada e que ganha contornos novos e bastante flexíveis com a modernidade.

Existe então uma invenção de memória céltica que permeia o cotidiano galego e irlandês e que reproduz um discurso tradicional imaginado por seus viventes de maneira homogeneizada, mesmo que seja na prática, local e heterogêneo. É a crença em uma eterna resistência frente outras identidades européias majoritárias e opressoras que definem o seu caráter enquanto grupo periférico e as demais condições básicas pelas quais galegos e

irlandeses resistem. Afinal, eles são celtas e mesmo derrotados eles continuarão lutando e resistindo ao que for.

Referências

- ALBERRO, Manuel. *Os celtas da antiga Gallaecia*. A Coruña:Editorial Toxosoutos, Série Keltia, 2004.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo : Companhia das Letras, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo. Horizonte: UFMG; 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo, Paz e Terra, 2010.
- CASTLE, Gregory. *Modernism and the Celtic Revival*. Cambridge university press, Nova York, 2001.
- CHENG, Vincent J. Catching the conscience of a Race: Joyce and Celticism. In: BEJA, M. & Norris, D. eds; *Joyce in the hibernian Metropolis: Essays*. Ohio State University Press, 1996.pp 21-43
- COELHO, Teixeira. *Guerras culturais: Arte e política no novecentos tardio*. Iluminuras. 2000.
- CONSIDÈRE-CHARON, Marie-Claire. *Irlande: Unesingulièreintégrationeuropéenne*. Paris: Economica, 2002
- DE LA PEÑA, Antonio. *Galiza: Prehisoria, Castrexo e primeira romanización*. Vigo: Edicions a nossa terra, 2003.
- DIETLER, Michael. Celticism, Celtitude, and Celticity: The Consumption of the Past in the Age of Globalization, IN S. Rieckhoff, ed., *CeltesetGauloisdansl'histoire, l'historiographieet l'idéologie moderne. Actes de latable ronde de Leipzig, 16-17 juin 2005*. Glux-en-Glenne: Bibracte, Centre ArchéologiqueEuropéen (Bibracte 12/1), 237-248.

ERLL, Astrid, NÜNNING, Ansgar (Edit.). *Cultural memory studies: an international and Interdisciplinary Handbook*. Berlim/Nova York: de Gruyter, 2008.

FERNÁNDEZ, Bieito Alonso. *Breve História do Nacionalismo Galego*. Vigo: A Nossa Terra, 1999.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge

GÖTZ, Manuel Alberto Fernández. *A construción arqueolóxica da etnicidade*. A Coruña: Editorial Toxosoutos, série Keltia, 2009.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: _____. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. p.29-70.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David C. (Ed.). *Celtic Geographies: old culture, new time*. Londres: Routledge, 2002.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

JAMES, Simon. *The Atlantic Celts: Ancient people or modern invention?*. Wisconsin, E.U.A. University of Wisconsin Press, 1999.

JEFFERSON, Kurt W. *Celtic Politics: Politics in Scotland, Ireland and Wales*. University press of America, 2011.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Editora Papyrus; 2007.

KAY, Sean. *Celtic Revival? The Rise, Fall, and Renewal of Global Ireland*. Maryland: Rowman & Littlefield, 2011

KIBERD, Declan. *Inventing Ireland: The literature of the modern nation*. Londres, 1996.

- KINAHAN, Frank. Douglas Hyde and he King of the Chimps: Some Notes on the De-Anglicization of Ireland. In: EDESLTEIN, T.J. ed, *Imagining an Irish past: the celtic revival 1840-1940*. Chicago: The Smart Museum of Art, 1992.
- LEERSEN, JOEP. Celticism. In: Brown, Terence. *Celticism*. Amsterdam: Studiaimagologica, 1996. pp 1-20.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória: IIº volume Memória*. Lisboa: Edições 70, 1982
- MACKILLOP, James. *Dictionary of Celtic Mythology*. Nova York: Oxford University Press, 2004.
- NAMER, Gérard. *Memoire et societ e*. Paris: M ridien, 1987.
- NELSON, Bruce. *Irish nationalists and the making of the irish race*. Nova Jersey: PrincentonUniversity Press, 2012.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugres*. São Paulo, Projeto História – Revista do Programa de Estudos pós-graduados em Hist riado departamento de História. V. 10, 1993.
- O’NEILL, Tom. “Os doces barbaros: A cultura e o espírito indômito dos celtas ainda pulsam ao longo do litoral atlântico da Europa.”In: *NationalGeographic Brasil*, São Paulo: Abril, Ano 6; n  72, março 2006.
- PITTOCK, Murray G.H. *Celtic identity and the British image*.Manchester: Manchester University Press, 1999.
- POLLAK, M. Memória e identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 2000-212, 1992.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne.*Teorias da Etnicidade*. São Paulo:Editora Unesp, 2011.
- ROSS, David. *The Celts of the British Isles*.Geddes&Grosset, 2004.

SANTANA, Beatriz Díaz. *Os Celtas em Galiza: Arqueoloxía e política na Creación da identidade galega*. A Coruña: Editora Toxosouto, 2002.

SILVA, Sérgio Luiz Pereira. *Sociedade da diferença: formações identitárias, esfera pública e democracia na sociedade global*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SISSON, Elaine. *Pearse's Patriots: St Enda's and the cult of Boyhood*. Cork: Cork university Press, 2005.